



UNIVERSIDADE DO ALGARVE
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

A inclusão de uma criança com NEE no jardim de infância: um estudo de caso

CARINA ISABEL CABRITA BENTES

Relatório de Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar para obtenção do grau
de Mestre em Educação Pré-Escolar

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Professora Doutora Maria Leonor Alexandre Borges dos Santos Terremoto

FARO, 2014



UNIVERSIDADE DO ALGARVE
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

A inclusão de uma criança com NEE no jardim de infância: um estudo de caso

CARINA ISABEL CABRITA BENTES

Relatório de Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar para obtenção do grau
de Mestre em Educação Pré-Escolar

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Professora Doutora Maria Leonor Alexandre Borges dos Santos Terremoto

FARO, 2014

*A inclusão de uma criança com NEE no jardim de infância:
um estudo de caso*

Declaração de autoria do Relatório de Estágio

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Carina Isabel Cabrita Bentes

Copyright - Universidade do Algarve. Escola Superior de Educação e Comunicação.

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

“Estar incluído é muito mais do que uma presença física: é um sentimento e uma prática mútua de pertença entre a escola e a criança, isto é, o jovem sentir que pertence à escola e a escola sentir que é responsável por ele”.

(Rodrigues, 2003, p. 95)

Agradecimentos

A realização do presente estudo tornou-se possível através da colaboração e do apoio de algumas pessoas que me acompanharam e caminharam comigo ao longo deste desafio, ajudando-me a alcançar mais uma etapa na minha vida. Cabe-me, então, expressar os meus sinceros agradecimentos:

- À minha orientadora, Professora Doutora Maria Leonor Borges, por todo o apoio e auxílio nas várias etapas deste estudo; pelos sábios esclarecimentos às inúmeras dúvidas e questões que lhe coloquei; pela dedicação e disponibilidade constantes ao longo de todo o processo;

- À instituição onde realizei o meu estágio de Prática de Ensino Supervisionada (PES), por toda a disponibilidade e por todas as aprendizagens que me proporcionou;

- Ao João¹, por ter tornado este estudo possível e pela força inacreditável que tem;

- À mãe do João, por se ter demonstrado sempre bastante disponível e por ter permitido a realização do presente estudo;

- À educadora do João, por todas as informações disponibilizadas e por todo o apoio prestado;

- À coordenadora pedagógica da instituição pela disponibilidade;

- À Mestre Maria Helena Horta, professora da unidade curricular de PES, por todo o apoio e por ter feito parte deste processo;

- À minha amiga e companheira de estágio, Mafalda Guerreiro, por me ter acompanhado ao longo de toda esta etapa, por me ter apoiado em todos os momentos e por, juntas, termos sempre caminhado no mesmo sentido;

- À Cátia Batista e à Mónica Barnabé, amigas incansáveis em todos os momentos, com as quais partilhei alegrias, medos, receios e dúvidas, mas que fizeram tudo valer a pena;

- À Joana Coelho, pela atenção, pelo carinho, pela disponibilidade e pelo incentivo sempre que precisei. Pela revisão de todas as palavras e pela amizade inabalável que sempre tivemos;

- A toda a minha família e amigos que sempre souberam respeitar as minhas ausências sem nunca me cobrarem nada, acreditando e apoiando-me ao longo de todo o meu trabalho;

- À minha Mãe e ao meu Pai, por sempre acreditarem em mim, pelo orgulho que demonstram ter e por me ajudarem a tornar este sonho possível.

Obrigada, do fundo do meu coração.

¹ Nome fictício da criança em estudo

Resumo

O presente relatório enquadra-se no estágio realizado em contexto pré-escolar, no âmbito da unidade curricular de PES, ao longo do ano letivo de 2013/2014, num jardim de infância (JI) situado na cidade de Faro.

Pretende-se, como objetivo geral, compreender o processo de inclusão de uma criança com necessidades educativas especiais (NEE) no jardim de infância. Para se atingir o objetivo geral e os objetivos específicos que dele surgiram, recorreu-se a uma investigação de natureza qualitativa, numa abordagem interpretativa e tomando por *design* o estudo de caso. Assim sendo, numa primeira fase, procedeu-se à análise documental, mais concretamente do Projeto Educativo (PE) da instituição, sendo este um dos principais documentos orientadores da vida organizativa das instituições. Numa fase posterior, aplicaram-se entrevistas semiestruturadas a três intervenientes (coordenadora pedagógica, educadora e mãe da criança com NEE) com o objetivo de conhecer e compreender as perceções de cada um sobre o processo de inclusão da criança com NEE no jardim de infância. Ao longo da investigação recorreu-se, também, à técnica de observação não-participante e ao registo de notas através de um diário de campo, de forma a complementar as informações obtidas através das restantes formas de recolha de dados.

Com o presente estudo, verificou-se que são variados os fatores que acabam por influenciar o processo de inclusão de uma criança com NEE, neste caso, no jardim de infância. A escolha da instituição, o momento da matrícula, as estratégias utilizadas por parte dos profissionais, a superação dos medos e receios por parte destes, a aceitação por parte das restantes crianças e até mesmo a relação entre a família e a instituição são fatores que influenciam todo o processo e determinam o sucesso da inclusão da criança. Reconhece-se a importância da educação inclusiva e toma-se consciência da diversidade de fatores como os referidos como necessários para a sua concretização. A educação inclusiva só se consolida com a prática de quem a implementa, assentando no princípio de tratamento igual de todas as crianças, respeitando as diferenças individuais e pressupondo diversidade curricular e de estratégias de ensino/aprendizagem.

Palavras-chave: Inclusão; educação inclusiva; NEE; jardim de infância; estudo de caso.

Abstract

The present report is stated based on the internship realized in a pre-school context within the course of Supervised Teaching Practice (STP) throughout the school year 2013/2014, in a kindergarten located in the city of Faro.

It is intended as a general goal to understand the process of inclusion of children with special educational needs (SEN) in kindergarten. To achieve the overall goal and specific objectives that have emerged, we resorted to an investigation of a qualitative nature, taking an interpretative approach by a case study. Thus, initially, we proceeded to the institution document analysis, specifically the Education Project (EP), this being one of the main documents guiding the organizational life of the institution. At a later stage, we applied semi-structured interviews with three stakeholders (educational coordinator, educator and mother of the child with SEN) in order to know and understand the perceptions of each of this stakeholders about the process of inclusion of children with SEN in kindergarten. Throughout the investigation we also used the technique of non-participant observation and registration of notes in a field diary, in order to complement the information obtained through other forms for data collection.

With this study we realized that there are varied factors that ultimately influence the process of inclusion of a child with SEN, in this case, in kindergarten. The choice of institution, date of registration, the strategies used by professionals and overcoming their own fears and apprehension, the acceptance by other children and even the relationship between the family and the institution are factors that influence the whole process and determine the success of child's inclusion. We recognize the importance of inclusive education and become aware of the diversity of factors such as those mentioned as needed for their achievement. Inclusive education can only be consolidated with the practice of the ones who implement it, based on the principle of equal treatment of all children, respecting individual differences and assuming curriculum and teaching strategies / learning diversity.

Keywords: Inclusion; inclusive education; SEN; kindergarten; case study.

Índice geral

Agradecimentos	v
Resumo	vi
Abstract	vii
Índice geral	viii
Índice de tabelas	x
Lista de siglas	xi
Introdução	1
Capítulo I – Enquadramento teórico-conceptual	4
1. Educação inclusiva	4
1.1. Conceito de educação inclusiva	4
1.2. Resposta legislativa para a promoção da educação inclusiva	6
1.3. Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar	8
2. Crianças com NEE e a educação inclusiva no jardim de infância	9
2.1. Conceito de NEE	9
2.2. Crianças com NEE em interação com outras crianças	11
2.3. Papel das famílias de NEE na educação inclusiva	12
2.3.1. Famílias de crianças com NEE	12
2.3.2. A relação família/jardim de infância na educação de crianças com NEE	13
Capítulo II – Orientações metodológicas	16
1. Desenho do estudo	16
2. Objetivos do estudo	17
3. Natureza do estudo	18
4. Estudo de caso	19
5. Participantes	19
6. Técnicas e instrumentos de recolha de informação	20
6.1. Análise documental	20
6.2. Entrevistas semiestruturadas	21
6.3. Observação não-participante	22
6.4. Diário de campo	23
Capítulo III – Análise e interpretação dos dados	24
1. Perspetivas sobre a educação inclusiva	24
2. Compreender o processo de inclusão da criança com NEE	26

2.1. O percurso institucional da criança	26
2.2. Principais dificuldades na inclusão da criança no atual jardim de infância	27
2.3. Dificuldades superadas	30
2.4. Inclusão na sala de atividades	32
2.5. O papel da coordenadora pedagógica	35
2.6. O contributo da relação entre a família e o jardim de infância	36
Conclusões	39
Reflexão final	44
Referências bibliográficas	48
Anexos	52

Índice de tabelas

Tabela 2.1 – Desenho do estudo	16
--------------------------------------	----

Lista de siglas

APPC	Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral
IPSS	Instituição Particular de Solidariedade Social
JI	Jardim de Infância
LBSE	Lei de Bases do Sistema Educativo
NEE	Necessidades Educativas Especiais
OCEPE	Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar
PCG	Projeto Curricular de Grupo
PE	Projeto Educativo
PES	Prática de Ensino Supervisionada
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Introdução

O presente relatório tem por tema a inclusão de uma criança com NEE no jardim de infância e desenvolveu-se no âmbito da unidade curricular de PES, em contexto pré-escolar numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), localizada na cidade de Faro.

A escolha do tema deste relatório emergiu de interesses e de motivações pessoais, de situações que caracterizaram o decorrer da prática pedagógica desenvolvida ao longo da PES e pelo facto de se tratar de uma realidade existente e que marca, neste caso, a educação pré-escolar. Por partir de interesses e de motivações pessoais, pretendeu-se com a realização deste relatório produzir uma investigação que proporcionasse o desenvolvimento e melhoramento da minha prática profissional pois, tal como refere Vasconcelos (2009) “o estudante, em interação com formadores e cooperantes, torna-se no centro do seu próprio processo formativo: em interacção com outros, e por causa dessa interacção, torna-se motor do seu próprio processo de desenvolvimento, autor e actor da sua formação” (p. 45).

Assim, deu-se início à presente temática associada ao processo de inclusão de uma criança com NEE no jardim de infância sendo que, atualmente, um dos objetivos fundamentais da educação é promover a partilha de saberes e vivências para melhor favorecer o desenvolvimento de cada ser humano. É nesta linha que surge o conceito de inclusão, na medida em que o seu verdadeiro sentido pressupõe a interação de crianças e adultos com e sem necessidades educativas especiais, sendo a escola, neste caso o jardim de infância, um local privilegiado para esta interação social. Seguindo esta perspetiva, a escola passa a ser vista como um lugar onde todas as crianças têm o direito de aprender e de conviver mutuamente, ou seja, passa a ser “uma escola para todos”, respeitando e aceitando as diferenças, características e especificidades que possam existir.

Seguindo a ideia de socialização, considerou-se pertinente abordar a questão das famílias de crianças com NEE pois, para além de a família ser um dos principais pilares no mundo social da criança, a relação que estabelece com a instituição é bastante importante ao longo de todo o processo de inclusão. A inclusão de crianças com NEE nas chamadas escolas de ensino regular veio, então, dar o primeiro passo para ajudar estas crianças e as suas famílias a ultrapassar muitas das dificuldades com que se deparavam no dia-a-dia. Porém, apenas uma boa relação entre as famílias e os profissionais de educação pode, de facto, minimizar e em alguns casos ultrapassar muitas dessas dificuldades, assim como ajudar no seu desenvolvimento.

No fundo o que se pretende com este estudo é, antes de mais, identificar e compreender que o processo de inclusão de uma criança com NEE depende de variados fatores e que todos eles são importantes para que a criança se desenvolva e ultrapasse as suas dificuldades de uma forma mais eficaz, sendo, sem dúvida, necessário criar estratégias, desenvolver metodologias e proporcionar oportunidades para que o processo de inclusão se proceda como uma prática contínua.

Neste sentido, desenvolveu-se um estudo com o principal objetivo de conhecer e compreender o processo de inclusão de uma criança com NEE no jardim de infância. Desse principal objetivo delinearam-se alguns objetivos específicos que nos permitissem conhecer e explorar aprofundadamente o mesmo. Realizou-se uma investigação de natureza qualitativa, numa abordagem interpretativa e tomando por *design* o estudo de caso. É importante salientar que o presente estudo teve como principal participante o João, uma criança de 5 anos com limitações físicas e motoras, que se desloca numa cadeira de rodas. Indo, então, ao encontro dos objetivos inicialmente delineados, recorreu-se à análise documental do PE, a três entrevistas semiestruturadas (à coordenadora pedagógica da instituição, educadora e família da criança com NEE – restantes participantes), à técnica de observação não-participante e aos registos de notas em diário de campo.

No que concerne à estrutura do presente relatório, este compõe-se por três capítulos principais. No primeiro capítulo fundamenta-se a temática escolhida através do ponto de vista teórico, apresentando perspetivas e opiniões de diferentes autores. Este capítulo engloba dois pontos: no primeiro ponto é abordado o conceito de educação inclusiva, a resposta legislativa para a sua promoção e de que forma este conceito é referido no documento das *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (OCEPE) (Ministério da Educação, 1997). No segundo ponto explora-se o conceito de NEE, nomeadamente a importância da relação entre crianças com e sem NEE, o papel das famílias de crianças com NEE na educação inclusiva e a importância da relação entre estas e o jardim de infância no processo de inclusão.

O segundo capítulo diz respeito às orientações metodológicas. Neste capítulo constam: o desenho do estudo, seus objetivos e sua natureza, o conceito de estudo de caso, os participantes do estudo e, ainda, as técnicas e instrumentos utilizados para a recolha de informação.

O terceiro e último capítulo reporta à análise e interpretação dos dados, estando este organizado em dois principais pontos: no primeiro, clarifica-se as perspetivas sobre a educação inclusiva por parte dos diferentes intervenientes do estudo; no segundo ponto analisa-se e interpreta-se os dados relativos ao processo de inclusão da criança com NEE. Este

segundo ponto tem, então, por base o percurso institucional da criança, as principais dificuldades sentidas ao longo de todo o processo, as dificuldades superadas, a inclusão na sala de atividades, o papel da coordenadora pedagógica e o contributo da relação entre a família e o jardim de infância. É de salientar que este capítulo é fundamentado com os dados obtidos através de todas as técnicas e instrumentos de recolha de informação utilizados, realizando uma triangulação de dados entre todos.

Por fim, apresentam-se as principais conclusões que derivaram do estudo realizado. Termina-se com a reflexão final que assenta numa síntese reflexiva relacionada com o contributo do presente estudo para o meu desenvolvimento em termos pessoais e profissionais.

Capítulo I – Enquadramento teórico-conceitual

Este capítulo tem por objetivo fundamentar teoricamente o trabalho desenvolvido, tendo por base os contributos de diferentes autores.

O primeiro ponto traduz-se numa breve referência ao conceito de educação inclusiva e da resposta legislativa para a sua promoção, bem como no contributo da educação inclusiva na educação pré-escolar expresso no documento das *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (OCEPE) (Ministério da Educação, 1997).

No segundo e último ponto deste capítulo, aborda-se o conceito de necessidades educativas especiais e o tema das famílias de crianças com NEE, destacando a importância do trabalho conjunto entre estas e o jardim de infância.

1. Educação inclusiva

1.1. Conceito de educação inclusiva

Antes de mais, torna-se importante fazer uma breve referência aos conceitos de educação e de inclusão, com o objetivo de melhor fundamentar o conceito de educação inclusiva. Não se pretende, contudo, realizar uma revisão exaustiva de literatura, mas sim oferecer uma visão sobre diferentes contributos de variados autores.

Assim sendo, focamo-nos, primeiramente, no conceito de educação. A educação trata-se, desde mais, de um direito humano que deve englobar todos os cidadãos, possuidores ou não de qualquer tipo de deficiência, sendo aceites e respeitados por toda a sociedade. Tal como referem Ainscow e Ferreira (2003)

“O não acesso à educação, o acesso a serviços educacionais pobres, a educação em contextos segregados, a discriminação educacional, o fracasso académico, as barreiras para ter acesso aos conteúdos curriculares, a evasão e absentismo constituem algumas das características dos sistemas educacionais no mundo, os quais excluem as crianças de oportunidades educacionais e violam os seus direitos de serem sistemática e formalmente educados. Já existe um consenso e reconhecimento de que qualquer pessoa que experimenta exclusão educacional encontrará menos oportunidades para participar nos vários segmentos da sociedade assim como aumenta a probabilidade de esta pessoa experienciar situações de discriminação e problemas financeiros na vida de adulto” (p. 113).

Incluir é um conceito que se centra na diferença e na resposta que é dada por parte das instituições às necessidades de todos os alunos. A inclusão, para além de ser um desafio, é, também, um direito. Ao mesmo tempo, por se tratar de um direito, considera-

se como um valor (Leitão, 2006; Silva, 2011), uma vez que nos deve consciencializar para a diversidade.

Em termos educativos, inclusão tem por base a ideia de que a escola deve proporcionar iguais oportunidades a todos os alunos para que realizem aprendizagens significativas. É nesta medida que Correia (2008) refere que o princípio de inclusão procura promover a criança-todo, pretendendo fomentar as suas potencialidades e desenvolvimento de competências. Complementando esta ideia, de acordo com Costa (1997) a inclusão deve ter por base a igualdade de oportunidades, proporcionando uma aprendizagem conjunta entre todos os alunos, independentemente das suas dificuldades ou diferenças.

Partindo deste princípio, argumenta-se que “todos os alunos devem aprender juntos” e é neste sentido que se fala de educação inclusiva (Ministério da Educação, 1999). Destaca-se, então, o facto de a educação inclusiva ser a celebração da diferença, devendo ser um conceito trabalhado através de políticas educacionais e diversificadas que assentem na igualdade entre todos os alunos. Evidencia-se a opinião de Rodrigues (2003) ao afirmar que “estar incluído é muito mais do que uma presença física: é um sentimento e uma prática mútua de pertença entre a escola e a criança, isto é, o jovem sentir que pertence à escola e a escola sentir que é responsável por ele” (p. 95).

Nesta linha, torna-se importante referir que a escola deve deixar de ser um lugar privilegiado apenas para alguns, passando a ser um lugar onde todos têm as mesmas oportunidades, ritmos, espaços, tempos e, acima de tudo, onde possam descobrir e explorar a sua própria identidade.

Seguindo este mesmo raciocínio, Correia (2001) refere que:

“o princípio da inclusão apela, portanto, para a educação inclusiva que pretende, de um modo geral, que todos os alunos, com as mais diversas capacidades, interesses, características e necessidades, possam aprender juntos, que seja dada atenção ao seu desenvolvimento global (...), que se crie um verdadeiro sentido de igualdade de oportunidades (...)” (p. 125).

A situação atual do conceito de educação inclusiva é vista como um ponto de chegada, tratando-se de uma conquista progressiva, resultado de diferentes visões e de diferentes práticas realizadas ao longo dos anos com base em pessoas portadoras de deficiência. Não assenta, portanto, num projeto isolado ou descontextualizado, tal como teremos oportunidade de desenvolver no ponto seguinte.

Tendo por base a filosofia da educação inclusiva, esta exige-nos que respeitemos e aceitemos ‘o outro’ de acordo com o seu ritmo e com as suas aprendizagens pois, segundo esta, é a escola que se deve ajustar às necessidades e características dos alunos ao invés de serem estes a se adaptar às exigências da escola (César, 2003). Tudo faz parte de um processo duradouro que exige alterações a vários níveis, desde organizacional a pedagógico.

Em suma, são estas considerações que nos levam a refletir que a educação inclusiva pretende e deve dar resposta às necessidades e capacidades de todos os alunos, sejam quais forem as suas características, assumindo-se como respeitadora de todas elas. É, tal como salienta Rodrigues (2000), algo que “(...) reconhece as diferenças, trabalha com elas para o desenvolvimento e dá-lhes um sentido, uma dignidade e uma funcionalidade” (p. 10). Considerando, deste modo, a diversidade como um ponto de partida, esta leva à aceitação e à valorização da diferença e não à sua estigmatização.

1.2. Resposta legislativa para a promoção da educação inclusiva

Com o objetivo de abordar a resposta legislativa criada em torno deste conceito, baseámo-nos em alguns textos e documentos oficiais que melhor descrevessem todo o processo.

Torna-se, sem dúvida, importante abordar a *Declaração de Salamanca* (UNESCO, 1994) na medida em que se constitui como uma referência incontornável na implementação da educação inclusiva. Aprovada em junho de 1994 em Salamanca, Espanha, contou com o consentimento de representantes de 92 países, nomeadamente de Portugal, e de 25 organizações internacionais, assentando na questão dos direitos dos alunos com necessidades educativas especiais no chamado ensino regular.

Numa das suas recomendações, a referida declaração vem enfatizar o direito à educação, independentemente das diferenças e características de cada pessoa. Destaca-se a seguinte afirmação:

“O princípio fundamental das escolas inclusivas consiste em todos os alunos aprenderem juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem. Estas escolas devem reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos através de currículos adequados, de uma boa organização escolar, de estratégias pedagógicas, de utilização de recursos e de uma cooperação com as respectivas comunidades. É preciso, portanto, um conjunto de apoios e de serviços para satisfazer o conjunto de necessidades especiais dentro da escola” (UNESCO, 1994, pp.11-12).

Salienta-se, portanto, a ideia de que para atender à diversidade dos alunos, torna-se importante flexibilizar o currículo, adequar os processos de gestão e de avaliação da respetiva instituição. Uma escola só poderá ser considerada verdadeiramente inclusiva quando não existir distinção entre os alunos que a frequentam e quando tiver por base a eficiência, a solidariedade, a igualdade e a democracia, agindo em prol de todos.

A educação inclusiva é, sem dúvida, uma meta que, através de diferentes estratégias e meios, diferentes países procuram alcançar (Ministério da Educação, 1999).

Através da *Declaração de Salamanca*, Portugal comprometeu-se a assumir uma atitude inclusiva, de “educação para todos”, dotando as instituições de condições e recursos necessários para tal, não obstante de uma legislação que configurasse e apoiasse os novos princípios e as novas práticas educativas. Ao abordar a educação inclusiva no contexto português, convém, portanto, recorrer à legislação que acabou por contribuir para a inclusão de criança com NEE nos jardins de infância e nas escolas no nosso país.

Na década de oitenta, mais precisamente em 1986, foi promulgada a *Lei de Bases do Sistema Educativo* (LBSE – Lei n.º 46/86, de 14 de outubro). Esta destaca a educação especial como algo que “(...) visa a recuperação e integração sócio-educativas dos indivíduos com necessidades educativas específicas devidas a deficiências físicas e mentais” (Art. 17.º). Refere, ainda, que “ao Estado cabe promover, a nível nacional, acções que visem o esclarecimento, a prevenção e o tratamento precoce da deficiência” (Art. 18.º). Como sabemos, o processo para a educação inclusiva passa por ser de cariz social, humano e, também, político. Logo, o Estado acaba por ter um papel importante no apoio que é disponibilizado aos portadores de deficiência, neste caso aos alunos, e ao desempenho destes nas instituições que frequentam.

No que concerne à mais importante legislação produzida, até à data, no âmbito da educação especial em Portugal, destaca-se o *Decreto-Lei n.º 319/91*, de 23 de agosto. Este fundamenta-se através de princípios inovadores referentes à integração² de crianças com NEE em escolas de ensino regular, enfatizando o conceito de *necessidades educativas especiais* e, paralelamente, a responsabilidade do ensino regular na escolarização de crianças portadoras de deficiência. Este decreto acabou por ser um

² Conceito explícito no referido documento

ponto de partida para a educação inclusiva em Portugal, pois abriu novos rumos relativos aos conceitos com os quais se relaciona.

Apesar de outros documentos importantes que serviram de suporte ao longo de todo este processo, destaca-se, por fim, o *Despacho n.º 5220/97*, de 4 de agosto, que regulamenta as OCEPE. De um modo geral, trata-se de um documento que destaca a educação inclusiva centrada na cooperação, na aceitação das diferenças e na resposta às necessidades individuais de todas as crianças. Este é um documento que será melhor explorado no ponto que se segue (1.3.) pelas especificidades e importância que acarreta para a educação pré-escolar.

1.3. Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

Tendo como suporte a Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar, surge em Portugal, no ano de 1997, o documento referente às OCEPE, constituindo-se como um conjunto de princípios gerais, pedagógicos e organizativos que servem de apoio ao educador de infância na condução do processo educativo a desenvolver com as crianças (Ministério da Educação, 1997). Tem, portanto, como principal objetivo ser um “ponto de apoio para a educação pré-escolar enquanto primeira etapa de educação básica, estrutura de suporte de uma educação que se desenvolve ao longo da vida” (1997, p. 7).

Sendo uma referência comum para todos os educadores de infância, este documento não pretende ser um programa, contrariamente ao Ensino Básico, mas sim uma linha orientadora para a construção de um itinerário curricular específico, com base numa pedagogia diferenciada que tenha em atenção as crianças, as suas especificidades e características. Preconiza-se, assim, que essa mesma pedagogia deve ter em atenção os objetivos gerais da educação pré-escolar, a organização do ambiente educativo, a intencionalidade educativa do educador e, ainda, as diferentes áreas de conteúdo. De acordo com o mesmo documento, “consideram-se “áreas de conteúdo” como âmbitos de saber, com uma estrutura própria e com pertinência sociocultural, que incluem diferentes tipos de aprendizagem, não apenas conhecimentos, mas também atitudes e saber fazer” (1997, p. 47), apelando, assim, a uma educação que prepare para saber lidar com a diferença e com a diversidade que marcam as sociedades atuais. Destacam-se três grandes áreas na gestão e organização do currículo no âmbito da educação pré-escolar: área de Formação Pessoal e Social, área de Expressão e Comunicação e área de Conhecimento do Mundo. Apesar das características e definições distintas, todas as

áreas devem ser trabalhadas e entendidas de forma holística, acabando por se complementar.

O conceito de inclusão e de educação inclusiva está presente ao longo do texto das OCEPE sublinhando-se que, enquanto conceito abrangente, pode ser abordado e explorado transversalmente por todas as áreas de conteúdo. Porém, é no ponto referente aos *Fundamentos e Organização das Orientações Curriculares* que o tema tem maior destaque. A ideia de uma “educação para todos” é enfatizada através do respeito pela diferença pois, de acordo com o documento, a educação pré-escolar deve “(...) dar resposta a todas e a cada uma das crianças” (1997, p. 19). É, então, no seguimento desta linha de pensamento que surge o conceito de “escola inclusiva”, perspetivando que “a educação pré-escolar deverá adoptar a prática de uma pedagogia diferenciada, centrada na cooperação, que inclua todas as crianças, aceite as diferenças, apoie a aprendizagem, responda às necessidades individuais” (1997, p. 19).

No que respeita à referida pedagogia diferenciada, é dado destaque ao planeamento para o grupo. De acordo com o referido documento, o planeamento deve incluir todas as crianças de um grupo, atendendo às suas características e necessidades gerais e individuais, “(...) de modo a oferecer a cada criança condições estimulantes para o seu desenvolvimento e aprendizagem” (1997, p. 19). Esta ideia de planeamento acaba por ser benéfico para as crianças diagnosticadas com NEE pois “são incluídas no grupo e beneficiam de oportunidades educativas que são proporcionadas a todos” (1997, p. 19). Assim, é fundamental que o educador esteja atento às diferenças dentro do grupo de forma a promover a igualdade de oportunidades e de sucesso a todas as crianças.

Por fim, ressalta-se as condições necessárias para a existência de uma escola inclusiva, relacionando-as com o bom funcionamento do estabelecimento educativo, o envolvimento de todos os intervenientes (família, crianças, profissionais de educação, comunidade) e a planificação em equipa. Todos estes aspetos são importantes para o reconhecimento e para a promoção da inclusão, visando a inserção das crianças na sociedade como cidadãos livres, autónomos e solidários.

2. Crianças com NEE e a educação inclusiva no jardim de infância

2.1. Conceito de NEE

O conceito de necessidades educativas especiais (NEE) surge de uma evolução de conceitos que, ao longo do tempo, se foram generalizando a quase todos os países

desenvolvidos (Correia, 1999). Assim, a aceitação e as atitudes perante pessoas com NEE é de algo que tem vindo a ser desenvolvido em função dos contextos sociais e educacionais em que vivemos.

Tal como nos diz Sousa (1998):

“Desde sempre existiram pessoas com reduzida capacidade de compreensão, deformadas ou com qualquer outro tipo de limitação. Em conformidade com estas características a sociedade julgou-as como *não educáveis* e, de várias formas, segregou-as. Estes dois aspectos caminharam juntos ao longo da história destes sujeitos” (p. 63).

O termo NEE vem, então, responder ao princípio da progressiva democratização das sociedades, refletindo uma igualdade de direitos no que respeita à não discriminação de crianças ou jovens em idade escolar, nomeadamente ao nível das suas características físicas ou intelectuais (Correia, 1999). Brennan (1998), por seu lado, define NEE como sendo algo que:

³“(…) têm certos alunos com dificuldades maiores que o habitual (mais amplas e mais profundas) e que precisam, por isso, de ajudas complementares específicas. Determinar que um aluno apresenta NEE supõe que, para atingir os objetivos educativos, necessita de meios didáticos ou serviços particulares e definidos, em função das suas características pessoais” (p. 47).

Para Correia (1993), este conceito tem por base problemas sociais, físicos, intelectuais e emocionais, bem como dificuldades de aprendizagem resultantes de fatores orgânicos ou ambientais. Para o autor, este termo adequa-se a crianças e jovens que, ao nível escolar, não conseguem acompanhar o currículo normal, devendo o estabelecimento educativo e o educador realizar adaptações e transformações com o objetivo de proporcionar estratégias integrativas e não discriminatórias.

É nesta linha que emerge o papel da escola na relação com as crianças e jovens com NEE, devendo destacar-se o facto de ser importante que os seus currículos se encontrem preparados para responder, de forma convincente, à problemática do aluno, de acordo com as suas particularidades. O currículo deverá ser aberto e flexível, tendo por base uma escola para todos e uma educação não segregada, não descartando a responsabilidade de equacionar e disponibilizar respostas educativas às diversas necessidades dos alunos (Leite & Madureira, 2003).

³ Traduzido da fonte

2.2. Crianças com NEE em interação com outras crianças

As instituições educativas devem ser consideradas como um local privilegiado para a existência de um convívio saudável e imprescindível na formação global de qualquer indivíduo. Desta forma, enfatiza-se a importância da interação das crianças com NEE com outras crianças do mesmo grupo ou da mesma escola em geral. Através do contacto mútuo, as crianças “desenvolvem competências necessárias para a sociabilidade e intimidade, intensificam relações sociais e adquirem um sentimento de pertença. Estão motivadas para a realização e atingem um sentido de identidade. Aprendem competências de liderança, comunicação, cooperação, papéis e regras” (Feldman, Olds & Papalia, 2001, p. 484).

Essa mesma interação deve ocorrer de forma precoce, fazendo com que as crianças com NEE sejam encaradas de forma natural, estabelecendo relações significativas. Segundo Roffey (2001) as crianças mais novas não possuem os mesmos estereótipos ou as mesmas expectativas em comparação com as crianças mais velhas ou com os adultos no que respeita à questão das NEE. Em todo o caso, as crianças podem questionar ou interessar-se pela diferença, mas acabam por aceitar e interagir naturalmente com essa questão.

Para todas as crianças em geral, as relações que se estabelecem ajudam a saber viver em sociedade, a saber respeitar o outro, a ter uma maior noção sobre a diferença, ou seja, a formar-se enquanto indivíduo e cidadão. Para as crianças com NEE, em particular, as interações com outras crianças sem qualquer deficiência, ajudam-nas a ultrapassar barreiras impostas pelas limitações que possuem e permitem-lhes desenvolver determinadas competências ao nível social, emocional e, inclusivamente, escolar (Feldman, Olds & Papalia, 2001). Por seu lado, também as crianças sem NEE têm a oportunidade de contactar com outras crianças e de perceber a complexidade e a diversidade das características humanas, compreendendo que sentimentos como a partilha e o respeito excedem as diferenças (Nielsen, 1999).

Em suma, é neste sentido que as interações e a partilha de responsabilidades entre crianças com e sem deficiência fazem parte dos aspetos fundamentais da inclusão.

2.3. Papel das famílias de NEE na inclusão educativa

2.3.1. Famílias de crianças com NEE

Devido às múltiplas evoluções que tem sofrido ao longo dos tempos, a noção de família não deve ser considerada como una e universal (Relvas, 1996) e assume na atualidade um sentido polissémico. Enquanto unidade de conduta social significativa, a família tem vindo a sofrer alterações que acabaram por afetar de forma considerável o seu desenvolvimento tanto na sua estrutura como nas suas funções e interações. Exemplo disso é o peso cada vez maior nas nossas sociedades das famílias monoparentais, das famílias reconstruídas e das famílias de homossexuais ou lésbicas, da democratização das relações dentro casal, da entrada da mulher no mercado de trabalho, da crescente partilha das tarefas domésticas

Apesar das mudanças na instituição familiar “a família aparece-nos, antes de mais nada, como o meio por excelência, onde, não obstante as insuficiências relativas ao mundo físico e social que a cerca, a criança pode viver e iniciar-se para a vida” (Osterrieth, 1975, p. 14). A família é, então, a principal instituição que acaba por oferecer e por preencher esta função, servindo de base para a vida social da criança.

É neste seguimento que abordamos a situação das famílias de crianças com NEE. O nascimento de uma criança no seio de uma família provoca sempre alterações significativas. Porém, quando se trata de uma criança com algum tipo de deficiência, essas alterações são muito mais estruturais e globalizantes, podendo ter um impacto profundo na estrutura familiar. De acordo com Nielsen (1999) algumas famílias adaptam-se facilmente a esta situação, encarando a realidade apesar de todas as limitações e dificuldades da criança, porém em outros casos tal não acontece. Em alguns casos o processo é longo e difícil, noutras é fácil (Powell & Ogle, 1991).

De acordo com Busgalia (1993) (citado por Sousa, 1998) as reações das famílias envolvem vários tipos de sentimentos desde negação, zanga, medo do futuro incerto, culpabilização, confusão, impotência ou rejeição. A notícia da chegada de uma criança com limitações acaba por, de certa forma, levar à confrontação de determinados sonhos ou aspirações que se projetavam para aquele filho. Todavia, de forma progressiva, a família terá que se adaptar a cada nova exigência que surja, procurando desempenhar sempre o seu papel de forma válida e convincente, indo ao encontro das características e das limitações da criança.

Igualmente importante é o papel da sociedade no apoio que é prestado à família de uma criança com NEE. Infelizmente, a sociedade continua a excluir os deficientes e suas famílias com base em atitudes e crenças preconceituosas. Todo este processo pode, em algumas situações, levar as famílias ao isolamento social e à desvalorização da criança com NEE perante o olhar da sociedade.

Esta situação acaba por se refletir, por exemplo, na colocação da criança numa escola de ensino regular onde, diariamente, as famílias são obrigadas a lidar com as diferenças entre a sua criança com NEE e as restantes ditas “normais” e com o preconceito por parte de diferentes agentes de socialização perante esta situação. É importante que as instituições educativas e todos os seus agentes trabalhem para ultrapassar essas situações, combater os medos e receios e, acima de tudo, contribuir para o bem-estar e segurança da criança.

Sabendo, então, que a família é o espaço, por excelência, onde cada indivíduo aprende a socializar e a interagir construindo-se enquanto ser social (Relvas, 1996), percebemos que “o processo educativo da criança, cuja raiz está na vivência familiar, se vai sucessivamente ligando a outros agentes educativos” (Sousa, 1998, p. 137).

É no seguimento desta ideia que surge o ponto seguinte (2.3.2.), na medida em que as instituições frequentadas por crianças com NEE devem servir de apoio e suporte para as respetivas famílias, de acordo com o importante papel que desempenham na inclusão da criança.

2.3.2. A relação família/jardim de infância na educação de crianças com NEE

O desenvolvimento da criança, tal como já foi referido anteriormente, é fortemente condicionado pelos dois principais contextos onde esta cresce e se desenvolve: a família e a escola, neste caso, o jardim de infância, proporcionando-lhe a conquista da sua própria identidade. Desta forma, destaca-se a importância da relação entre a família e o jardim de infância na educação de crianças com NEE, pois só assim existirão as escolas inclusivas e, conseqüentemente, uma educação inclusiva para as crianças. Tal como já havia sido referenciado através do documento das OCEPE, o envolvimento de todos os intervenientes é uma mais-valia para a criança com NEE na medida em que são estabelecidas relações, complementando as funções de cada um, visando, assim, a plena inserção da criança no meio que a rodeia. A este propósito Sousa (1998) refere:

“Torna-se fundamental perceber o processo educativo da criança quanto aos seus objectivos, fases, elementos intervenientes e componentes, para compreender o lugar de cada um dos agentes educativos. A relação escola-família necessita ser enquadrada no desenvolvimento da criança, de forma a ser esclarecida a sua finalidade e funções específicas” (p. 135).

O jardim de infância deverá ser, portanto, uma continuidade da educação familiar, onde a criança se educa, socializa e adquire conhecimentos que a poderão ajudar a viver em sociedade. Correia (2013) enfatiza esta ideia na medida em que a escola deve incluir a família nas decisões mais importantes referentes à criança, quer esta possua um desenvolvimento dito “normal” quer seja portadora de NEE.

Cita-se uma vez mais Sousa (1998) quando refere que “a evolução da criança deficiente, o seu sucesso no desenvolvimento e maturação, a aprendizagem e a autonomia são fortemente influenciados (dentro da sua zona de desenvolvimento potencial) pelo tipo de apoio que é dado” (p. 89). Um desses apoios é, obviamente, o contexto educativo e os respetivos educadores/professores.

Segundo Dias (1996) a relação existente entre a família de crianças com NEE e a escola pode promover e mesmo garantir a satisfação das necessidades da criança. Obviamente que a relação estabelecida entre estes dois intervenientes é importante para qualquer criança, mas no caso das NEE adquire um significado ainda mais relevante para que esta, especificamente, possa desenvolver ao máximo as suas capacidades de forma harmoniosa e coerente.

No que concerne ao papel das famílias de crianças com NEE face à escola, destaca-se o facto de este se ter vindo a alterar ao longo dos tempos. Citando Loeb (1997), Sousa (1998) refere que as famílias deixaram de ser “recipientes passivos” passando a ser “participantes activos numa terapia” (p. 131). Do mesmo modo, Telmo (1995) ressalta que “os pais têm direito a ser informados sobre tudo o que diz respeito ao seu filho, tal como a pessoa com deficiência tem” (p. 94).

É neste sentido que se ressalta a importância de uma comunicação aberta com base no diálogo como ponto-chave para a relação entre a escola e a família de crianças com NEE. O diálogo acaba por ser uma das principais e mais enriquecedoras estratégias utilizadas por ambas as partes para melhor se articularem. Para tal, é necessário que ambos os contextos se conheçam e tenham noção das responsabilidades de cada um. Assim sendo, “o envolvimento e a participação dos pais devem ser preparados cuidadosamente e guiados por sólidos princípios democráticos, baseados em

preocupações de igualdade e cuidadosamente seguidos para se evitarem efeitos perversos” (Davies, 1989, p. 38).

A relação estabelecida entre os dois contextos deve ter sempre por base os interesses, necessidades e características da criança para que as atitudes e ações vão ao seu encontro e a estimulem a desenvolver determinadas competências. Face a esta questão, é função dos profissionais ser um recurso e suporte para a família, devendo criar condições para que esta possa exercer e desenvolver competências, para responder às necessidades sentidas no lidar com uma criança em risco ou com NEE. Considera-se, portanto, que a escola e a família se devem apoiar mutuamente ao longo de todo o processo de inclusão da criança como pedras basilares para uma inclusão eficaz. Isto significa, segundo Brown e Conroy (1997) (citados por Tegethof, 2007), colaboração “no respeito mútuo, no desejo de resolver os problemas em função de objectivos comuns, na partilha de responsabilidades na concretização desses objectivos, numa comunicação verdadeira e honesta e na divulgação de toda a informação essencial para os objectivos em jogo” (p. 119). Para além da colaboração entre os vários agentes, deve, também, haver envolvimento e participação de todos os membros envolvidos não esquecendo, porém, que participar não implica necessariamente que se esteja envolvido. É neste sentido que cabe à escola estimular a família com o objetivo de a levar a participar e a se envolver. À família, por seu lado, cabe disponibilizar-se para tal nas propostas que possam surgir, descobrindo as vantagens dessa mesma participação e disponibilidade (Dias, 1996).

Deve, então, a relação entre a família de crianças com NEE e as instituições educativas ser o mais próxima e pessoal possível, estabelecendo laços de confiança de parte a parte com o objetivo de ajudar a criança e os restantes intervenientes.

Em jeito de conclusão, focamo-nos nesta última questão na medida em que colaboração entre a escola e as famílias é fundamental para que se possa promover um modelo educativo de boas práticas inclusivas, pois só com a colaboração de todos se pode construir uma “escola para todos” assente na igualdade de oportunidades e no respeito para com todas as crianças.

Os profissionais de educação devem estar informados e atentos às necessidades e preocupações das famílias das crianças com NEE, estabelecer relações de confiança, de colaboração, de comunicação e de apoio para, assim, ajudá-las a atingir os seus objetivos e contribuir para a inclusão da criança na instituição educativa e na sociedade no geral.

Capítulo II – Orientações metodológicas

1. Desenho do estudo

Inicialmente elaborou-se um projeto (Anexo I) que contemplasse os objetivos do estudo, a metodologia que se pretendia utilizar e um cronograma que definisse a sua elaboração. No seguimento da recolha bibliográfica e das leituras para a realização da fundamentação teórica e da perceção dos dados recolhidos, procedeu-se à elaboração de técnicas e de instrumentos de recolha de informação. Essa mesma elaboração assentou, para além dos objetivos, na fundamentação teórica encontrada e na justificação da natureza qualitativa do estudo.

Assim sendo, num primeiro momento, procedeu-se à análise documental do PE da instituição com o objetivo de se compreender o significado que esta atribui à temática explorada, ou seja, à inclusão e às NEE. Não foi possível realizar-se a análise documental do Projeto Curricular de Grupo (PCG) pois as educadoras da instituição não elaboram este documento. Num segundo momento do estudo, realizaram-se três entrevistas de cariz semiestruturado a três intervenientes diferentes que nos permitissem recolher informações mais detalhadas e formais sobre o caso. A técnica da entrevista englobou, portanto, a elaboração de guiões, a realização das entrevistas e a análise de conteúdo destas.

No decorrer da investigação foi, também, utilizada a técnica de observação não-participante, justificada pelo facto de a criança em estudo pertencer a outra sala que não aquela onde foi realizado o estágio da PES, e o recurso a um diário de campo.

Todos os momentos, apesar de distintos, acabaram por se complementar na comparação dos dados recolhidos e para a análise e interpretação destes, de acordo com os objetivos inicialmente definidos para a realização do estudo e que dá conta a tabela 1:

Tabela 2.1 – Desenho do estudo

dezembro	janeiro	fevereiro	março	abril	maio/junho/julho
- Realização do projeto inicial.	- Recolha bibliográfica e primeiras leituras para elaboração do relatório; - Análise do PE; - Construção dos instrumentos de recolha de	- Revisão da literatura; - Aplicação das entrevistas; - Observação não-participante; - Registos no diário de campo.	- Elaboração da fundamentação teórica; - Transcrição e tratamento das entrevistas; - Observação não-participante;	- Elaboração da fundamentação teórica; - Conclusão da transcrição e do tratamento das entrevistas; - Observação não-participante.	- Análise dos dados obtidos; - Elaboração e conclusão do relatório final.

	informação; - Observação não-participante; - Registos no diário de campo.		- Registos no diário de campo.		
--	---	--	--------------------------------	--	--

2. Objetivos do estudo

Para a realização do presente estudo foram previamente definidos objetivos (gerais e específicos) que nos ajudassem a delinear e a compreender o fenómeno a estudar, ou seja, o processo de inclusão da criança com NEE no jardim de infância.

Pretende-se igualmente com este estudo desenvolver conhecimentos que contribuam para o meu futuro desenvolvimento e desempenho profissional. Rudduck (1987) (citado por García, 1999) refere-se ao desenvolvimento profissional do professor como “a capacidade (...) para manter a curiosidade acerca da classe; identificar interesses significativos no processo de ensino e aprendizagem; valorizar e procurar o diálogo com colegas especialistas como apoio na análise de dados” (p. 137). É neste sentido que pesquisar a prática faz dos professores profissionais da educação pela pesquisa e possíveis agentes de mudança. O que se pretende não é que o professor seja um pesquisador profissional, mas sim que se torne num profissional através da pesquisa (Demo, 2000, citado por Ponte, 2004).

Com base nesta ideia, delimitou-se, então, como objetivo geral do estudo:

- Compreender o processo de inclusão da criança com necessidades educativas especiais no jardim de infância.

Do objetivo geral decorrem os seguintes objetivos específicos:

- Identificar a conceção de educação inclusiva por parte da família e dos profissionais;
- Compreender a importância de uma educação inclusiva no ensino regular;
- Descrever o processo de inclusão da criança na instituição e na respetiva sala de atividades;
- Compreender o contributo da educadora na inclusão da criança na sala de atividades;
- Identificar o processo de inclusão da criança realizado pelo jardim de infância;
- Compreender o contributo/papel da relação família/jardim de infância para a inclusão da criança com NEE;
- Compreender o papel dos restantes intervenientes (coordenadora pedagógica, restantes educadoras e restante comunidade educativa);

- Identificar constrangimentos e elementos facilitadoras da inclusão de uma criança com NEE no jardim de infância.

3. Natureza do estudo

O presente estudo realizou-se em contexto de educação pré-escolar, durante o decorrer do estágio no âmbito da unidade curricular de PES. Pretendeu-se, portanto, explorar e compreender o processo de inclusão de uma criança com NEE no jardim de infância. Tendo em atenção os objetivos previamente definidos a sua natureza é qualitativa, numa abordagem interpretativa e tomando por *design* o estudo de caso.

Na opinião de Sousa (2009) “em vez da procura de leis que possam ser extensíveis a toda a população, os estudos deste tipo procuram compreender os mecanismos, como funcionam certos comportamentos, atitudes e funções” (p. 31). Concordando com o referido autor, complementa-se a sua opinião com o que Afonso (2005) nos diz sobre o conceito de investigação qualitativa, descrevendo-a como “a recolha de informação fiável e sistemática sobre aspectos específicos da realidade social usando procedimentos empíricos com o intuito de gerar e inter-relacionar conceitos que permitam interpretar essa realidade” (p. 14).

No decorrer da investigação, tornou-se fundamental ter em consideração cinco das suas principais características, defendidas por Bogdan e Biklen (1994), de que se destacam:

- i. A fonte direta dos dados é o ambiente natural e o investigador é o principal agente na recolha desses mesmos dados;
- ii. Os dados recolhidos pelo investigador são essencialmente de carácter descritivo minucioso;
- iii. Os investigadores que utilizam metodologias qualitativas interessam-se mais pelo processo em si do que propriamente pelos resultados ou produtos;
- iv. Os dados são analisados de forma indutiva;
- v. O investigador preocupa-se por tentar perceber o significado que os sujeitos da investigação atribuem às suas experiências.

Partindo, assim, dos objetivos propostos, pretende-se analisar, relacionar e interpretar os dados recolhidos através da metodologia utilizada de forma objetiva, indutiva e particular que nos permita compreender a realidade em estudo.

4. Estudo de caso

De natureza qualitativa, tal como já foi referido no ponto anterior, a estratégia de investigação adotada assentou num estudo de caso. Indo ao encontro das características qualitativas, Sousa (2009) afirma que se trata de uma investigação naturalista, sem a intervenção de variáveis independentes, onde o sujeito é estudado no seu ambiente natural em que se “estuda o que é particular, específico e único” (Afonso, 2005, p. 70). Complementando esta ideia, enfatiza-se uma definição mais completa defendida por Guba e Lincoln (1994), ao sublinharem que o principal objetivo do estudo de caso é descrever situações ou factos como sucederam, proporcionar conhecimento acerca do fenómeno estudado e comprovar ou contrastar efeitos e relações presentes no caso.

Conclui-se, portanto, que, independentemente da variedade de definições que são atribuídas a este conceito, um estudo de caso pretende explorar, descrever e explicar os dados obtidos, seguindo uma perspetiva holística de um contexto ou indivíduo de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico (Bogdan & Biklen, 1994), tendo em atenção o papel do investigador como principal agente na investigação. Pelas razões apresentadas, justifica-se o enquadramento do estudo desenvolvido na forma de estudo de caso pois incide na observação, descrição e compreensão do caso singular de uma criança.

5. Participantes

O estágio realizou-se numa IPSS, mais concretamente num jardim de infância de Faro, tendo como principal participante o João, uma criança de 5 anos com necessidades educativas especiais. As limitações do João assentam nas suas capacidades físicas e motoras, deslocando-se através de uma cadeira de rodas. O participante frequenta a sala dos 5 anos da referida instituição, porém não foi na sua sala que se realizou o estágio da PES. Apesar de se saber, à partida, que esta questão impediria um contacto participativo e direto com a criança, considerou-se importante explorar e estudar a temática da inclusão das necessidades educativas especiais no jardim de infância, em primeiro lugar, por se tratar de algo que faz parte da nossa realidade educativa, depois com o intuito de enriquecer a minha formação e levar-me a refletir sobre a minha prática enquanto futura educadora.

Para além do João foram, também, participantes no estudo a coordenadora pedagógica da instituição que, por sua vez, é educadora de uma outra sala do jardim de infância (sala dos 3 anos), a educadora da criança (sala dos 5 anos) e a família, mais concretamente a mãe do João. Através dos depoimentos e informações disponibilizadas por parte de todos os

intervenientes, bem como das técnicas e instrumentos de recolha de informação utilizados, foi possível compreender o processo de inclusão da criança na instituição e quais os fatores que se lhe encontram subjacentes, através da perspectiva da instituição e da família da criança, o que nos permitiu obter dados e conclusões mais diversificados e abrangentes.

6. Técnicas e instrumentos de recolha de informação

As técnicas e instrumentos de recolha de informação utilizados no presente estudo basearam-se na análise documental, nas entrevistas semiestruturadas, na observação não-participante e na elaboração de um diário de campo.

6.1. Análise documental

De acordo com Bardin (1994) a análise documental “(...) tem por objetivo dar forma conveniente e representar de outro modo [a] informação, por intermédio de procedimentos de transformação. O propósito a atingir é o armazenamento sob uma forma variável e a facilitação do acesso ao observador” (p. 45).

A análise documental do PE da instituição acabou por não se mostrar relevante enquanto técnica e instrumento de recolha de informação pois, ao longo de todo o documento, praticamente nula é a referência feita à questão da inclusão ou das NEE. Seguindo os *Objectivos gerais da educação pré-escolar*, mais concretamente os *Objectivos Pedagógicos*, refere apenas que pretende “a) Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática numa perspectiva de educação para a cidadania” e “h) Proceder à despistagem de inadaptações, deficiências ou precocidades e promover a melhor orientação e encaminhamento da criança” (PE, 2010, pp. 6-7).

Um outro documento que se pretendia analisar e explorar seria o PCG, porém não se realizou a análise documental do mesmo pois as educadoras da instituição não elaboram este documento, tal como já foi referido. Considera-se, por isso, que esta acaba por ser uma falha da instituição pois a elaboração de PCG seria uma mais-valia para a própria instituição, para as educadoras e para a restante comunidade educativa, com o objetivo de dar a conhecer as potencialidades e necessidades dos grupos de crianças, ainda para mais quando a algum desses grupos pertence uma criança com NEE.

6.2. Entrevistas semiestruturadas

Citando Bodgan e Biklen (1994) “a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos sobre o mundo” (p. 134). Foi seguindo esta ideia que, num segundo momento do estudo, se procedeu à técnica das entrevistas semiestruturadas que, de acordo com Afonso (2005) exigem a elaboração de guiões estruturados de forma flexível que servem de fio condutor e orientador no decorrer de toda a entrevista. De sublinhar que um dos objetivos da aplicação desta técnica era aceder a informações necessárias e importantes que não se encontravam referidas no PE da instituição.

As entrevistas dividiram-se nos seguintes momentos:

- i. **Elaboração dos guiões das entrevistas** – Através dos guiões pretendeu-se dar resposta aos objetivos previamente definidos. Construiu-se, assim, guiões flexíveis que nos permitissem recolher o maior número de dados possíveis sobre a inclusão da criança com NEE no jardim de infância e nos dessem a conhecer as diferentes perceções dos intervenientes sobre esta questão. Os guiões destinaram-se aos seguintes intervenientes: à coordenadora pedagógica (Anexo II), à educadora do João (Anexo III) e à família, mais concretamente, à mãe da criança (Anexo IV). Como temas fundamentais presentes nos guiões destacam-se os seguintes: a inclusão de crianças com NEE na educação regular; a relação entre a família e o jardim de infância; o processo de inclusão da criança no jardim de infância; o processo de inclusão na sala de atividades; o papel do coordenador pedagógico na inclusão de uma criança com NEE e as razões da escolha da instituição. É, ainda, importante salientar que os guiões das entrevistas foram definidos para cada um dos intervenientes, existindo, na sua maioria, questões semelhantes para que se pudesse comparar as informações disponibilizadas. Dado que o estudo decorreu num período de tempo muito curto não foi possível cumprir a etapa de testagem dos guiões, assumindo-se como uma limitação do estudo.
- ii. **Realização das entrevistas** – As entrevistas realizaram-se após um contacto prévio com todos os intervenientes e de estes terem demonstrado disponibilidade e interesse em fazê-lo. Todas as entrevistas decorreram no espaço do jardim de infância, num ambiente calmo e silencioso que facilitasse a sua realização. Desde logo, os intervenientes estiveram a par do que era pretendido e das questões que poderiam ser abordadas, para que se sentissem confiantes, motivados e à vontade no decorrer das entrevistas. Estas tiveram uma duração

de cerca de 30 minutos e foram registadas através de um gravador áudio. Apesar de se ter realizado entrevistas flexíveis e de carácter informal, serviram-nos de suporte os guiões com os temas principais, os objetivos e as questões orientadoras.

iii. **Análise do conteúdo das entrevistas** – Após a realização das entrevistas, procedeu-se às suas transcrições de acordo com as informações obtidas através do registo áudio, às quais se deu o nome de protocolo. Associou-se, também, um número a cada um dos intervenientes para uma melhor identificação destes. Obteve-se, então, o protocolo da entrevista à coordenadora pedagógica (E1) (Anexo V); à educadora do João (E2) (Anexo VI) e à família (E3) (Anexo VII). No seguimento das transcrições, realizou-se o primeiro tratamento das entrevistas através de uma pré-categorização das informações obtidas (Anexos VIII, IX e X, respetivamente) segundo a qual se organizou as respostas dos intervenientes de acordo com os temas principais, anteriormente referidos. Finalmente, efetuou-se a categorização da informação (Anexos XI, XII, XIII, respetivamente), através da construção de tabelas com as respetivas sub-categorias, indicadores e unidades de registo.

6.3. Observação não-participante

A observação não-participante prendeu-se com o facto de, tal como já foi referido, a criança em estudo não pertencer à sala de atividades onde foi realizado o estágio da PES. Por esse motivo, não existiu um contacto participativo e direto com a criança. As observações realizadas assentaram, essencialmente, na presença da criança no espaço exterior da instituição (área do recreio), na interação estabelecida com as restantes crianças e comunidade educativa, e na dinâmica existente entre todos os intervenientes em estudo.

Segundo Carmo e Ferreira (1998) “se o observador não interage de forma alguma com o objecto de estudo no momento em que realiza a observação, não poderá ser considerado como participante” (p. 106). Para além disso, de acordo com os mesmos autores, esta técnica possui como principais características o facto de reduzir substancialmente a interferência do observador no observado; o facto de permitir o uso de instrumentos de registo sem influenciar o grupo-alvo; e, por fim, o facto de possibilitar um grande controlo das variáveis a observar (1998).

6.4. Diário de campo

Na sequência da técnica anteriormente referida, foi sentida a necessidade de recorrer ao diário de campo para registo de notas, conversas informais, observação de factos e acontecimentos da vida quotidiana da instituição relacionados com o objeto de estudo e cuja pertinência viesse a contribuir para o estudo realizado.

Tal como nos dizem Bogdan e Biklen (1994) “isto são as notas de campo: o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e reflectindo sobre os dados de um estudo qualitativo” (p. 150).

Por vezes, tornou-se difícil obter o nível de concentração necessário ao final de cada dia para reviver e relatar por escrito todas as observações e experiências realizadas e vividas. Contudo, essa necessidade torna-se extremamente importante para ser relatada na medida em que nos ajuda e permite comparar informações e dados obtidos. As notas de campo foram realizadas num pequeno caderno, muitas vezes em forma de rascunho, frases simples e curtas, datadas e localizadas, que descrevem o que estava a ser observado e vivenciado (Anexos XIV, XV, XVI, XVII e XVIII, respetivamente).

Capítulo III – Análise e interpretação dos dados

No presente capítulo, apresenta-se a análise e interpretação dos dados, atendendo aos objetivos previamente definidos, procurando identificar e compreender o processo de inclusão do João, seus intervenientes, dificuldades, constrangimentos e desafios.

Na análise e interpretação dos dados foi feita triangulação dos mesmos, obtidos através das entrevistas semiestruturadas, da análise do PE, da observação não-participante e das notas em diário de campo.

1. Perspetivas sobre a educação inclusiva

Inicia-se este ponto através da opinião dos diferentes intervenientes face à educação inclusiva e ao que esta representa para a educação em geral.

Segundo a coordenadora pedagógica (E1), uma educação inclusiva é bastante importante na medida em que esta, iniciando-se numa etapa inicial do processo de socialização e da vida social das crianças, ensina-as a saber respeitar e aceitar o ‘outro’. Refere, então que “(...) começa aqui a educação, a socialização das crianças para puderem um dia serem uns adultos diferentes, saberem olhar para o lado e darem a mão a quem precisa”.

Para a profissional, trabalhar o respeito pela diferença é fundamental para que as crianças se habituem e aprendam a respeitar as diferenças como algo natural. Segundo as suas palavras “é bom para as outras crianças, também, habituarem-se às diferenças, saberem lidar com elas”, pois “(...) uma educação inclusiva é uma educação em que há respeito pelas diferenças” (E1).

Já a educadora da sala da criança objeto de estudo (E2), refere que uma educação inclusiva deve atender às necessidades não apenas das crianças com NEE mas de todas as crianças no geral. Todas as crianças têm as suas próprias necessidades e características, logo a inclusão não deve contemplar apenas as NEE mas as características, limitações e especificidades de todas as crianças que constituem o grupo. Constata-se a sua opinião através das seguintes unidades de registo: “(...) devemos ver isso de inclusiva não só para crianças com necessidades educativas especiais mas, também, para com as outras crianças (...)” pois:

“(...) todas têm necessidades diferentes e (...) agente pensa muito na inclusão quando se trata de crianças deficientes e temos de ter essa preocupação. Mas (...), depois, devemos olhar, também, o grupo com as suas características individuais e tentar sempre que todos se sintam integrados no grupo”.

Interpreta-se que, para esta educadora, é fundamental que os profissionais de educação estejam atentos e focados nas especificidades de cada criança e do grupo em geral, independentemente da existência ou não de NEE.

Se para as profissionais educação inclusiva significa ensinar a respeitar e a lidar com as diferenças e o direito de todas as crianças no acesso à educação e à equidade de tratamento, a mãe (E3) expressa-o na palavra “igualdade”. Sublinha que essa igualdade passa pela inclusão da criança com NEE “(...) com os amigos, igualdade nas atividades, igualdade nos direitos, nos deveres (...)”.

No que diz respeito à inclusão de crianças com NEE no ensino regular, todos os intervenientes concordam que é uma mais-valia, apesar de partilharem da opinião que essa mesma inclusão depende de alguns fatores, nomeadamente da deficiência da criança.

No caso específico do João, e segundo os intervenientes, não existe qualquer problema na sua inclusão porque se trata apenas de uma deficiência física e motora, porém em casos de deficiências profundas, como a nível cognitivo, torna-se mais complicado o processo de inclusão. Para esta interpretação, apoiamo-nos no que foi referido pela educadora da criança e pela mãe, respetivamente, ao afirmarem que “(...) depende da necessidade da criança (...). Há necessidades educativas especiais de várias ordens e, se calhar, crianças com mais dificuldades a nível cognitivo, aí já requerem outro tipo de atenção (...)” (E2) e que “(...) se fosse uma necessidade a nível cognitivo, de repente seria mais difícil” (E3).

Também sobre o facto de a educação inclusiva ser uma mais-valia, coordenadora pedagógica e mãe da criança estão de acordo sobre as suas vantagens. Para ambas, uma educação inclusiva é algo vantajoso não só para as crianças com NEE como também para as restantes. É algo positivo ao nível das aprendizagens, do contacto que é estabelecido entre ambas as partes e das relações erigidas. Todos acabam por aprender com as limitações e características de cada um, tornando-se enriquecedor e positivo para qualquer criança. Destacam que “(...) são crianças e (...) todas elas devem estar em contacto umas com as outras” (E1) e, ainda, que “(...) ele aprende com a limitação dele e com as limitações dos amigos” (E3).

Através dos dados recolhidos, no que se refere à educação inclusiva, destaca-se, portanto, a importância que todos os intervenientes lhe atribuem. Apesar de sublinharem aspetos diferentes deste conceito, é de salientar o facto de os três concordarem que uma educação inclusiva é relevante para todas as crianças no geral, contribuindo para o bem de todos.

As opiniões dos intervenientes acabam por ir ao encontro do que se analisou no PE, tendo a instituição como um dos seus principais objetivos “a) Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática numa perspectiva de educação para a cidadania” (PE, 2010, p. 6). Apesar de ser o único ponto destacado neste documento sobre esta questão, leva-nos a questionar se, de facto, se trata de uma instituição que se rege por uma educação inclusiva. Já percebemos que este é um conceito muito abrangente, logo pretende-se analisá-lo mais aprofundadamente através das informações, das análises e interpretações que se seguem.

2. Compreender o processo de inclusão da criança com NEE

2.1. O percurso institucional da criança

Um dos nossos objetivos específicos passa por conhecer um pouco do percurso institucional do João e perceber o seu processo de inclusão, bem como o porquê da escolha da atual instituição.

Foi no seguimento das informações disponibilizadas pela mãe que se percebeu o quão burocrático e complicado foi todo o percurso institucional da criança. Segundo a interveniente, ter NEE sempre foi um fator de rejeição por parte das instituições em que o João se inscreveu. Salienta que, “(...) no momento da matrícula, quando souberam que tinha necessidades educativas especiais, disseram que a instituição não tinha condições de receber a criança (...)” (E3).

Por outro lado, destacou que também ela tinha algumas exigências e que não bastava a instituição acolher e aceitar o João mas era, também, imprescindível que ela sentisse que a criança estava segura e incluída. Tal como a própria refere “(...) desde que a criança tinha menos idade, 1 ano ou 2, nunca encontrei uma instituição que eu aceitasse” (E3).

Antes de frequentar o atual jardim de infância - em Faro, a criança frequentou a creche ligada à mesma instituição. A mãe diz-nos: “quando consegui uma vaga para a creche ele já tinha 2 anos (...)” (E3).

Após frequentar o contexto de creche, o João não transitou para o jardim de infância da mesma instituição devido à falta de vagas. Foi então que a mãe o inscreveu numa outra instituição em Faro que a criança frequentou durante dois anos, acabando por se mudar, novamente, para uma outra onde se encontra até à data. Destaca-se o que nos foi dito pela mãe sobre o facto de a atual instituição ter sido a única que chamou e aceitou o João. Segundo a mãe, as instituições ainda sentem muito medo e receio em aceitar crianças com NEE. Afirma,

inclusivamente, que: “os próprios profissionais têm receio (...)” e, ainda, que: “alguns [profissionais] admitem ter medo de receber uma criança assim e até que as recebam e se adaptem a elas têm muito medo (...)” (E3).

De acordo com os dados disponibilizados pela entrevistada (E3) sobre este ponto em específico, compreende-se que, de facto, existiram vários obstáculos que acabaram por assinalar o percurso do João. Estes resumem-se, particularmente, pelo medo e pelo receio por parte das instituições em receber uma criança com NEE, sendo esta uma questão que nos leva a refletir sobre até que ponto as instituições (públicas ou privadas) e os seus profissionais de educação estão preparados para receber crianças com algum tipo de deficiência. Por outro lado, a questão monetária deve ser destacada como tendo sido uma dificuldade relevante na medida em que, segundo a entrevistada, não existia qualquer tipo de participação familiar por parte da instituição anterior que apoiasse esta família e esta criança com NEE.

Para finalizar esta descrição do percurso institucional da criança, salienta-se a chamada de atenção por parte da mãe para o facto de a mudança de instituição se ter baseado somente em questões financeiras pois, segundo esta, a criança encontrava-se totalmente incluída no local onde se encontrava. Ressalta-se, assim, as suas afirmações sobre esta questão: “(...) [deveu-se] somente [a] questões financeiras (...) [pois] eu pagava a mensalidade na totalidade (...) porque [a instituição anterior] não tinha participação familiar alguma, então eu tinha que pagar mensalidade na totalidade do valor (...) Aqui há participação familiar, então a mensalidade é reduzida de uma forma bem significativa (...)” (E3).

2.2. Principais dificuldades na inclusão da criança no atual jardim de infância

Após uma abordagem ao entendimento do que é educação inclusiva para os intervenientes entrevistados e ao percurso institucional do João, considera-se pertinente e importante referirmo-nos, agora, às principais dificuldades que marcaram todo o processo de inclusão da criança no atual jardim de infância.

No decorrer da entrevista, a mãe da criança referiu alguns aspetos importantes que se prendem, essencialmente, com o início de todo o processo de inclusão. Segundo a mãe, falha a ausência de pedido de informações sobre as NEE específicas da criança aquando do momento da inscrição. Assegura que: “(...) não está lá campo nenhum [no formulário] que pergunta se a criança tem necessidades educativas especiais” (E3).

Esta foi uma das questões que apenas foi destacada pela mãe. Nenhum outro interveniente deu ênfase a este pormenor que, de certa forma, acaba por marcar o início de todo o processo. Na verdade, a continuidade da análise e interpretação dos dados obtidos

revela que o processo de aceitação não foi imediato e que se inferem das divergências de opiniões, nomeadamente entre a coordenadora pedagógica e a mãe da criança, no que se refere à parte inicial de todo o processo no decorrer da inscrição da criança na presente instituição.

De acordo com a mãe, a instituição não queria aceitar a criança devido às NEE. Chamaram o João, tal como já foi referido, mas, quando conheceram as suas limitações, surgiram alguns conflitos e receios. A verdade é que, mais uma vez, esta questão assenta no facto de, no momento da inscrição, não existir nenhum campo no formulário que questione se a criança possui algum tipo de deficiência. Esta foi uma das principais queixas e lamentações da mãe, ao referir que “(...) no momento da matrícula, quando souberam que tinha necessidades educativas especiais, disseram que a instituição não tinha condições de receber a criança” e que “(...) a instituição o chamou porque não sabia da existência de um carácter de necessidades educativas especiais” (E3).

Nesse sentido, a mãe refere, ainda, que estas dificuldades partiram apenas da administração da instituição devido às chamadas questões burocráticas que acabaram por marcar o início de todo o processo. Assim sendo, interpreta-se, também, que os receios eram maiores por parte da instituição do que por parte da mãe ou da própria criança. Segundo a interveniente: “(...) a família nunca teve dúvida de que a criança fosse capaz de se adaptar. (...) Nem a criança tem receio, nem a família tem receio, mas as instituições têm” (E3).

Os dados revelam que foi a instituição que mais dificuldade teve em se adaptar à criança e não vice-versa. Tal como a mãe também destaca, foi necessária muita persistência por parte da família e a procura de fundamentação na lei que defendessem a inclusão da criança no ensino regular. Reconhece que: “(...) eu particularmente como mãe tive que insistir muito, tive que debater, tive que procurar abrigos dentro da lei, tive que procurar muitas coisas para me defender. Porque senão ele não tinha sido integrado no ensino regular” (E3). Apesar de não se querer alongar muito nesta questão e apesar de dizer que foi a única instituição a aceitar o João, a mãe ressalta, uma vez mais, que esta não foi, de todo, uma aceitação imediata pois, segundo esta, “(...) para inscrever ele aqui [na presente instituição] também foi muito difícil, quase não o aceitavam. (...) só conseguiu também por muita briga da família (...)” (E3).

A divergência de opiniões surge a partir do momento em que a coordenadora não refere que houve qualquer tipo de conflito ou de problema aquando da entrada da criança no jardim de infância, referindo até que “no caso do João tem sido muito fácil” (E1). Segundo esta, o processo decorreu de forma natural, tendo havido a preocupação por parte da instituição em

conhecer o João, as suas limitações e necessidades. Defende, inclusivamente: “nós nunca rejeitámos (...)” (E1), colocando como principal obstáculo para a inclusão da criança, a falta de pessoal docente e não docente para dar resposta a determinadas situações.

Fazendo um balanço deste ponto, tendo presente as contradições nos discursos das educadoras e da mãe do João e do facto de no PE não ser assumido de forma clara e objetiva a promoção de uma educação inclusiva, pode-se interpretar que não existe por parte da instituição uma postura de verdadeira abertura e de aceitação a crianças com NEE. As dificuldades sentidas pela mãe no início de todo o processo expressam discriminação e preconceito face à criança.

A educadora da criança, por seu lado, em concordância com a coordenadora pedagógica, também mencionou ao longo da entrevista que, por vezes, sente a falta de algum apoio por parte da restante comunidade educativa, mas que acaba por ser normal devido às preocupações e à atenção que é dada a cada grupo. Expõe, então, que “(...) não é que não sinta apoio das minhas colegas e sinto, mas claro que cada uma está centrada no seu grupo e tem as suas preocupações, mas (...) poderíamos ainda comunicar mais também para me ajudar a mim” (E2). Interpreta-se, porém, que esta questão da falta de apoio acaba por não se prender com atos de discriminação, mas antes com o receio pelo desconhecimento e pela falta de formação para trabalhar com crianças com NEE.

É neste contexto que se salienta os principais receios por parte dos intervenientes. No que toca à educadora da criança, confessou que, no início, se sentiu bastante assustada e receosa por receber uma criança com NEE na sua sala de atividades. Diz-nos, portanto, que quando soube “(...) foi um choque porque nunca tinha trabalhado com uma criança assim” (E2). Os seus receios passavam, essencialmente, pela forma como o João seria aceite pelo restante grupo e pela forma como se iria adaptar ao novo contexto. Todavia, as especificidades da deficiência, ou seja, o facto de se tratar de uma limitação apenas a nível físico e motor e, por isso, ser “(...) das deficiências mais fáceis” (E2), apoiadas com o posicionamento da família, foram fatores muito importantes que contribuíram para a inclusão da criança e para que a educadora se sentisse mais segura e confiante no seu desempenho.

Os receios da mãe da criança passaram, igualmente, pela aceitação do restante grupo face as limitações do João. O medo do preconceito e dos constantes “porquês” acabaram por tornar a mãe um pouco mais apreensiva.

No seguimento desta questão, a educadora destaca a falta de formação dos profissionais de educação e a falta de apoios necessários exteriores à instituição, que acabam por ir ao encontro do que foi referido anteriormente. Menciona, então, que “(...) nestes casos de

crianças com necessidades educativas especiais, devia haver alguma coisa exterior à instituição” e que “(...) nós sabemos que ele tem uma deficiência, nós tentamos adaptar as atividades que temos mas, se calhar, há outras formas de fazer e melhor do que aquilo que nós fazemos e nós não temos conhecimento” (E2).

Foram, portanto, muitas as dificuldades que marcaram o processo de inclusão do João. De acordo com as informações disponibilizadas, poderiam ser aqui mencionados outros três aspetos muito importantes: a aceitação por parte das crianças, a aceitação por parte das restantes famílias e a adaptação ao espaço físico. Estes seriam aspetos que, à partida, poderiam ser considerados como eventuais dificuldades, contudo, segundo a opinião das entrevistadas, os receios face a estas questões foram ultrapassados, acabando por marcar de forma bastante positiva o processo de inclusão da criança. Nas palavras da educadora: “(...) senti que a inclusão dele foi feita e que ele está totalmente incluído, quer na sala, quer adaptado às outras [salas] (...)” (E2).

2.3. Dificuldades superadas

Apesar das críticas apresentadas pela mãe relativamente à fase inicial do processo de inclusão, há algo que merece ser destacado: a preocupação por parte da instituição em preparar toda a equipa profissional. Embora as opiniões sejam contraditórias e tenham existido, de facto, algumas falhas no processo, o importante é que existiram reuniões, conversas informais e formais, diálogos com as restantes crianças e comunidade educativa, previamente à chegada do João à instituição. De acordo com a coordenadora pedagógica “(...) às vezes é necessário haver essa comunicação, essa conversa prévia com as crianças para elas perceberem e aceitarem as coisas de uma forma natural. (...) Foi-lhes comunicado que tínhamos uma criança diferente que andava numa cadeirinha de rodas” (E1).

Por sua vez, a educadora da criança também menciona: “(...) entretanto, eu com as minhas auxiliares também falei sobre isso (...) que era uma criança com necessidades educativas especiais a nível motor (...) foi feita uma apresentação (...) do João” (E2).

Todas estas estratégias acabaram por ajudar o João no seu processo de inclusão, na medida em que toda a equipa profissional foi capaz de superar as necessidades da criança, todos os receios e inseguranças iniciais.

Para além da equipa profissional, a reação e o acolhimento por parte das restantes crianças também foi muito importante. O perigo “(...) de o grupo o pôr de lado e não o aceitar (...)” e o de sentir que “(...) de início (...) o João era muito olhado (...)” (E2) acabou por ser ultrapassado e o receio do preconceito que tornava educadoras e mãe apreensivas foi

posto de lado, pois houve, por parte das crianças, uma aceitação sem problemas. Todas as crianças, da sala do João e das restantes salas, o aceitaram bastante bem e de forma positiva. Todos os intervenientes estão de acordo no que respeita a esta questão, afirmando que “as crianças não fizeram nenhuma diferença, aceitaram muito bem” (E1), que “(...) os colegas também o receberam bastante bem, estão sempre preocupados com ele, ou levam-lhe a cadeira ou trazem-lhe a cadeira (...)” (E2) e, ainda, que “os amigos o aceitaram muito bem” (E3).

No que se refere às famílias das restantes crianças, a aceitação também foi muito positiva. A educadora diz-nos o seguinte: “(...) nunca vi ninguém que das outras famílias (...) pusesse alguma questão ou que olhasse de uma forma diferente para o João (...)” (E2). De forma realista, a coordenadora pedagógica refere que “(...) numa instituição onde há 75 crianças é natural que haja sempre uma mãe ou um pai que tenha uma atitude mais desconfiada, mais desconfortável (...)” (E1).

Igualmente para a mãe da criança, a existência de alguma curiosidade por parte das restantes famílias é compreensível, pois “(...) os outros pais também têm um pouco de curiosidade (...)” (E3). De uma forma geral, as entrevistadas concordam que não se sentiram dificuldades relevantes neste domínio.

Relativamente à questão do espaço físico, tivemos oportunidade de recolher opiniões idênticas. Segundo os intervenientes, este encontra-se, desde sempre, adaptado às necessidades físicas e motoras do João. Na opinião da coordenadora pedagógica “(...) estava tudo devidamente adaptado. A casa de banho [possui] uma sanita própria (...)” (E1). Partindo da mesma opinião, a educadora da criança certifica que “a instituição (...) tendo em conta a deficiência dele, até está bem adaptada” (E2). No que respeita às observações e aos registos em diário de campo, pode-se, de facto, constatar que a instituição se encontra bem adaptada face as limitações do João, não existindo barreiras para o seu deslocamento. A sanita, tal como foi referido, é uma das mais-valias para a criança, pois encontra-se devidamente adaptada para que o João a possa utilizar. Esse facto acabou por ser registado no diário de campo ao ser referido que:

“(...) na casa de banho existe uma sanita adaptada para o João, com alguns apoios de lado para a criança se segurar. Contudo, todas as crianças podem utilizar essa sanita. Sempre que o João entra na casa de banho, as restantes crianças já sabem que o João tem prioridade e não utilizam a sanita, colocando-a à disposição do amigo” (10 de dezembro de 2013) (Anexo XIV).

2.4. Inclusão na sala de atividades

No que concerne à inclusão da criança com NEE na sala de atividades, neste caso na sala dos 5 anos, as três entrevistadas destacam a interação com as restantes crianças do grupo como algo muito importante para a inclusão do João no jardim de infância. Este aspeto é referido pela coordenadora pedagógica quando afirma que existiu sempre uma grande entreaajuda entre todas as crianças e adultos da sala, expressões de afeto e brincadeiras comuns entre todos. A entrevistada refere, inclusivamente, que as crianças são muito carinhosas com o João e que o ajudam a ir à casa de banho, auxiliando-o nas suas deslocações na cadeira de rodas. Este facto foi observado ao longo do estágio e registado:

“Hoje observei as crianças do grupo do João a transportá-lo do espaço exterior para a sala de atividades. As crianças formaram um comboio e, no fim deste, uma menina empurrava de forma super natural a cadeira de rodas. Ambas as crianças estavam felizes e com uma atitude natural e normal. Pelo que já tive oportunidade de observar, é algo que costuma ser habitual e que faz parte da rotina das crianças” (Diário de campo, 10 de março de 2014) (Anexo XVIII).

Corroborando esta ideia, a educadora da criança realça o facto de o restante grupo demonstrar grande preocupação com o João, incluindo-o em todas as brincadeiras e atividades, independentemente das suas limitações ou necessidades. A participação nas brincadeiras foi, de facto, um aspeto que mereceu destaque por todas as intervenientes pois, segundo a mãe da criança, foi um dos pontos de partida para a inclusão do João. Afirma, nomeadamente, que a partilha de brinquedos na sala de atividades foi uma das estratégias que melhor resultou, pois “(...) o trazer brinquedos e partilhar o brinquedo com os amigos já fez ele se aproximar com o grupo e fez com que as crianças aceitassem ele.” (E3). A coordenadora pedagógica, por seu lado, fomenta esta questão afirmando que “ele sai da cadeira de rodas e vai para o chão às vezes jogar à bola, em vez de jogar com os pés joga com as mãos (...)” (E1).

Esta foi uma prática observada ao longo do estágio e que vai ao encontro do que foi referido pelas entrevistadas. Foi possível observar “(...) o João a brincar com as restantes crianças no recreio. As crianças empurravam-lhe a cadeira de rodas e incluíram-no em todas as brincadeiras” (Diário de campo, 21 de janeiro de 2014) (Anexo XVI).

Ainda no que toca à fase inicial do seu processo de inclusão na sala de atividades, a educadora e a mãe da criança referem nas entrevistas que existiu uma grande curiosidade e vários questionamentos por parte das crianças. Todavia, consideram que é algo normal face as circunstâncias. Por outro lado, todas as questões foram respondidas e as dúvidas esclarecidas

com as estratégias adotadas pela educadora, como se irá apresentar mais à frente neste capítulo.

No que se refere à mãe da criança, esta destaca a aproximação do João a uma outra criança como fator crucial para a sua inclusão na sala de atividades. Segundo ela: “logo no princípio ele fez uma grande amizade com uma menina da sala, então ele já se afeiçãoou logo a essa menina (...)” (E3).

Para além disso, é de salientar o facto de, segundo a opinião da educadora, ser o João quem, na maior parte das vezes, toma iniciativa para brincar. Contudo, esta questão é justificada pela entrevistada não pelo facto de as restantes crianças o rejeitarem, mas sim pela própria personalidade da criança pois, na opinião desta: “o João é muito brincalhão, ele gosta muito de brincar” (E2). Já a coordenadora pedagógica justifica que “umas vezes é o João que toma iniciativa para brincar, outras vezes são as outras crianças que pedem, que o chamam para brincar com eles” (E1).

Paralelamente a esta questão, é de salientar que, analisando os dados obtidos, as brincadeiras preferidas do João, segundo a sua educadora, são as brincadeiras ao ar livre, mais precisamente na terra. Outro detalhe importante e que é bastante sublinhado pela educadora da criança, é o facto de todas as crianças brincarem com o João, independentemente de serem ou não da sua sala. Logo, para além da boa relação existente com as restantes crianças do seu grupo, existe, também, uma boa relação com todas as crianças do jardim de infância, no geral. Essas afirmações vão ao encontro do que foi observado e, posteriormente, descrito no diário de campo. Através deste instrumento de recolha de informação, descreve-se o seguinte:

“Observei o João a brincar com outras crianças de outras salas. O João não se focou apenas nas crianças do seu grupo e percebi que as restantes crianças encontram-se familiarizadas e habituadas ao João, não notando ou dando destaque às suas limitações. Observei-os a jogar à bola: o João sentado e a outra criança chutava-lhe a bola. O João fazia de guarda-redes e defendia a sua “baliza”. Algo adaptado e simples que permitiu a inclusão do João na brincadeira” (19 de fevereiro de 2014) (Anexo XVII).

Quando abordamos a inclusão da criança com NEE na sala de atividades, não podíamos deixar de mencionar o papel da educadora, tendo esta sido uma questão apresentada como importante no processo de inclusão por todos os intervenientes. A postura da educadora é caracterizada como positiva, tendo por base as estratégias adotadas e o seu contributo para a inclusão do João. As suas estratégias passaram pelo diálogo com as crianças, pela leitura da história “O menino de todas as cores” - que aborda a diferença e pela preparação prévia da sala para a receção da criança. Segundo esta:

“O que eu tentei fazer com os da minha sala foi (...) ter uma conversa com eles, explicar as limitações que ele tinha, que era uma criança diferente deles, deslocava-se de maneira diferente mas que era para o tratarem de igual forma (...) aquela conversa inicial (...)” (E2).

Também teve atenção à organização do espaço da sala de atividades, referindo o seguinte: “o que eu tentei na sala é que eles tenham sempre as cadeiras arrumadas junto à mesa para ser fácil ele se deslocar” (E2).

Em consonância com a educadora, a coordenadora pedagógica fortalece a importância dessas estratégias, proferindo que:

“Eles puseram a questão porque é que ele estava numa cadeirinha de rodas, foi-lhes explicado que ele nasceu assim sem perninhas, que às vezes acontece, que as perninhas dele estão muito fraquinhas e, por isso, precisam do apoio de uma cadeira de rodas (...)” (E1).

Nesta medida, a coordenadora valoriza o diálogo realizado com as crianças como forma de as preparar para a diferença e para o novo colega que chegaria à sala e ao grupo. As opiniões de ambas vão ao encontro do que foi, igualmente, destacado pela mãe pois, segundo esta, as estratégias adotadas pela educadora foi um fator muito positivo para a inclusão do João, fazendo com que o restante grupo o recebesse bastante bem: “(...) a educadora fez com que a turma o recebesse bem, em preparar a turma, em falar das dificuldades dele com a turma (...)” (E3), Para além disso, “(...) a educadora ter preparado a turma antes foi muito positivo... foi um facto muito positivo (...)” (E3).

Porém, é importante mencionar as principais dificuldades sentidas pela própria educadora no desenvolvimento de todas as estratégias e atividades. As suas principais dificuldades incidiram, essencialmente, nas sessões de motricidade e de dança, pois são as que envolvem uma maior exploração e movimentação do corpo. Desta forma, afirma que teve de saber adaptar as atividades e encontrar soluções para incluir o João no que era realizado para que este não se sentisse excluído. Afirma, por exemplo, que nessas sessões “enquanto uns estão a correr, ele corre à maneira dele mas no chão” (E2). Apesar das dificuldades iniciais, estas foram ultrapassadas e a própria educadora destaca o facto de se ter surpreendido bastante com o João por este também ter sido capaz de superar todas as suas limitações, realizando todas as atividades da forma que era capaz.

Para além de todas as estratégias já referidas, a mãe destaca uma outra: o acompanhamento exterior à instituição que é feito por parte da educadora, referindo-se às sessões de reabilitação que o João realiza. Na sua opinião, o facto de a educadora ter acompanhado esse processo fora da instituição foi importante pois possibilitou que conhecesse melhor “(...) os problemas e as dificuldades (...)” (E3) da criança. Numa

conversa inicial que existiu com a educadora, ainda antes da entrevista, com o objetivo de conhecer o João, as suas características e limitações, a própria referiu que a criança frequenta fisioterapia e que já a havia acompanhado em algumas situações (Diário de campo, 6 de janeiro de 2014) (Anexo XV). A educadora sentiu necessidade de realizar esse acompanhamento, tendo sido muito importante não apenas para a família e para a criança, mas também para ela (educadora) perceber como funcionam os apoios exteriores à instituição e de que forma estes contribuem para o bem-estar e desenvolvimento do João. Através destes dados, interpreta-se que o acompanhamento que é feito à criança e as estratégias que são utilizadas, que não se centram apenas no espaço interior da instituição, revelam a preocupação e o cuidado da educadora em promover a inclusão do João.

2.5. O papel da coordenadora pedagógica

A fim de melhor se compreender o processo de inclusão da criança com NEE no jardim de infância, considerou-se pertinente obter algumas informações sobre a importância da coordenadora pedagógica ao longo de todo este processo. Assim sendo, na opinião da mesma, é importante a preparação prévia dos profissionais para que estes conheçam as limitações e necessidades da criança e apresentem um comportamento inclusivo perante esta.

No caso do João não foi exceção pois, tal como a entrevistada afirma: “eu lembro-me que quando o João entrou, eu voltei a falar da importância do tratamento normalizado (...)” (E1).

Apesar da opinião da entrevistada, esta difere um pouco do que foi mencionado pela mãe. Tal como já foi referido anteriormente, a mãe da criança destacou algumas dificuldades sentidas ao longo do processo de inclusão, nomeadamente na parte inicial, pois a criança só foi aceite pela instituição após muita insistência por parte da família. As NEE foram um dos principais motivos, se não o principal, para todos os receios e dificuldades vividos. As divergências de opiniões surgem quando a coordenadora pedagógica refere que nunca rejeitou nenhuma criança, independentemente das suas diferenças. O que é facto é que, apesar de atualmente a criança estar incluída, no início foi bastante complicado. Perante as suas funções, a interveniente defende: “enquanto coordenadora eu não podia, nunca, admitir que uma criança como o João, ou uma criança que seja diferente, fosse rejeitada seja por quem fosse” (E1). O que entra em contradição com as dificuldades relatadas pela mãe.

Paralelamente a esta questão, a entrevistada refere que o seu papel passa por criar um ambiente de confiança na instituição e, ao mesmo tempo, assegurar a comunicação entre a família da criança e o jardim de infância, aspeto que iremos explorar de seguida.

2.6. O contributo da relação família/jardim de infância

Neste ponto em particular as opiniões das entrevistadas foram muito semelhantes perante as questões colocadas. No que respeita às características da família, neste caso específico da mãe, podemos afirmar, de acordo com os dados obtidos, que existe uma participação e um envolvimento ativos por parte desta. Ou seja, trata-se de uma mãe participante que, para além disso, procura envolver-se nas atividades. A própria refere: “Estou muito presente na instituição, estou sempre a participar (...)” (E3). Igualmente, a coordenadora pedagógica, afirma que: “Pelo que eu conheço da mãe não há grandes estratégias para se utilizar com ela porque ela é uma pessoa que se envolve rapidamente” (E1).

A educadora da criança sublinha que a mãe participa e se envolve nos projetos da instituição, nomeadamente no projeto das histórias⁴, mostrando-se bastante motivada e empenhada.

Para além de ser uma mãe participativa e que se envolve, é descrita pelas restantes entrevistadas como sendo comunicativa e uma mãe que confia na instituição. De acordo com a coordenadora pedagógica, trata-se de uma mãe que “(...) a partir do momento que confiou, entregou (...)”, sendo que “(...) não se importa que ele [o João] se arraste pelo chão, não tem que estar sempre sentado na cadeirinha de rodas” (E1). Por seu lado, a educadora ressalta a comunicação existente entre os dois contextos, destacando que a mãe “(...) é uma pessoa bastante comunicativa e (...) muito preocupada com o filho e isso também ajuda” (E2). Uma comunicação que é boa, segundo as profissionais entrevistadas, mas que, no entanto, merece alguns reparos por parte da mãe que gostaria que o contacto existente fosse um pouco mais pessoal uma vez que, segundo as suas palavras, “não há um contacto pessoal”, pois “às vezes [comunicam] muito através de bilhetes, de papéis, de recados” (E3).

Apesar dessa lacuna na comunicação, a mãe não deixa de dar importância ao diálogo que existe com o jardim de infância, afirmando: “Sempre que acontece qualquer coisa que eu

⁴ O projeto das histórias consiste em as crianças trabalharem e explorarem uma história em casa com a família para, posteriormente, a apresentarem ao restante grupo na sala de atividades.

pense que vai interferir no dia dele ou na rotina dele na escola, eu procuro comunicar (...)” (E3).

A mãe procura que esse contacto seja diário, tendo por base a comunicação, o questionamento e informações sobre o dia-a-dia da criança. Esse mesmo contacto e envolvimento acaba por se refletir na criança, pois a mãe afirma: “(...) a própria criança sente que eu estou feliz ao lado dele e que eu não tenho vergonha e que eu não falto” (E3).

Segundo a mãe, a sua presença e implicação no jardim de infância faz com que a criança acabe por considerar a instituição e a família como um só, fazendo questão de relatar em casa como foi o seu dia-a-dia no jardim de infância e vice-versa, sentindo-se mais acolhido e familiarizado com as situações que vivencia. Esta é, também, a convicção da coordenadora pedagógica na medida em que concorda com a existência de um diálogo permanente entre a família e a instituição, sendo este “(...) quase diário” (E1) e sem a obrigatoriedade de reuniões específicas com a família do João. Segundo esta, o diálogo acabou mesmo por ser uma mais-valia para a inclusão da criança na instituição pois sempre existiu uma boa e fácil comunicação entre as duas partes, tendo a família sempre demonstrado muita iniciativa e preocupação nos assuntos abordados e discutidos.

Outros aspetos apontados pelas entrevistadas, nomeadamente pela educadora, prendem-se com a disponibilidade do jardim de infância para comunicar com a família e da educadora, em particular, que faz questão em acompanhar nos apoios externos à instituição que o João recebe e de, inclusive, realizar a avaliação da criança conjuntamente com os apoios.

Para a educadora do João, a cooperação entre a família e o jardim de infância é importante para transmitir segurança e apoio à criança mas também à família. Assegura, assim, que “(...) é meio caminho andado para ele se sentir seguro e sentir que tanto tem o apoio da mãe e o apoio da educadora e auxiliares e do pessoal da instituição (...)” (E2). Para além disso, no que toca ao apoio transmitido à família, salienta: “Nós tentamos é que ela se sinta apoiada e que sinta que pode contar connosco no que precisar” (E2).

A mãe acaba por dar grande ênfase à relação entre os dois contextos, caracterizando-a como positiva e destacando como base para essa relação, o “diálogo”, a “persistência”, a “paciência” e a “compreensão” (E3). Termina esta questão referindo apenas: “Chegámos a um ponto de equilíbrio” (E3).

Atualmente, e segundo a opinião das entrevistadas, o João encontra-se totalmente incluído no jardim de infância, tendo reagido sempre bastante bem ao longo de todo o processo. A criança sempre soube os seus limites, sempre foi bastante autónomo e comunicativo, tendo sido capaz de superar as suas próprias dificuldades e limitações. Nas

palavras da educadora e da mãe, respetivamente: “Senti que a inclusão dele foi feita e que ele está totalmente incluído, quer na sala, quer adaptado às outras (...)” (E2) e “(...) agora já está todo o processo finalizado” (E3).

Conclusões

Tendo por base os objetivos inicialmente definidos, a fundamentação teórica do estudo, a metodologia adotada e a análise e interpretação dos dados obtidos, surgem as conclusões deste estudo. Concluir um trabalho, qualquer que seja a sua natureza, é sempre um meio de refletir sobre tudo o que até aqui se fez, logo pretende-se refletir sobre os dados obtidos e sobre as conclusões que deles se retiram.

Perante o objetivo geral que serviu como ponto de partida para a elaboração deste relatório - “compreender o processo de inclusão de uma criança com NEE no jardim de infância”, foi proposto refletir e compreender o conceito de educação inclusiva, as diferentes perspectivas de diferentes intervenientes face a esta questão, o percurso institucional da criança em estudo, as principais dificuldades sentidas e superadas ao longo de todo o processo, a inclusão na sala de atividades, o papel da coordenadora pedagógica e o contributo da relação entre a família e o jardim de infância para a inclusão da criança com NEE.

Para alcançarmos o nosso objetivo geral, delineou-se alguns objetivos específicos de forma a organizar as pesquisas e para melhor orientar a investigação. Esta, por seu lado, teve uma natureza qualitativa que assentou na análise documental do PE da instituição, na realização de três entrevistas semiestruturadas a três intervenientes, na observação não-participante e na realização de registos em diário de campo. O tratamento e análise dos dados obtidos através das técnicas e instrumentos referidos, permitiu-nos recolher informações pertinentes face a problemática em estudo.

Os dados recolhidos permitem verificar, em primeiro lugar, que o conceito de educação inclusiva constrói-se. Depende do enquadramento legislativo que lhe dá suporte, consolida-se através da prática dos profissionais que a implementam e praticam e está, sem dúvida, intimamente ligado às atitudes com que é perspectivado. Através do tratamento e análise das entrevistas semiestruturadas, conclui-se que os intervenientes possuem definições semelhantes deste conceito, ou seja, educação inclusiva assenta na igualdade, no respeito e na aceitação das diferenças e características de cada um. A inclusão de crianças com NEE no ensino regular também é bem visto e aceite, na medida em que o contacto precoce com a deficiência e com a diferença torna-se fundamental para ambas as partes, pois permite, desde cedo, que as crianças com NEE sejam encaradas de forma natural pelas restantes ditas “normais” e que estas, por seu lado, aprendam a viver diariamente com as limitações e especificidades existentes.

Com a análise do PE não se conseguiu, porém, compreender até que ponto a instituição valoriza e estimula a educação inclusiva pois é muito vaga a informação que disponibiliza sobre esta questão. Para além disso, considera-se que a não elaboração de PCG é uma das principais falhas por parte da instituição, ainda para mais quando a um grupo pertence uma criança com NEE. Obviamente considera-se importante e de louvar o facto de a instituição ter recebido e aceiteado a criança com NEE, mas, ao longo da investigação, sentimos que faltava alguma informação, sobretudo através destes dois documentos que acabam por ser documentos orientadores da prática pedagógica, principalmente para dar a conhecer esta questão da inclusão à restante comunidade educativa.

Para melhor compreendermos o conceito de educação inclusiva e o próprio processo de inclusão da criança em estudo, achámos por bem conhecer e compreender o percurso institucional da criança, nomeadamente os motivos que levaram à escolha da atual instituição. Assim sendo, conclui-se, através da entrevista realizada à mãe da criança, que o percurso institucional do João não foi fácil e que muitas vezes a discriminação face as NEE esteve bastante presente. Esta acaba por ser uma questão que marca a nossa realidade atual pois, apesar de o conceito de inclusão se ter vindo a construir progressivamente ao longo dos últimos tempos, ainda existem muitos medos e receios em receber e aceitar uma criança portadora de deficiência nas escolas regulares. Independentemente das instituições, conclui-se, igualmente, que a família tem um papel muito importante na escolha destas. A mãe acabou por nos dizer que ela mesma teve algumas dificuldades em encontrar uma instituição que ela aceitasse, que se sentisse segura e confortável em inscrever a criança. Este é um aspeto muito importante e fundamental no processo de inclusão de uma criança pois não basta a instituição aceitar a criança com NEE, é também importante que a família e, acima de tudo, a criança se sintam bem e felizes no ambiente onde se encontra.

Chegou-se à conclusão que a chegada à atual instituição, ou seja, o início do processo de inclusão não foi fácil, pelo menos na opinião da mãe da criança. Foi a partir deste ponto que começaram a surgir algumas divergências de opiniões por parte dos intervenientes. Ou seja, enquanto a mãe se focou nas dificuldades que sentiu relativamente à inscrição do João e aos receios por parte da instituição, a coordenadora pedagógica não mencionou qualquer problema neste âmbito. Segundo a entrevistada foi um processo bastante fácil e natural. Acabou-se por concluir que, de facto, é muito mais fácil para a coordenadora pedagógica transparecer uma imagem positiva da instituição, transmitindo a ideia de inclusão e da prática de uma educação inclusiva. Porém, entende-se que seja normal que ao longo de todos os processos existam pequenos conflitos, medos e receios de ambas as partes. O que é certo é

que, para a família da criança, o início de todo o processo foi difícil e conflituoso. Por outro lado, conclui-se, também, que existiu uma atitude positiva por parte da coordenadora pedagógica na medida em que se reuniu e comunicou à restante comunidade educativa a chegada da criança com NEE para que todos estivessem informados sobre a situação. Considera-se esta atitude positiva na medida em que os profissionais ainda sentem muito receio e medo em receber crianças com algum tipo de deficiência, logo esta comunicação prévia foi importante para que houvesse uma preparação e adaptação a vários níveis.

Apesar das opiniões diversas e das estratégias adotadas, compreende-se que, neste caso específico, o complicado início de processo descrito pela família se deveu ao facto de a instituição ter tido mais dificuldades em se adaptar às características da criança e não vice-versa. Esta dificuldade passou, em certa parte, pela educadora, pela forma como esta teve de adaptar as suas estratégias ao João. Contudo, a partir da observação realizada e dos registos em diário de campo, verificou-se que esta soube superar as suas dificuldades e acabou por saber corresponder às principais limitações da criança. Atualmente, o João é aceite e respeitado por todas as crianças, do seu grupo e dos restantes, de forma bastante natural. Foram muitas as atitudes de inclusão que se observou e registou em notas, por isso, conclui-se que a sua inclusão junto da educadora e das restantes crianças está concluída, apesar de todas as dificuldades iniciais.

A partir das informações que se obteve através da entrevista à educadora, conclui-se que as dificuldades sentidas da sua parte assentaram, essencialmente, com a falta de formação para trabalhar com crianças portadoras de NEE. A formação é bastante importante para que, neste caso, educadoras se preparem e tenham uma maior facilidade em adotar estratégias para incluir crianças com NEE no grupo e nas atividades que são propostas. Acreditamos que, de facto, tenha sido “um choque”, tal como a mesma refere, sem existir qualquer tipo de formação ou preparação prévias. Assim sendo, considera-se que os apoios exteriores à instituição são muito importantes e foi nesse sentido que a própria educadora sentiu necessidade de acompanhar o João e a sua família em algumas sessões de fisioterapia. Conhecer o que é feito por fora da instituição e conhecer o mesmo acompanhamento que é feito à criança é fundamental para que, por um lado, a educadora conheça melhor as necessidades e as especificidades da criança e, por outro, para que a própria família se sinta apoiada, existindo um elo de ligação entre ambos os contextos.

É nesta perspetiva que se interpreta e se conclui um outro aspeto explorado ao longo do presente relatório que passa, indubitavelmente, pela importância da relação entre a família e o jardim de infância para o processo de inclusão da criança com NEE. Todavia, é importante

valorizar e estimular a família à participação e ao envolvimento, desenvolvendo estratégias de colaboração que envolvam o jardim de infância, as famílias, as crianças e a comunidade. Este poderá ser o primeiro passo para que se possam ajudar as crianças com NEE a desenvolver-se e a incluí-las no contexto onde se encontram. É, então, necessária uma relação que tenha por base a colaboração, a cooperação, o diálogo, a participação e o envolvimento de todos os intervenientes trabalhando em conjunto para atingir objetivos comuns. Uma relação de confiança e de parceria torna-se fundamental para que a criança interprete ambos os contextos como um só, sendo que foi isso que acabou por acontecer neste caso em específico.

Em suma, o presente estudo permitiu-nos refletir e compreender melhor a importância da temática da inclusão de crianças com NEE no jardim de infância. Verificou-se que são variados os fatores que acabam por influenciar o processo de inclusão de uma criança com NEE, neste caso, no jardim de infância. Acreditamos que para ter uma educação de qualidade, que tenha por base a igualdade e o respeito, são necessárias infraestruturas adequadas, um corpo docente e não docente respeitador, interessado e mente aberta, um ambiente harmonioso e equilibrado e, ainda, ações governamentais comprometidas com esse processo de mudanças e de adaptações, onde haja disponibilização de verbas, valorização e qualificação da comunidade escolar. Torna-se, também, imprescindível que a sociedade aprenda a conviver com a diversidade humana, através da compreensão e cooperação para que ocorra realmente uma inclusão.

Reforça-se, assim, o conceito de educação inclusiva e é com base em todos esses fatores que este mesmo se constrói. A educação inclusiva só se consolida com a prática de quem a implementa, assentando no princípio de tratamento igual de todas as crianças, respeitando as diferenças individuais e pressupondo diversidade curricular e de estratégias de ensino/aprendizagem.

Limitações do estudo

Ao longo da realização do estudo deparámo-nos com algumas dificuldades, as quais fomos sempre capazes de ultrapassar com dedicação e empenho.

Uma das principais limitações prendeu-se com o facto de o estudo ter decorrido num período de tempo muito curto, logo não foi possível cumprir a etapa de testagem dos guiões das entrevistas realizadas ou, ainda, considerar no estudo as restantes educadoras, as famílias das crianças da sala do João e as próprias crianças, para uma compreensão mais profunda dos desafios que se colocam às famílias com crianças com NEE, às profissionais e à instituição educativa incluir uma criança com NEE numa instituição de ensino regular.

Outro dos limites com que nos deparámos prendeu-se com a adaptação de horários e de disponibilidade para a realização das entrevistas. Estas acabaram por se realizar um pouco depois do tempo previsto, apesar de não ter influenciado o decorrer da investigação. Por outro lado, o facto de o estágio não ter sido realizado na sala de atividades a que a criança com NEE pertence acabou por limitar o contacto com o principal participante do estudo: o João.

Apesar de todas as dificuldades sentidas, conseguimos ultrapassá-las, tal como já foi referido, através do diálogo, da boa comunicação que se estabeleceu e do interesse mútuo pelo tema em estudo, permitindo compreender as dificuldades, constrangimentos e desafios que se colocam a uma educadora na inclusão de uma criança com NEE.

Reflexão final

Indo ao encontro dos objetivos pessoais e profissionais previamente delineados, o presente estudo revelou-se uma mais-valia para o meu crescimento pessoal e profissional, contribuído de forma significativa para uma futura prática pedagógica fundamentada numa perspetiva de pesquisa, de questionamento e de reflexão. No decorrer da investigação e, ao mesmo tempo, do estágio de PES, foi possível conhecer diferentes perceções, desenvolver conhecimentos no âmbito da gestão curricular, da preparação dos profissionais, das estratégias utilizadas, do trabalho em equipa, mas também esteve bastante presente o estímulo à pesquisa, ao questionamento e à reflexão, tendo tudo isso sido fundamental para a construção do meu futuro profissional.

Tal como refere Morgado (1999):

“(…) somos levados a considerar necessária uma atitude de permanente reflexão sobre as práticas que se desenvolvem e os princípios de natureza diferenciada que as sustentam. Esta reflexão poderá constituir-se como um instrumento privilegiado de regulação e avaliação do trabalho desenvolvido, facilitando a introdução, quando justificada, de mecanismos de ajustamento” (p. 55).

Para além disso, destaca-se a opinião de Zeichner (1993) quando refere que “a reflexão é um processo que ocorre antes e depois da acção e, em certa medida, durante a acção, pois os práticos têm conversas reflexivas com as situações que estão a praticar, enquadrando e resolvendo problemas in loco” (p. 20).

É neste sentido que saliento o facto de o processo investigativo realizado me ter consciencializado para a importância que a investigação e a pesquisa possuem na ação pedagógica, neste caso, de um educador de infância, pois é fundamental manter uma atitude crítica e atenta para compreender e ultrapassar as numerosas situações e problemas que possam surgir. Assim sendo, vai-se ao encontro do que já foi referido anteriormente na medida em que se torna fundamental questionar e refletir sobre a nossa própria prática, não com o objetivo de ser um investigador no sentido clássico, mas um profissional que reflete e se questiona sobre o que faz, porque faz e sobre os resultados da sua ação educativa e pedagógica; um educador empenhado e comprometido com uma prática profissional aberta à mudança das suas práticas e à inovação educativa em prol de educação de qualidade. Isto só será possível mediante uma prática constante de questionamento, reflexão e avaliação da sua prática profissional de forma permanente e consciente pois só assim poderá contribuir, e muito, para o seu desenvolvimento profissional.

“Desenvolvimento” diz-nos que se trata de algo que já existe mas que está em construção, que é contínuo, que busca melhorar. Foi isso que pretendi ao longo de todo o processo investigativo e ao longo do estágio da PES: melhorar a minha prática, as minhas capacidades, os meus conhecimentos e o meu “eu” pessoal e profissional. Procurei, acima de tudo, ser agente da minha própria mudança e fazer a diferença com as minhas pesquisas, as minhas perguntas e reflexões com o trabalho desenvolvido e com as competências que adquiri. Competências que decorrem da minha compreensão como aprendente, dos contextos, do processo de aprendizagem, do questionamento permanente e da procura de alternativas que permitam a expansão dessas mesmas competências (Caetano, 2004).

No que concerne, especificamente, à inclusão de uma criança com NEE no jardim de infância, refleti e concluí que o educador de infância tem um papel fundamental ao longo de todo o processo. A adoção de estratégias, a gestão e organização do ambiente educativo, a relação estabelecida com a família, a preparação do restante grupo e da restante comunidade educativa, são alguns exemplos que demonstram a importância do papel de um educador em situações de inclusão de crianças com NEE. Cito, assim, Correia (2007) quando afirma que:

“Exige-se do educador uma grande amplitude e singularidade de tarefas; este terá de articular o saber profissional, com as expectativas, anseios, desejos das crianças, das famílias e comunidade em geral; requer grande “capacidade pessoal e (...) profissional” para intervir junto de públicos com características muito diferentes” (p. 10).

Torna-se, sem dúvida, importante abordar a questão da formação do educador, mais concretamente a sua formação contínua e quais as suas vantagens. De acordo com Alarcão e Tavares (2003) “a formação de um professor não termina, porém, no momento da sua profissionalização; pelo contrário, ela deve prosseguir, em continuidade, na chamada formação contínua” (p. 45). Neste sentido, considero que a formação contínua é importante para que profissionais da educação, para além do desenvolvimento profissional, discutam e reflitam a sua prática pedagógica, clarifiquem conceitos, adquiram um maior conhecimento e compreensão de si mesmos, para que sejam capazes de construir a sua própria identidade profissional e para o seu crescimento enquanto pessoa e educador. No decorrer do estágio, dei por mim a colocar-me no papel da educadora do João e eu mesma senti dúvidas, receios e medos. Questionei-me sobre a forma como poderia adaptar as sessões de motricidade e de dança a uma criança com as suas limitações. Como seria eu capaz de planificar uma sessão de motricidade em que a maioria das crianças teriam de saltar, correr ou subir um espaldar, quando o João não seria capaz de o fazer? Senti falta de formação, falta de informação, falta de um apoio qualquer que me guiasse nessas minhas dúvidas. Nessa altura senti os medos e os

receios daquela educadora e consciencializei-me que, no futuro, posso vir a ser eu a estar nessa situação. Espera-se, assim, que o educador tenha, em primeiro lugar, o cuidado de transmitir ao grupo as necessidades e limitações do colega e inculcar a ideia de que se deve encarar as diferenças de forma natural, porque as diferenças existem e temos de nos habituar a viver com elas. Depois, é importante que o educador tenha a capacidade de adaptar as atividades e adotar estratégias que vão ao encontro das especificidades e necessidades de todas as crianças. Um educador agente de mudança passa, sem dúvida, por saber corresponder às dificuldades e problemas que se impõem, procurando alternativas e soluções.

Ao longo do presente estudo, consciencializei-me, ainda, para a importância que as famílias têm na formação e, neste caso, na inclusão das crianças no jardim de infância, não descurando da boa relação que deve existir entre os dois contextos. A comunicação, a cooperação, a colaboração, o envolvimento e a participação devem fazer parte dessa relação, permitindo que a criança se desenvolva e cresça num ambiente equilibrado e harmonioso, construindo-se como um ser autónomo, livre e solidário. Para além disso, percebi o quanto é importante que o educador se mostre disponível, receptivo e transmita segurança às famílias pois só assim estas se sentem seguras e apoiadas nas situações que eventualmente possam surgir.

Uma outra situação que me levou a refletir bastante foi o facto de, aquando da realização das entrevistas, terem havido algumas divergências de opiniões sobre determinados temas. Inicialmente acabei por considerar esse facto como algo negativo e como uma limitação do estudo, porém, no momento da análise e do tratamento da informação, concluí que foi muito importante e vantajoso tal ter acontecido pois permitiu-me explorar e interpretar melhor a temática em estudo devido à variedade de informações que obtive. Esta acabou por ser outra das mais-valias da investigação e que, sem dúvida, me levou a interpretar o tema com um novo olhar e a retirar novas conclusões.

Termino esta reflexão, referindo que o presente estudo permitiu-me refletir bastante sobre a inclusão de crianças com NEE no jardim de infância e inculcou-me ainda um maior gosto e interesse pela temática. De facto, as NEE fazem parte e marcam o nosso panorama educacional e um educador deve estar preparado para receber crianças portadoras de deficiência seja qual for a circunstância. A inclusão faz-se, entre outras coisas, de relações, de estratégias, de respeito, de mentes abertas e de corações cheios. Assim sendo, enquanto futura educadora, procurarei sempre manter-me assim, trabalhando, respeitando e aceitando as diferenças, com o objetivo de formar cidadãos conhecedores dos seus direitos e deveres, responsáveis e capazes de pensar naqueles que os rodeiam.

Em suma, apenas dizer que foi bom e sabe bem chegar ao fim do estudo e do estágio com o sentimento de que todo o esforço e dedicação valeram a pena e que sempre estiveram do meu lado pessoas que me apoiaram e ajudaram em todo este processo. Sem dúvida que aprendi muito com a experiência de outras pessoas, não só com a minha, que me ajudaram a olhar para esta temática e para a educação pré-escolar no geral com um novo olhar. O olhar de quem gosta de aprender e quer sempre mais, o olhar de alguém que se quer tornar num agente de mudança e num agente de formação e de reflexão constante. Nada acontece, de facto, por acaso e esta foi mais uma prova de como esta temática deve ser valorizada e explorada, pois vale a pena conhecer um pouco mais sobre as NEE, sendo enriquecedor e importante em vários sentidos.

Fazendo um balanço geral, posso dizer que a nível pessoal um dos aspetos mais positivos e marcantes consistiu na minha evolução e na minha maturidade enquanto pessoa mas, principalmente, como futura educadora. Conheci-me melhor. Hoje, sei quais são as minhas maiores dificuldades, facilidades, os meus limites e as minhas limitações. Tenho mais confiança em mim mesma e no trabalho que realizo. Sou capaz de parar para pensar e refletir sobre a minha ação e encontrar soluções para a melhorar sempre mais e melhor.

Referências bibliográficas

- Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação. Um guia prático e crítico*. Porto: Edições ASA.
- Ainscow, M., & Ferreira, W. (2003). Compreendendo a educação inclusiva: algumas reflexões sobre experiências internacionais. In David Rodrigues (2003). *Perspectivas sobre a inclusão: da educação à sociedade*. Porto: Porto Editora.
- Alarcão, I. & Tavares, J. (2003). *Supervisão da prática pedagógica: Uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem*. Coimbra: Edições Almedina.
- Bardin, L. (1994). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Brennan, W. K. (1998). *El Currículo para Niños con Necesidades Especiales*. Madrid: Siglo XXI.
- Caetano, P. (2004). *A complexidade dos processos de formação e a mudança dos professores. Um estudo comparativo entre situações de formação pela investigação-ação*. Porto: Porto Editora.
- Carmo, H. & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da Investigação – Guia para Auto-Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- César, M. (2003). *A Escola Inclusiva Enquanto Espaço-Tempo de diálogo de Todos e para Todos*. Porto: Porto Editora.
- Correia, I. (2007). Formação e Caminhos de Profissionalidade na Educação de Infância. In *Cadernos de Educação de Infância*, 89. Lisboa: APEI.
- Correia, L. M. (1993). O psicólogo escolar e a educação especial. In *Jornal de Psicologia*, 11, 5-7.
- Correia, L. M. (1999). *Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas Classes Regulares*. Porto: Porto Editora.
- Correia, L. M. (2001). Educação inclusiva ou educação apropriada?. In David Rodrigues (org.) (2001). *Educação e Diferença: valores e práticas para uma educação inclusiva*. Porto: Porto Editora.

- Correia, L. M. (2008). *A Escola Contemporânea e a inclusão de alunos com NEE: considerações para uma educação com sucesso*. Porto: Porto Editora.
- Correia, L. M. (2013). *Inclusão e Necessidades Educativas Especiais: um guia para educadores e professores*. (2ª Edição). Coleção Necessidades Educativas Especiais. Porto: Porto Editora.
- Costa, A. (1997). *Caminhos para as Escolas Inclusivas*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Davies, D. (1989). *As Escolas e as Famílias em Portugal: realidade e perspectivas*. Lisboa: Edições Livros Horizonte.
- Dias, J. C. (1996). *A problemática da relação família/escola e a criança com necessidades educativas especiais*. Instituto Jean Piaget.
- Feldman, R. D., Olds, S. W. & Papalia, D. E. (2001). *O Mundo da Criança*. Lisboa: McGraw-Hill.
- García, C. M. (1999). *Formação de professores. Para uma mudança educativa*. Porto: Porto Editora.
- Guba, E. G. & Lincoln, Y. S. (1994). Competing Paradigms in Qualitative Research. In Denzin, N. K. & Lincoln, Y. S. (Eds.). *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks, CA: Sage. Consultado a 1 de julho de 2014 em: <https://www.uncg.edu/hdf/facultystaff/Tudge/Guba%20&%20Lincoln%201994.pdf>.
- Leitão, F. (2006). *Aprendizagem Cooperativa e Inclusão*. Mira Sintra.
- Leite, T. & Madureira, I. P. (2003). *Necessidades Educativas Especiais*. Universidade Aberta.
- Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Departamento de Educação Básica.
- Ministério da Educação (1999). *Uma Educação Inclusiva a partir da escola que temos*. Seminários e Colóquios. Lisboa: Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação.
- Morgado, J. (1999). *A relação pedagógica: diferenciação e inclusão*. Lisboa: Editorial Presença.
- Nielsen, L. (1999). *Necessidades Educativas Especiais na Sala de Aula: Um Guia para Professores*. Porto: Porto Editora.

- Osterrieth, P. (1975). *A Criança e a Família*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Ponte, J. P. (2004). Pesquisar para compreender e transformar a nossa própria prática. *In Educar em Revista*, 24, 37-36.
- Powell, T. H. & Ogle, P. A. (1991). *El Niño Especial: El Papel de los Hermanos en su Educación*. Barcelona: Editorial Norma.
- Relvas, A. (1996). *Família e Desenvolvimento numa Perspetiva Sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Rodrigues, D. (2000). O paradigma da educação inclusiva: reflexões sobre uma agenda possível. *In Revista Inclusão*.
- Rodrigues, D. (2003). Educação Inclusiva: As Boas Notícias e as Más Notícias. *In David Rodrigues (2003). Perspectivas sobre a inclusão: da educação à sociedade*. Porto: Porto Editora.
- Roffey, S. (2001). *Special Needs in the Early Years: Collaboration, communication and coordination*. London: David Fulton Publishers.
- Silva, M. (2011). *Gestão das Aprendizagens na sala de aula inclusiva*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- Sousa, L. (1998). *Crianças (con)fundidas entre a escola e a família. Uma perspetiva sistémica para alunos com necessidades educativas especiais*. Porto: Porto Editora.
- Sousa, A. B. (2009). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Tegethof, M. I. C. A. (2007). *Estudos sobre a Intervenção Precoce em Portugal: Ideias dos Especialistas, dos Profissionais e das Famílias*. Porto. Volume I.
- Telmo, I. C. (1995). Contributo da Família para a Construção de uma Sociedade Plural. *In Educação*. N.º 10. Porto: Porto Editora.
- UNESCO (1994). *Declaração de Salamanca – Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais*. Salamanca: UNESCO.
- Vasconcelos, T. (2009). *Prática pedagógica sustentada. Cruzamento de saberes e de competências*. Instituto Politécnico de Lisboa: Edições Colibri.
- Zeichner, K. (1993). *A formação reflexiva de professores: Ideias e Práticas*. Lisboa: Educa.

Legislação consultada:

Diário da República (1986). *Decreto-Lei n.º 14/86 de 30 de Agosto. Âmbitos e objectivos da educação especial*, publicado no Diário da República – I Série – Número 237.

Diário da República (1991). Decreto-Lei n.º 319/91 de 23 de Agosto. I Série – Série A – Número 193.

Anexos

Índice

Anexo I – Projeto inicial do estudo	54
Anexo II – Guião da entrevista à coordenadora pedagógica (E1)	56
Anexo III – Guião da entrevista à educadora da criança com NEE (E2)	60
Anexo IV – Guião da entrevista à família da criança com NEE (E3)	64
Anexo V – Protocolo da entrevista à coordenadora pedagógica	67
Anexo VI – Protocolo da entrevista à educadora da criança com NEE	84
Anexo VII – Protocolo da entrevista à família da criança com NEE	97
Anexo VIII – Pré-categorização da entrevista à coordenadora pedagógica	113
Anexo IX – Pré-categorização da entrevista à educadora da criança com NEE	121
Anexo X – Pré-categorização da entrevista à família da criança com NEE	128
Anexo XI – Categorização da entrevista à coordenadora pedagógica	140
Anexo XII – Categorização da entrevista à educadora da criança com NEE	149
Anexo XIII – Categorização da entrevista à família da criança com NEE	157
Anexo XIV – Diário de campo (10 de dezembro de 2013)	169
Anexo XV – Diário de campo (6 de janeiro de 2014)	170
Anexo XVI – Diário de campo (21 de janeiro de 2014)	171
Anexo XVII – Diário de campo (19 de fevereiro de 2014)	172
Anexo XVIII – Diário de campo (10 de março de 2014)	173

Anexo I – Projeto inicial do estudo



UNIVERSIDADE DO ALGARVE
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E
COMUNICAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

Discente: Carina Isabel Cabrita Bentes

Orientadora: Professora Doutora Maria Leonor Alexandre Borges dos Santos Terremoto

Relatório final da PES

Projeto inicial

Título: A inclusão de uma criança com NEE no jardim de infância: um estudo de caso

Objetivos

Geral:

- Compreender o processo de inclusão da criança com necessidades educativas especiais no JI.

Específicos:

- Identificar a conceção de educação inclusiva por parte da família e das profissionais;
- Compreender a importância de uma educação inclusiva no ensino regular;
- Descrever o processo de inclusão da criança na instituição e na respetiva sala de atividades;
- Compreender o contributo da educadora na inclusão da criança na sala de atividades;
- Identificar o processo de inclusão da criança realizado pelo jardim de infância;
- Compreender o papel dos restantes intervenientes (coordenadora pedagógica, restantes educadoras e restante comunidade educativa);
- Identificar constrangimentos e elementos facilitadoras da inclusão de uma criança com NEE no jardim de infância.

Metodologia

Tratar-se-á de um **estudo de caso** centrado numa criança com NEE, com limitações a nível físico e motor. A investigação enquadra-se com o estágio realizado em contexto pré-escolar, no âmbito da unidade curricular de PES, no ano letivo de 2013/2014, num jardim de infância situado na cidade de Faro.

Para concretização do estudo recorrer-se-á a:

- **Entrevistas semiestruturadas** aplicadas a alguns informadores privilegiados, nomeadamente à coordenadora pedagógica, à educadora da sala dos 5 anos (educadora da criança em estudo) e à família da criança com NEE;
- **Análise documental** do Projeto Educativo (PE) da instituição;
- **Diário de campo**, para registo das notas de campo, conversas informais e observação de factos e acontecimentos da vida quotidiana da instituição relacionados com o objeto de estudo e, cuja pertinência, possam contribuir para o estudo realizado;
- **Observação não-participante.**

Cronograma

janeiro	fevereiro	março	abril	maio
Revisão da literatura	Revisão da literatura	Elaboração da fundamentação teórica	Elaboração da fundamentação teórica	Análise dos dados obtidos
Construção dos instrumentos (até 1ª quinzena)	Aplicação das entrevistas	Transcrição e tratamento das entrevistas	Conclusão da transcrição e tratamento das entrevistas	Elaboração do relatório final
Registos no Diário de Campo	Registos no Diário de Campo	Registos no Diário de Campo		

Anexo II – Guião da entrevista à coordenadora pedagógica (E1)

Tema	Objetivos específicos	Questões
<p>Inclusão de crianças com NEE na educação regular</p>	<p>Saber a opinião da entrevistada sobre a inclusão de crianças com NEE na educação regular.</p>	<p>Qual a sua opinião sobre a inclusão de crianças com NEE na educação regular? Porquê?</p> <p>Especificamente no caso de uma criança com necessidades a nível físico e motor, como acontece com o João, qual a sua opinião sobre a sua inclusão? Porquê? O que poderia ser feito?</p> <p>O que é, na sua opinião, uma educação inclusiva? Em que medida esta pode ser importante na inclusão de uma criança com necessidades a nível motor?</p> <p>Considera que esta instituição pratica uma educação inclusiva? De que forma? O que acha que ainda podia ser feito nesse sentido?</p>
<p>Relação Família/JI</p>	<p>Compreender o processo de envolvimento da família do João com o JI;</p> <p>Compreender o processo de comunicação existente por parte da família do João com o JI;</p>	<p>Defende-se, atualmente, a importância de uma boa relação entre a família e o JI no processo de inclusão de uma criança: como se processa essa relação neste caso específico?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Como se processa a comunicação entre a família do João e o JI? • Em que situações ocorre? • Que tipos de estratégias de comunicação com a família são utilizados? <p>Como caracteriza, então, a relação do JI com a família do João?</p> <ul style="list-style-type: none"> • A família do João toma iniciativa para entrar em contacto com a instituição?

	<p>Compreender o processo de envolvimento da família do João com o JI;</p> <p>Saber qual a percepção da entrevistada sobre o papel da relação família/JI no processo de inclusão da criança diferente;</p> <p>Identificar a existência de diferenças no relacionamento e envolvimento no JI da família com filhos diferentes.</p>	<p>A que fatores se deve essa relação?</p> <p>O que acha que pode/deve ser feito para fomentar a comunicação entre a família/JI?</p> <p>Como considera ser a colaboração da família do João nas atividades realizadas?</p> <p>A família é participativa? Qual a sua disponibilidade? Mencionar aspetos. Envolve-se nas atividades?</p> <p>O que acha que pode/deve ser feito para fomentar/melhorar o envolvimento da família da criança no JI?</p> <p>Considera que a instituição dá resposta a eventuais dúvidas e questões que surjam por parte da família do João? Porquê? Que mais poderia ser feito?</p> <p>De que forma a relação entre a família do João e o JI tem contribuído para o bem-estar e inclusão da criança?</p> <p>As atitudes da família do João, em relação ao JI, diferenciam-se das atitudes das famílias das restantes crianças?</p> <p>Em que situações? Como?</p>
Processo de inclusão no JI	Compreender o processo de inclusão da criança no JI;	<p>Qual o processo desenvolvido para incluir o João no JI? Que tipos de estratégias foram usados junto da comunidade educativa?</p> <p>Quais as principais dificuldades sentidas no processo de inclusão junto das crianças? E das famílias? E dos auxiliares?</p>

	<p>Perceber da adaptação do JI às necessidades do João;</p> <p>Perceber que tipo de relação existe entre o João e as crianças de outras salas;</p> <p>Identificar estratégias utilizadas por parte da educadora da sala dos 3 anos.</p>	<p>Foi necessária alguma alteração nas condições gerais do JI para a adaptação do João?</p> <p>Considera que este JI corresponde às necessidades do João?</p> <p>O que acha que falta? O que se devia fazer?</p> <p>Considera que, atualmente, o João se encontra totalmente incluído neste contexto? Porquê?</p> <p>O que considera que poderia ter sido feito para complementar a sua inclusão? E que mais falta fazer, na sua opinião?</p> <p>Que tipo de relação existe entre o João (grupo dos 5 anos) e as crianças da sala dos 3 anos?</p> <p>Sentiu/sente algum tipo de diferenciação por parte das “suas” crianças perante o João?</p> <p>Houve alguma abordagem junto do seu grupo de crianças?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Que tipo de abordagem? • Que estratégias foram utilizadas? • Porque considerou essa abordagem importante? <p>Qual a reação das crianças da sala dos 3 anos quando perceberam que o João tinha algumas necessidades físicas? De que forma o grupo dos 3 anos incluiu o João? Mencionar aspetos.</p> <p>No espaço exterior, brincam com o João? Que tipos de brincadeiras desenvolvem?</p>
--	---	--

		Quem toma mais iniciativa? O João ou as outras crianças?
<p>Papel do coordenador pedagógico na inclusão de uma criança com NEE</p>	<p>Saber qual o papel da coordenadora pedagógica na inclusão de uma criança com NEE;</p> <p>Identificar dificuldades/obstáculos ao processo de inclusão de uma criança com NEE nas instituições educativas.</p>	<p>Qual(ais) as principais responsabilidades/papel da coordenadora pedagógica no processo de inclusão de uma criança com NEE no JI?</p> <p>Na sua opinião quais os fatores/aspectos mais importantes a ter em consideração para uma inclusão com sucesso de uma criança com NEE no JI e na educação regular em geral?</p> <p>Em que tipo de situações pensa que a sua ajuda, enquanto coordenadora pedagógica da instituição, seria importante para a família do João? E para a inclusão deste?</p> <p>Da sua experiência profissional, quais as principais dificuldades nestes processos, em geral? E no caso do João em particular?</p>

Anexo III – Guião da entrevista à educadora da criança com NEE (E2)

Tema	Objetivos específicos	Questões
<p>Inclusão de crianças com NEE na educação regular</p>	<p>Saber a opinião da entrevistada sobre a inclusão de crianças com NEE na educação regular.</p>	<p>Qual a sua opinião sobre a inclusão de crianças com NEE na educação regular? Porquê?</p> <p>Especificamente no caso de uma criança com necessidades a nível físico e motor, como acontece com o João, qual a sua opinião sobre a sua inclusão? Porquê? O que poderia ser feito?</p> <p>O que é, na sua opinião, uma educação inclusiva? Em que medida esta pode ser importante na inclusão de uma criança com necessidades a nível motor?</p> <p>Considera que esta instituição pratica uma educação inclusiva? De que forma? O que acha que ainda podia ser feito nesse sentido?</p>
<p>Relação Família/JI</p>	<p>Compreender o processo de envolvimento da família do João com o JI;</p> <p>Compreender o processo de comunicação existente por parte da família do João com o JI;</p>	<p>Defende-se, atualmente, a importância de uma boa relação entre a família e o JI no processo de inclusão de uma criança: como se processa essa relação neste caso específico?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Como se processa a comunicação entre a família do João e o JI? • Em que situações ocorre? • Que tipos de estratégias de comunicação com a família são utilizados? <p>Como caracteriza, então, a relação do JI com a família do João? E a sua, enquanto educadora?</p>

	<p>Compreender o processo de envolvimento da família do João com o JI;</p> <p>Saber qual a percepção da entrevistada sobre o papel da relação família/JI no processo de inclusão da criança diferente;</p> <p>Identificar a existência de diferenças no relacionamento e envolvimento no JI da família com filhos diferentes.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A família do João toma iniciativa para entrar em contacto com a instituição? <p>A que fatores se deve essa relação?</p> <p>O que acha que pode/deve ser feito para fomentar a comunicação entre a família/JI?</p> <p>Como considera ser a colaboração da família do João nas atividades realizadas?</p> <p>A família é participativa? Qual a sua disponibilidade? Mencionar aspetos. Envolve-se nas atividades?</p> <p>O que acha que pode/deve ser feito para fomentar/melhorar o envolvimento da família da criança no JI?</p> <p>Considera que a instituição dá resposta a eventuais dúvidas e questões que surjam por parte da família do João? Porquê? Que mais poderia ser feito?</p> <p>De que forma a relação entre a família do João e o JI tem contribuído para o bem-estar e inclusão da criança?</p> <p>As atitudes da família do João, em relação ao JI, diferenciam-se das atitudes das famílias das restantes crianças?</p> <p>Se sim, em que situações? Como?</p>
Processo de inclusão no JI	Compreender o processo de inclusão da criança no JI;	Qual o processo desenvolvido para incluir o João no JI? Que tipos de estratégias foram usados junto da comunidade educativa?

	<p>Perceber da adaptação do JI às necessidades do João.</p>	<p>Quais as principais dificuldades sentidas no processo de inclusão junto das crianças? E das famílias? E dos auxiliares?</p> <p>Foi necessária alguma alteração nas condições gerais do JI para a adaptação do João?</p> <p>Considera que este JI corresponde às necessidades do João?</p> <p>O que acha que falta? O que se devia fazer?</p> <p>Considera que, atualmente, o João se encontra totalmente incluído neste contexto? Porquê?</p> <p>O que considera que poderia ter sido feito para complementar a sua inclusão? E que mais falta fazer, na sua opinião?</p>
<p>Processo de inclusão na sala de atividades</p>	<p>Identificar estratégias específicas utilizadas pela educadora;</p> <p>Identificar as dificuldades sentidas ao longo do processo de inclusão da criança.</p>	<p>Como foi o processo de inclusão do João no grupo? Que fatores contribuíram para que ocorresse essa inclusão?</p> <p>Houve alguma abordagem prévia junto do grupo sobre as necessidades físicas do João?</p> <p>Que tipos de estratégias foram utilizados com o grupo para facilitar a sua inclusão? Qual(ais)? Dê exemplos.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Foram utilizadas algumas estratégias de inclusão tendo em atenção as dificuldades e os interesses do João? <p>Quais as principais dificuldades sentidas por si, enquanto educadora?</p>

		<p>Quais as principais dificuldades sentidas pelo João?</p> <p>Quais as principais dificuldades sentidas pelo grupo?</p> <p>Dê exemplos.</p> <p>No espaço exterior, brincam com o João? Que tipos de brincadeiras desenvolvem?</p> <p>Quem toma mais iniciativa? O João ou as outras crianças?</p>
--	--	--

Anexo IV – Guião da entrevista à família da criança com NEE (E3)

Tema	Objetivos específicos	Questões
Inclusão de crianças com NEE na educação regular	Saber a opinião da família sobre a inclusão de crianças com NEE na educação regular.	<p>Qual a sua opinião sobre a inclusão de crianças com NEE na educação regular? Porquê?</p> <p>Especificamente no caso de uma criança com necessidades a nível físico e motor, como acontece com o João, qual a sua opinião sobre a sua inclusão? Porquê? O que poderia ser feito?</p> <p>O que é, na sua opinião, uma educação inclusiva? Em que medida esta pode ser importante na inclusão de uma criança com necessidades a nível motor?</p> <p>Considera que esta instituição pratica uma educação inclusiva? De que forma?</p>
Razões da escolha da instituição	Perceber o que motivou a família a escolher esta instituição e não outra.	<p>Porque optou por colocar o João neste jardim de infância, independentemente das suas necessidades físicas?</p> <p>Por que razão houve uma mudança de instituição?</p> <p>Visitou outras instituições pedindo informações?</p>
Relação Família/JI	<p>Compreender o processo de envolvimento da família do João com o JI;</p> <p>Saber qual a perceção da família sobre o</p>	<p>Defende-se, atualmente, a importância de uma boa relação da família com o JI no processo de inclusão de uma criança: como se processa essa relação neste caso específico?</p> <p>Como caracteriza a sua relação com o JI?</p> <p>A que fatores se deve essa relação?</p> <p>De que forma sente que essa relação tem contribuído para o</p>

	<p>papel da sua relação no processo de inclusão da criança diferente;</p> <p>Compreender se é dado o devido apoio à família do João por parte de toda a comunidade educativa;</p> <p>Identificar os principais receios e dúvidas da família ao longo de todo este processo.</p>	<p>bem-estar e inclusão do João?</p> <p>Que tipos de estratégias, nomeadamente a nível da comunicação, considera que são utilizados por parte do JI?</p> <p>E da sua parte são utilizadas algumas estratégias neste âmbito? A comunicação que é estabelecida entre si (família) e a instituição é positiva e eficiente? Porquê?</p> <p>Em que situações costuma contactar a instituição? Qual a disponibilidade desta?</p> <p>Esses contactos realizam-se quando convocada ou por iniciativa própria? Quais os assuntos mais frequentes aquando desses contactos?</p> <p>Enquanto família, de que forma a sua colaboração poderá ter influência no processo de inclusão do João?</p> <p>Tem uma participação ativa nas atividades escolares do João? Porquê?</p> <p>Envolve-se nessas atividades? Dê exemplos.</p> <p>Sente que a instituição dá respostas a eventuais dúvidas e questões que surgem da vossa parte?</p> <p>Se sim, de que forma?</p>
Processo de inclusão no JI	Compreender o processo de inclusão do João no JI;	<p>Alguma vez sentiu dúvidas ou receios relativamente ao bem-estar ou à inclusão do João nesta instituição?</p> <p>Se sim, porque motivos.</p>

	Identificar dificuldades a considerar relativamente à inclusão de uma criança com NEE.	Sente que o João se encontra incluído na instituição? Porquê? Quais as principais dificuldades e facilidades sentidas ao longo de todo este processo? O que considera que poderia ter sido feito para complementar a sua inclusão? E que mais falta fazer, na sua opinião?
Processo de inclusão na sala de atividades	Compreender a inclusão do João no grupo.	Como foi a inclusão do João no grupo? Sente que o João se encontra bem incluído no seu grupo? Porquê? Que fatores pensa que terão contribuído para que ocorresse essa inclusão no grupo?

Anexo V – Protocolo da entrevista à coordenadora pedagógica

Ent.: Pronto, então boa tarde...

Suj.: Boa tarde...

Ent.: ...como já expliquei os objetivos desta entrevista prendem-se com o tema do meu relatório final, que é sobre a relação família/jardim de infância na inclusão de uma criança com necessidades educativas especiais, neste caso o João. Irei realizar-lhe esta entrevista... ah...no âmbito do seu papel enquanto educadora de uma das salas da instituição, a sala dos 3 anos, e como coordenadora pedagógica, ok? A entrevista divide-se em 4 temas: a inclusão de crianças com necessidades educativas especiais na educação regular; a relação família/jardim de infância; o processo de inclusão no jardim de infância e o papel do coordenador pedagógico na inclusão de uma criança com necessidades educativas especiais. Pronto, então podemos começar. Então em primeiro lugar queria perguntar-lhe qual é a sua opinião sobre a inclusão de crianças com necessidades educativas especiais na educação regular? E porquê.

Suj.: Olha...depende. Depende da criança...depende da criança não, depende da deficiência. Porque eu acho que existem deficiências que podem, perfeitamente, estar... ser inclusas...não é...num ensino normal e há outras deficiências que são um pouco mais difíceis de as incluirmos num processo de educação normalizado, digamos assim. Ah... sei lá, estou a pensar por exemplo... as crianças autistas, como nós já tivemos aqui uma criança autista, e era difícil porque era um autismo muito profundo e, então, esta criança precisava de uma pessoa só para ele. Ah...e, portanto, tínhamos de disponibilizar, em detrimento do resto do grupo, uma pessoa só para esta criança... porque ele tinha um comportamento demais... muito agressivo, tinha um comportamento destruidor, portanto, destruía tudo e foi, realmente, muito, muito difícil. Agora, há outras deficiências que podem e devem estar com as outras crianças, é bom para ambos, é bom para a criança deficiente porque... pronto... pode estar no meio das outras e fazer aprendizagens com a ajuda das outras. É bom para as outras crianças, também, habituarem-se às diferenças, saberem lidar com elas, saber... portanto... se a educadora, as pessoas responsáveis na sala, tiverem uma atitude positiva de entreatajuda, podem levar o grupo a ajudar essa mesma criança e isso, portanto, é bom para ambas... tanto para a criança deficiente como para a outra.

Ent.: Claro. E no caso específico de uma criança com necessidades a nível físico e motor, como é o caso do João, tem a mesma opinião? A nível da inclusão...

Suj.: Sim, não há qualquer problema. As outras crianças são muito carinhosas para ele, ajudam a sair da cadeira de rodas de for necessário, a pô-lo na cadeira de rodas, ajudam-no a ir à casa de banho... portanto, prestam uma série de ajudas ao adulto, neste caso, às pessoas da sala, e, ao mesmo tempo, àquela criança que necessita, às vezes, de alguma ajuda. Mas, principalmente, e para ele... eu acho que lhe está a fazer muito bem porque está a fazer com que eles aprendam a lidar com estas diferenças porque... pronto, no mundo somos todos diferentes, às vezes necessitamos de ser todos um pouco mais parecidos uns com os outros...

Ent.: Claro, até mesmo para as outras crianças terem noção da diferença.

Suj.: Das diferenças sim...

Ent.: Ok. E o que é na sua opinião uma educação inclusiva?

Suj.: Olha, uma educação inclusiva é uma educação em que há respeito pelas diferenças e não... não vamos falar só de deficiências, porque há diferenças no comportamento da criança de vários... Cada criança é um mundo, somos todos iguais mas no fundo não somos, quer dizer, existem comportamentos porque vêm de meios diferentes, principalmente numa instituição como esta que é uma IPSS, em que há crianças que vêm de vários meios. Temos um meio de uma classe alta e que tem acesso a uma série de coisas que as outras crianças que vêm de um meio mais... a nível monetário muito baixo que não têm... E, então, aqui também existem diferenças, existem as diferenças das raças, tanto que... tem que haver... as pessoas têm que se habituar, também, a lidar com crianças que são de outras raças, que são de outros meios, de outras culturas... também é uma diferença, também acho que se deve... ah...acho que é enriquecedor, eu acho que uma educação inclusiva é enriquecedora quer para um lado, quer para outro, quer para uma criança diferente das outras todas, da maioria, quer para as crianças que estão em maioria, mais ou menos iguais ou parecidas, acho que é sempre vantajoso para ambas as partes.

Ent.: Então acha que esta instituição, especificamente, pratica uma educação inclusiva?

Suj.: Eu acho que sim. Nós nunca rejeitámos... Eu, como diretora, nunca rejeitei crianças com deficiência ou crianças que vêm de meios... ah...meios baixos. Nunca rejeitei crianças de outras raças, de outras culturas. Para mim, são crianças e acho que todas elas devem estar em

contacto umas com as outras. Acho que é essa a nossa sociedade... Começa aqui, começa aqui a educação, a socialização das crianças para puderem um dia serem uns adultos diferentes, saberem olhar para o lado e darem a mão a quem precisa... quer dizer, acho que começa aqui desde muito pequeninos.

Ent.: Claro. Passando agora, de forma mais específica, para a relação família/jardim de infância: defende-se, atualmente, a importância de uma boa relação entre a família e o jardim de infância no processo de inclusão de uma criança. Como é que se processa essa relação neste caso específico? Ou seja, entre o jardim de infância e a família do João...

Suj.: A família... Pronto, quando o João entrou uma das grandes preocupações que eu tive, e penso que depois a seguir eu passei essa mesma preocupação para a educadora da sala, foi saber como é que era... quais eram as necessidades específicas que o João tinha, dado a deficiência dele, para nós, depois, podermos dar-lhe o apoio necessário. Portanto, aqui a família teve uma grande importância porque a família foi, neste caso a mãe, que explicou como é que era o João, quais eram as suas necessidades, o que é que nós tínhamos de fazer para facilitar um pouco a vida do João na instituição para que a integração do João fosse, também, de uma forma suave e boa, para que ele se sentisse bem na instituição. Portanto, aqui esta relação partiu logo... a primeira abordagem foi logo saber quais eram as necessidades que o João tinha... as específicas, dado a deficiência dele e depois, a seguir, foi... é um contacto diário que se vai questionando e que a própria mãe vai-nos questionando, sabendo se pode isto, se pode aquilo, como é que o João está, se nós temos alguma dúvida também perguntamos à mãe, a evolução dele, porque ele faz fisioterapias noutros sítios, para também podermos acompanhar. E vamos fazendo... portanto, isso é quase diário, às vezes em conversas informais, não quer dizer que tenhamos sempre que fazer reuniões específicas com esta mãe, acho que nem sequer existe essa necessidade. Existe, sim, mais... pronto, aquelas conversas diárias “então o João hoje portou-se bem na fisioterapia? Houve evoluções? Não houve? O que é que podemos fazer?”... por aí...

Ent.: Ou seja, basicamente, a comunicação entre a família e o jardim de infância processa-se através dessas conversas diárias, conversas informais...

Suj.: Sim...

Ent.: ...das reuniões...

Suj.: Sim...

Ent.: ...é mais por aí...

Suj.: Sim, sim.

Ent.: Ah... Então caracteriza...

Suj.: No que me toca a mim... Porque, depois, a educadora ...

Ent.: Claro...

Suj.: ... tem outro tipo de abordagem com a mãe, outro tipo de reuniões com a mãe.

Ent.: Hum, hum. Mas a nível da instituição, em geral...

Suj.: A nível da instituição em geral, no que me toca a mim, sim...

Ent.: Então caracteriza a relação do jardim de infância com a família do João positiva?

Suj.: Sim...

Ent.: Boa?

Suj.: Boa. Sim.

Ent.: E a família também toma iniciativa para entrar em contacto com a instituição?

Suj.: Sim, toma. Quando necessita de conversar... ..ou pede para falar em privado, ou vem fazer a pergunta direta se me encontra... no meu caso, claro...

Ent.: Sim, sim...

Suj.: Mas eu não sou educadora do João, mas com a educadora da sala já é diferente... É mais próxima...

Ent.: Então acha que essa boa relação assenta, principalmente, nessa boa comunicação que existe?

Suj.: Sim. Exato, acho que sim.

Ent.: Ah... E o que é que acha que pode ou deve ser feito para fomentar ainda mais a comunicação entre a família e o jardim de infância? Se acha que é necessário haver mais alguma coisa para fomentar... ou acha que já...

Suj.: Hum, não... Neste caso... neste caso do João, acho que a comunicação tem sido muito fácil com esta mãe, porque é uma mãe que aceita o que agente lhe diz, portanto, é uma mãe que confia em nós, é uma mãe que não levanta problemas, que não é desconfiada. Portanto, só o facto de ela não ter uma atitude de desconfiança em relação a nós, ou uma atitude de pensar que o filho está a ser rejeitado pelo facto de ser deficiente... só esse facto já é uma mais-valia. Agora, já houve outros casos em que foi necessário um outro tipo de trabalho, um trabalho mais próximo, uma maior... sei lá... mais reuniões, mais comunicação para que aqueles pais confiassem mais em nós e percebessem que ninguém rejeitava o filho pelo facto de ser deficiente. Portanto, teve que haver um pouco mais de conversa, digamos assim. No caso do João não. No caso do João tem sido muito fácil.

Ent.: Hum, hum. E a colaboração da família do João nas atividades realizadas... realizadas pela instituição, a nível de festas, feiras... também é positiva?

Suj.: Sim...

Ent.: É participativa?

Suj.: É participativa, sim...

Ent.: Também se mostra sempre disponível em participar nas atividades que são realizadas?

Suj.: Sim...

Ent.: E envolve-se nas atividades? Para além de participar, envolve-se nas atividades?

Suj.: É assim, nas atividades que são de grande grupo, da equipa, envolvo-me, pois é obrigatório eu lá estar...

Ent.: Não, não. A família...

Suj.: Ah a família! Se ela se envolve?

Ent.: Sim, sim... Se para além de participar, se se envolve...

Suj.: Ah... Olha, eu penso...

Ent.: A nível da instituição... porque claro que devem existir aquelas atividades só destacadas...

Suj.: ...da sala?

Ent.: ...de sala...

Suj.: É assim... a atividade onde a família se envolve mais nisto, neste momento, é, por exemplo, quando nós fazemos as feiras.

Ent.: Hum, hum.

Suj.: E há pais que se envolvem, que vêm, que compram e querem saber as receitas e, se calhar, até colaboram no que fazem e trazem. A mãe do João é assim, é uma moça nova...

Ent.: Que para além de participar se envolve...

Suj.: Que se envolve, sim... Se agente a chamar ela envolve-se nas atividades, sim...

Ent.: [Risos] Ah... O que é que acha que pode e deve ser feito para fomentar o envolvimento da família do João no jardim de infância? Eu quando me refiro a família já sei que é só a mãe, mas pronto...

Suj.: Pois, é só a mãe... Olha não, não... É assim, pelo que eu conheço da mãe não há grandes estratégias para se utilizar com ela porque ela é uma pessoa que se envolve rapidamente sem precisarmos de grandes envolvimento, de grandes... como é que hei-de dizer... de grandes cuidados, grandes comunicações, de grande convencimento...

Ent.: Ela própria toma iniciativa para participar e...

Suj.: Sim, sim... não a vejo a rejeitar...

Ent.: É de contacto fácil...

Suj.: Sim, é de contacto muito fácil...

Ent.: Ah... Considera que a instituição dá resposta a eventuais dúvidas e questões que surjam por parte da mãe do João?

Suj.: [Suspiro] Penso que sim...

Ent.: Talvez estas maiores dúvidas e receios tenham surgido mais no início...

Suj.: Sim...

Ent.: ...do que, propriamente, agora... No início quando o João veio para cá...

Suj.: Sim...

Ent.: ...talvez tenham havido mais dúvidas, mais receios... Mas pensa que a instituição soube dar resposta a todas essas dúvidas e receios que possam ter surgido?

Suj.: Sim, eu lembro-me de a mãe do João ter colocado algumas questões e não... e, pronto, foi-lhe dado e ela pareceu-me satisfeita com as respostas que se lhe deu... Não me lembro de ter havido alguma questão que não lhe tenha sido respondida de maneira a que ela, realmente, ficasse na dúvida.

Ent.: Os apoios necessários...

Suj.: Sim, sim...

Ent.: Foi sempre tudo muito normal...

Suj.: Sim, sim... Muito normal, sim...

Ent.: E de que forma considera que a relação entre a mãe do João e a instituição tem contribuído para a inclusão do João? Tem contribuído, de certa forma, não é?

Suj.: Hum, da mãe? Da mãe...?

Ent.: A relação... A vossa relação, entre a instituição e a família, neste caso, do João. De que forma é que essa mesma relação contribuiu para a inclusão do João aqui?

Suj.: Olha, eu acho que o facto de a comunicação dela ter sido tão fácil connosco, eu acho que só isso...

Ent.: Hum, hum... A comunicação tem sido a base...

Suj.: Sim... Tem sido a base de tudo o resto.

Ent.: Hum, hum. E... Claro...

Suj.: E a confiança também, claro.

Ent.: Hum, hum. E as atitudes da família do João em relação ao jardim de infância diferenciam-se das atitudes das famílias das restantes crianças, ditas “normais”? Será que existe mais preocupação, mais...

Suj.: Não, não. Ela, a mãe, confiou, entregou e nunca levantou outro tipo de questões, nunca levantou questões que nos levassem a pensar que ela estaria com uma atitude desconfiada. Não, ela confia.

Ent.: Mas, digamos, a procura por parte dela em entrar em contacto com a instituição...

Suj.: Para saber algumas coisas do João...

Ent.: ...diferencia-se das outras famílias?

Suj.: Das outras famílias? Olha, sim, pode-se diferenciar pelo lado positivo porque...

Ent.: Mais preocupada, se calhar, não...?

Suj.: Ah... não... é uma mãe que, a partir do momento que confiou, entregou. E, a partir daqui, ela confia, não é? E não levanta questões. Há outras famílias que... isto é como tudo... há outras famílias que confiam e também se interessam pelas atividades, que vão ver o que agente está a fazer, vão perguntar... E há outras famílias que têm sempre uma atitude muito desconfiada. Quer dizer, não se pode separar uma família de uma criança que é deficiente, das famílias que têm as crianças... porque aqui... pronto, a mãe do João porque tem uma criança deficiente podia ter uma atitude mais desconfiada por achar que agente podia fazer... ter... fazer, sei lá... ter um gesto menos carinhoso ou pôr o João de parte... Mas a mãe nem sequer... Não...

Ent.: Tem uma atitude normal...

Suj.: Tem uma atitude normalíssima. E as outras famílias... pois também depende das pessoas, não é? Numa instituição onde há 75 crianças é natural que haja sempre uma mãe ou um pai que tenha uma atitude mais desconfiada, mais desconfortável, digamos assim, em relação a nós... ou porque não se apercebem do que é que nós estamos a fazer ou porque não gosta desta ou daquela pessoa que cá trabalha, porque... Não se pode agradar a gregos e a troianos...

Ent.: [Risos] Claro. Ah... Qual é que foi o processo desenvolvido para incluir o João no jardim de infância? Ou seja, por exemplo, que tipos de estratégias é que foram usadas junto da comunidade educativa para a inclusão do João? Porque quando ele veio para cá foi...

Suj.: Olha, foi...

Ent.: Não foram adotadas assim nenhuma estratégias especiais....

Suj.: Não...

Ent.: ...junto da comunidade...

Suj.: Não, nós passámos a informação umas às outras de como é que tínhamos de o pôr na sanita, que tipo de ajuda é que tínhamos que dar caso ele necessitasse de alguma de nós, o que é que tínhamos que fazer... Ah... fomos passando a informação umas para as outras à medida que a mãe nos foi passando e, pronto, quer dizer, foi de uma forma muito natural. A educadora da sala é que tem tido um papel mais preponderante.

Ent.: Hum, hum.

Suj.: ...em termos de atividades lá dentro da sala...

Ent.: Mais intensivo...

Suj.: ...na motricidade, na dança, principalmente. Porque o João, como não tem as perninhas, portanto, fica mais... Para dançar ela vai adaptando, mas não tenho... nunca houve assim uma estratégia, foi sempre tudo muito, muito fácil...

Ent.: Muito natural...

Suj.: Muito natural...

Ent.: Ok. E quais é que foram as principais dificuldades sentidas no processo de inclusão, junto das crianças? E junto das famílias? E junto das auxiliares? Ou seja, da comunidade educativa... Como é que foi o processo... Como é que foi esta inclusão vista pelas crianças, no geral, da instituição, pelas outras famílias, pelas auxiliares...

Suj.: Olha, eu acho que eles aceitaram muito bem... As crianças não fizeram nenhuma diferença, aceitaram muito bem. Eu penso que na sala do João a educadora tenha tido uma abordagem em relação ao grupo para fazer essa mesma inclusão e pedido a ajuda deles. Depois, o resto das crianças aqui das outras duas salas, acho que, por imitação das crianças do grupo em que o João pertencia, acabaram por fazer... por aceitar, digamos assim, e fazer igual ao que os outros faziam. Portanto, não houve... Ah... Depois de nós termos abordado nas nossas salas “olha agora temos uma criança que anda na cadeirinha de rodas porque não tem perninhas, portanto agora vamos ter que ajudar”, eles acabaram por aceitar tudo isto de uma forma natural. Quando o João pede ajuda, todo o mundo vai e ajuda.

Ent.: Naturalmente...

Suj.: Naturalmente... Sem nenhum problema.

Ent.: E as restantes famílias? Também foi um processo natural...

Suj.: Sim, nunca vi ninguém que das outras famílias fizesse... pusesse alguma questão ou que olhasse de uma forma diferente para o João...

Ent.: E das próprias auxiliares?

Suj.: Não, também não.

Ent.: Também foi tudo muito fácil...

Suj.: Sim, tudo muito fácil.

Ent.: Adaptaram-se facilmente...

Suj.: Sim, sim.

Ent.: Ok. Foi necessária alguma alteração nas condições gerais do jardim de infância para a adaptação do João?

Suj.: Não, não. Já estava tudo devidamente adaptado. A casa de banho já tem uma sanita própria...

Ent.: Já estava antes?

Suj.: Já estava antes. Já estava antes. Ah... o piso, portanto, não há degraus, é tudo a direito... Ele anda perfeitamente bem na cadeirinha de rodas. O espaço exterior também... Às vezes ele pede ajuda porque quer ir para cima, quer pendurar-se ali na... num aparelho que está lá de cordas, quem estiver por perto ajuda-o a pendurar-se para poder fazer e ele fica todo contente. De forma muito natural... Ninguém rejeita ajudá-lo.

Ent.: Então acha que este jardim de infância corresponde às necessidades do João?

Suj.: Sim.

Ent.: Acha que não há nada que falta fazer ou que falta melhorar devido às suas necessidades...

Suj.: Não, acho que não. Acho que ele tem lidado bem com isto, com o espaço, não tem barreiras, não tem degraus...

Ent.: Hum, hum.

Suj.: ...a casa de banho está adaptada para ele...

Ent.: E mesmo que houvesse ele tinha quem o ajudasse. [Risos].

Suj.: Sim, mesmo que houvesse teria sempre alguém que o iria ajudar... Qualquer pessoa, qualquer criança...

Ent.: Mesmo crianças...

Suj.: Sim.

Ent.: Então considera que, atualmente, o João se encontra totalmente incluído nesta instituição?

Suj.: Sim, completamente. Perfeitamente.

Ent.: Devido a todos estes fatores que já referiu...

Suj.: Sim.

Ent.: ...desde a relação com a família...

Suj.: Sim, sim.

Ent.: ...até à adaptação face às crianças...

Suj.: Sim.

Ent.: Ah... Acha que seria necessária mais alguma coisa para complementar a sua inclusão? Ou acha que...

Suj.: Não... Eu acho que ele está perfeitamente incluído.

Ent.: Ok. Falando agora mais especificamente no seu papel enquanto educadora de uma outra sala, que tipo de relação existe entre o João e as crianças da sala dos 3 anos? Ou seja, a sua sala...

Suj.: Olha, eles encontram-se, normalmente, lá fora no espaço exterior...

Ent.: Hum, hum.

Suj.: ...é onde eles têm maior contacto uns com os outros e eu penso que as crianças quando precisam de uma ajuda, por exemplo, imagina que o João pede para ir subir as tais cordas, se pedir a uma criança de 3 anos, essa criança de 3 anos não consegue ajudar, então essa criança dos 3 anos vem-nos chamar para irmos ajudar o João a fazer aquilo que ele está a pedir.

Ent.: Hum, hum.

Suj.: Portanto, para eles é perfeitamente normal vir-nos pedir a ajuda, porque eles não conseguem porque são pequeninos e, então, vêm pedir a ajuda de um adulto para ajudar uma outra criança.

Ent.: Claro.

Suj.: Portanto, fazem isto de uma forma muito natural, como se a criança fosse da sala deles e eles têm a noção perfeita de que a criança necessita dessa ajuda, então fá-lo.

Ent.: E alguma vez sentiu algum tipo de diferenciação por parte das suas crianças, ou seja, neste caso, das crianças da sua sala perante o João?

Suj.: Não, não. Nunca senti nada, não...

Ent.: E houve alguma abordagem junto do seu grupo de crianças sobre este caso específico?

Suj.: Não, a única abordagem que foi... foi-lhes comunicado que tínhamos uma criança diferente que andava numa cadeirinha de rodas, eles puseram a questão porque é que ele estava numa cadeirinha de rodas, foi-lhes explicado que ele nasceu assim sem perninhas, que às vezes acontece, que as perninhas dele estão muito fraquinhas e, por isso, precisam do apoio de uma cadeira de rodas e que, sempre que ele necessitasse de ajuda, eles deveriam ajudar porque era um amigo novo dentro da instituição e que... E eles também, como amigos do João, iriam... deveriam estar disponíveis para o ajudar. Quando não o pudessem ajudar, chamavam um adulto. E assim eles fazem, e aceitaram-no muito bem, puseram as questões que, normalmente, são postas por crianças tão pequeninas para tentarem perceber a falta das pernas do João. Foi-lhes explicado e, pronto, foi tudo muito natural.

Ent.: E porque é que considerou essa abordagem importante?

Suj.: Porque eu acho que as crianças... agente também... Isto faz parte de uma educação, para a sociedade... No fundo é educá-los para viverem em sociedade, para a socialização...

Ent.: Ter noção das diferenças...

Suj.: Ter essa noção... Portanto, às vezes é necessário haver essa comunicação, essa conversa prévia com as crianças para elas perceberem e aceitarem as coisas de uma forma natural. Ah...porque como disse há pouco, elas vêm de meios diferentes e nós não sabemos às vezes... nós sabemos que existem... que não é a criança que é maldosa, às vezes é o próprio adulto que tem atitudes menos favoráveis e que a criança vê,

neste caso, os pais de algumas crianças que podem ter uma atitude menos favorável em relação às diferenças e passarem, se calhar... sei lá... princípios que não são os melhores e, então, eu acho que é obrigação do jardim de infância, obrigação de nós, profissionais da educação, fazermos essa abordagem e passarmos essas noções às crianças, acho que faz parte do nosso papel... É a tal formação pessoal...

Ent.: Então quer dizer que, a partir do momento que as suas crianças tomaram noção das necessidades do João, agiram de forma natural...

Suj.: Sim... Nunca vi assim nenhuma a ter uma atitude mais negativa para com o João.

Ent.: Hum, hum. Foi tudo muito natural... De que forma o grupo dos 3 anos incluiu o João, já mencionou alguns aspetos... Ah, no espaço exterior deu, há pouco, aquele exemplo das cordas...

Suj.: Hum, hum.

Ent.: ...mas, no geral, as crianças dos 3 anos brincam, naturalmente, com o João... Para além disso, que outros tipos de brincadeiras é que desenvolvem no espaço exterior, neste caso?

Suj.: Ai o João...

Ent.: Qualquer tipo...

Suj.: Qualquer brincadeira porque ele anda pelo chão, a mãe não se importa que ele se arraste pelo chão, não tem que estar sempre sentado na cadeirinha de rodas. Ele sai da cadeira de rodas e vai para o chão às vezes jogar à bola, em vez de jogar com os pés joga com as mãos...

Ent.: Hum, hum.

Suj.: ...às vezes, o que é que ele faz... sei lá... tenta agarrar-se aos ferros, sobe ali os degraus e anda no escorrega como os outros, sobe para a casinha... Portanto, ele...

Ent.: Faz tudo normalmente...

Suj.: Faz tudo normalmente como outra criança qualquer.

Ent.: E quem é que, normalmente, toma mais iniciativa para brincar? É o João ou são as outras crianças?

Suj.: Olha, tanto faz. Uma vez é o João que toma iniciativa para brincar, outras vezes são as outras crianças que pedem, que o chamam para brincar com eles...

Ent.: Hum, hum. Depende das brincadeiras...

Suj.: Depende das brincadeiras...

Ent.: Ah... Para finalizar, sobre o seu papel como coordenadora pedagógica mais especificamente, quais são as principais responsabilidades ou qual é o papel de uma coordenadora pedagógica no processo de inclusão de uma criança com necessidades educativas especiais no jardim de infância?

Suj.: O meu papel como coordenadora?

Ent.: Como coordenadora...

Suj.: [Suspiro]. É assim, por norma, depende das... como é que hei-de explicar isto...? À partida, eu confio nas pessoas, eu confio na equipa porque, pronto, já estou aqui há muitos anos, já... a maior parte das pessoas que cá estão também já estão há tantos anos comigo, portanto, eu já as conheço, já estão habituadas, elas sabem o que é que eu penso acerca deste assunto, sabem que eu não gosto que se faça diferenças nas pessoas e muito menos nas crianças...

Ent.: Hum, hum.

Suj.: ...elas sabem que o meu pensamento em relação a todas as diferenças, quer deficiências quer outras, crianças mais pobres, crianças menos pobres, portanto, para mim, criança é criança, é igual. Elas sabem disso. Portanto eu, à partida... elas sabendo isto, sabendo o que eu penso sobre este assunto, eu penso que não se atrevem a fazer diferenças...

Ent.: Hum, hum.

Suj.: Caso eu veja que isso acontece, eu sento-me e tenho uma conversa muito séria. Para além disso, nós temos reuniões mensais, todos os meses há uma reunião onde vem o pessoal todo, não só pessoal do jardim de infância, mas também o pessoal da creche. Nestas reuniões quando existe, por exemplo, um caso como o do João, por exemplo, eu lembro-me que quando o João entrou, eu voltei a falar da importância do tratamento normalizado... “atenção, temos uma criança diferente, temos de...”

[Batem à porta e a entrevistada ausenta-se]

Suj.: Pronto, nestas reuniões é abordada esta questão das diferenças e a coisa que eu digo sempre é que estas crianças diferentes das outras, são estas crianças com menos capacidades que vêm, por vezes, de meios desfavorecidos, são essas que precisam mais de nós. Portanto, que tenham mais atenção a essas crianças. Porque as outras crianças, não estou a dizer que as ponham de parte, não é isso, mas as outras já por si têm um meio familiar que lhes dá muita atenção, que as favorecem. Estas, algumas que vêm de meios desfavorecidos e completamente... pronto, que se nota que o seu desenvolvimento está muito aquém das outras, ou seja, a idade real é superior à idade mental, ao seu desenvolvimento, às suas competências, são estas que precisam de nós. Portanto, deem um pouco mais de atenção, trabalhem mais com elas, puxem mais por elas... Portanto, isto é muitas vezes abordado nestas reuniões mensais que nós temos, é um dos assuntos sobre o qual nós costumamos falar...

Ent.: Hum, hum. Então sente que você, enquanto coordenadora pedagógica, neste caso, sente que tem o dever de incutir nas outras pessoas, neste caso, nas outras educadoras...

Suj.: Não, não só nas educadoras... Nas auxiliares...

Ent.: Exatamente... A ideia de que...

Suj.: Da importância...

Ent.: ...têm de ter isso em atenção.

Suj.: Sim. É muito importante que toda a gente, a comunidade educativa, de uma instituição esteja atenta a estas questões para que... às vezes um pequeno gesto faz toda a diferença, às vezes não é preciso grandes coisas, pensar em grandes trabalhos... Não, às vezes um pequeno gesto, um mimo que uma criança necessita porque vem magoada de casa, porque o adulto de casa magoou, às vezes psicologicamente e, portanto, está mais afetada... Não tem que ser as pessoas apenas da sala, quer dizer, o resto do pessoal também tem obrigações para com essas crianças quando elas estão todas juntas no espaço exterior, ali as crianças não são de A ou de B ou de C...

Ent.: Hum, hum.

Suj.: ...são de todas as pessoas que estão a vigiar o espaço exterior. Portanto, têm obrigação de dar atenção, dar assistência e de se preocuparem com elas.

Ent.: Ah... Na sua opinião quais são os fatores ou aspetos mais importantes a ter em consideração para uma inclusão com sucesso de uma criança com necessidades educativas especiais no jardim de infância? E na educação regular, em geral?

Suj.: Para já as pessoas... Qualquer um de nós tem que saber lidar com as diferenças, tem que estar disponível para essas diferenças, não pode rejeitar só pelo facto de a criança ser assim ou ser assado... Não, tem que abrir a sua... tem que estar disponível, tem que abrir a sua mente e aceitar e, depois, pensar “como é que eu vou lidar com esta diferença? Do que é que ela precisa?”. Pronto, este é um dos grandes fatores. Depois, a partir daqui, digamos que vão saindo uma série de setas, é necessário falar com a mãe, falar com o pai daquela criança para nos facilitar o conhecimento desta criança, para, ao mesmo tempo, facilitar a minha abordagem, para me facilitar, também, o ajudar essa criança a fazer isto ou aquilo...

Ent.: Ou seja, a boa relação entre a família...

Suj.: A boa relação entre a família e a instituição, é logo... Depois, o resto da comunidade, o resto do pessoal que trabalha na instituição. Não pode ser uma a estar disponível e a remar a favor, e estar o resto do pessoal todo a implicar e a não querer e a não gostar e a fazer guerra contra essa criança.

Ent.: Claro.

Suj.: Não pode. Isso não pode acontecer de forma nenhuma.

Ent.: Ah... Em que tipo de situações pensa que a sua ajuda, enquanto coordenadora pedagógica da instituição, poderia ser importante para a família do João? E para a inclusão deste?

Suj.: Se eu visse que, por exemplo, esta criança era rejeitada pelos adultos, principalmente pelos adultos da sala, depois pelas crianças, é claro que eu teria aqui um papel preponderante, não é? Teria que chamar as pessoas, teríamos que conversar, teria que fazer chamadas de atenção para que isso não acontecesse. Enquanto coordenadora eu não podia, nunca, admitir que uma criança como o João, ou uma criança que seja diferente, fosse rejeitada seja por quem fosse... ou pelas crianças, ou pelos adultos. Como coordenadora eu nunca poderia aceitar uma coisa dessas. Nunca me passaria pela cabeça fingir que não via. Por exemplo, ou meter a minha cabeça debaixo da areia para não ver. Eu sou muito atenta a essas

coisas e estou sempre com as minhas antenas muito ligadas, porque eu nunca poderia admitir uma coisa dessas nesta instituição. Portanto, e aqui o meu papel seria mesmo de me levantar, digamos assim.

Ent.: E a nível de apoios à família...

Suj.: E de apoios à família... Pronto, no fundo era quase fazer um trabalho duplo. Era, por um lado trabalhar com a família, dar apoio e levar a família a uma maior comunicação e, por outro lado, levar as pessoas da instituição a aceitarem como trabalhar com a criança, aceitarem aquela criança diferente, por aí fora...

Ent.: Hum, hum. Pronto, e agora para finalizar, da sua experiência profissional quais são as principais dificuldades nestes processos, em geral? E no caso do João, em específico?

Suj.: No caso do João não vejo nenhuma dificuldade. Não vi e não vejo nenhuma dificuldade. Noutros casos, já tivemos aqui outras crianças que necessitavam de um adulto só para essa criança, houve algumas dificuldades porque não é fácil... porque o pessoal está... é um número de pessoas por X crianças, mas por X crianças com comportamentos normais e, quando aparece uma criança com um comportamento mais diferenciado... mas quando eu digo mais diferenciado, digo uma criança mais agitada, por exemplo, que necessita de uma maior vigilância por parte do adulto... Aqui sim, às vezes é difícil porque é necessário mesmo só um adulto para aquela criança.

Ent.: Normalmente são... é essa uma das maiores dificuldades...

Suj.: Sim...

Ent.: ...nestes processos...

Suj.: Sim, é a falta de pessoal, às vezes, para dar resposta a uma criança que tenha um comportamento um pouco mais agitado.

Ent.: Pronto, então acabámos a entrevista. Muito obrigada pela sua colaboração...

Suj.: De nada, de nada.

Ent.: ...e já sabe que se quiser ter acesso a estas informações, serão disponibilizadas.

Suj.: Ok, então obrigada. [Risos].

Anexo VI – Protocolo da entrevista à educadora da criança com NEE

Ent.: Boa tarde.

Suj.: Boa tarde.

Ent.: Em primeiro lugar, obrigada pela sua colaboração para esta entrevista. Esta entrevista vai-se realizar no âmbito do meu relatório final que tem como título a relação família/jardim de infância na inclusão de uma criança com necessidades educativas especiais: um estudo de caso. Ou seja, o estudo de caso refere-se ao João... ao caso do João em específico...

Suj.: Sim...

Ent.: Ah... As informações são confidenciais e destinam-se apenas à realização deste relatório. Caso, depois, queira ter acesso às informações, serão disponibilizadas. Pronto, então, vamos começar... Em primeiro lugar queria-lhe perguntar qual é a sua opinião sobre a inclusão de crianças com necessidades educativas especiais na educação regular? E porquê?

Suj.: Se concordo, se não concordo...

Ent.: Sim...

Suj.: Olha, concordo deste que seja feita com a segurança para a criança e que a criança tenha algum apoio específico porque incluir uma criança com necessidades educativas especiais e depois não haver condições em termos de... não só de espaço mas, também, de pessoal para ajudar... acho que fica assim um bocadinho aquém do que se pretende. Depois, também acho que depende da necessidade da criança porque, no caso da minha sala, do João, logo quando agente ouviu falar assustamo-nos, mas depois é uma criança que consegue fazer tudo. Há necessidades educativas especiais de várias ordens e, se calhar, crianças com mais dificuldades a nível cognitivo, aí já requerem outro tipo de atenção que... Por isso acho também que depende um bocado do tipo de necessidade da criança, mas acho que sendo feita tem que se assegurar...

Ent.: As condições...

Suj.: ...as condições.

Ent.: Hum, hum. E neste caso específico do João, que tem necessidades apenas a nível físico e motor, a sua opinião é a mesma? A nível da inclusão... Que é isso, que devem ser criadas todas as condições...

Suj.: Sim...

Ent.: Acha que, neste caso específico, há alguma coisa que ainda poderia ser feita para a sua inclusão? Ou acha que estão reunidas... Já que refere que é importante ter condições a nível de pessoal, a nível de infraestruturas... Acha que, neste caso, há alguma coisa que poderia ser feita?

Suj.: Opá eu acho que agente... Porque os acessos, como é uma instituição plana, os acessos estão perfeitos para ele... ele consegue deslocar-se com autonomia e não precisa de grande auxílio nesse sentido, visto que a deficiência dele é a nível motor...

Ent.: Hum, hum.

Suj.: ...por isso acho que não... Acho que para ele...

Ent.: Acha que estão asseguradas todas as condições...

Suj.: Sim...

Ent.: ...para ele estar cá.

Suj.: ...só, se calhar, haver um apoio diferente a nós, educadoras, no sentido de...

Ent.: De estarem preparadas...

Suj.: ...de estarmos preparadas ou fazer uma atividade que o ajude em determinadas coisas para ele conseguir fazer depois, pronto, outro tipo de aprendizagens... a nível motor...

Ent.: Hum, hum.

Suj.: ...se calhar sinto mais essa dificuldade a nível motor. Quando de faz as danças ou a expressão motora, a motricidade... Pronto, aí, se calhar, se houvesse alguém “olha, faz assim” ou “faz desta maneira” ou “desta forma é melhor para ele”... Pronto, eu tenho que adaptar um bocadinho consoante aquilo que eu acho que o vai ajudar...

Ent.: Se tivesse tido, se calhar, uma formação...

Suj.: Exatamente.

Ent.: Se calhar estaria mais preparada para uma situação...

Suj.: Exatamente.

Ent.: ...como a dele. E o que é na sua opinião uma educação inclusiva?

Suj.: Para mim é, não só para crianças... Acho que devemos ver isso de inclusiva não só para crianças com necessidades educativas especiais mas, também, para com as outras crianças porque, no fundo, todas têm necessidades diferentes e acho que agente pensa muito na inclusão quando se trata de crianças deficientes e temos de ter essa preocupação. Mas acho que, depois, devemos olhar, também, o grupo com as suas características individuais e tentar sempre que todos se sintam integrados no grupo.

Ent.: Hum, hum. E acha que esta instituição, em específico, pratica uma educação inclusiva? De que forma?

Suj.: De que forma...

Ent.: Centrando-nos, um pouco, no caso do João apenas...

Suj.: Sim... Sim, eu acho que sim. Agente tenta... tentamos mesmo, sem ser da sala, toda a gente o ajuda, toda a gente o conhece, mesmo os amigos das outras salas são preocupados por ele, sem ser mesmo do grupo dele, as colegas, também, quando nós não podemos ou estamos com outra tarefa também se mostram interessadas e empenhadas em o ajudar... Por isso, acho que sim, acho que temos uma equipa que se preocupa com essas...

Ent.: Acha que ainda podia ser feita alguma coisa nesse sentido? Para melhorar essa inclusão, essa educação inclusiva que diz que a instituição tem...

Suj.: Pois agente pode sempre melhorar... [Risos]. Ah... Eu falo, se calhar, por mim, se calhar se... não é que não sinta apoio das minhas colegas e sinto, mas claro que cada uma está centrada no seu grupo e tem as suas preocupações, mas, da minha parte, o que eu sinto é que poderíamos ainda comunicar mais também para me ajudar a mim... no sentido do ajudar...

Ent.: Hum, hum.

Suj.: ...mas também sinto que, se for preciso, se eu perguntar alguma coisa, alguma questão, tiver alguma dúvida, também sinto que tenho esse apoio...

Ent.: Claro. Falando agora, mais em específico, sobre a relação família/jardim de infância, neste caso sobre a família do João... Ah, defende-se, atualmente, a importância de uma boa relação entre a família e o jardim de infância no processo de inclusão de uma criança. Como é que se processa essa relação neste caso específico?

Suj.: A minha relação com a mãe, não é?

Ent.: Ou com a instituição no geral... Da mãe com a instituição no geral...

Suj.: Pronto, é, basicamente, através de diálogos...

Ent.: Apesar de ser mais consigo o contacto, não é...?

Suj.: Sim... Ah, no início nós tivemos logo uma conversa sobre como é que iria ser a adaptação dele, as limitações que ele tinha e, depois, temos vindo a conversar sobre... porque ele tem terapias, temos também falado sobre as terapias que ele frequenta e sempre que há alguma questão a mãe fala comigo e eu com ela.

Ent.: Ou seja, a comunicação que se processa entre si, neste caso, e a mãe é através do diálogo a nível pessoal...

Suj.: É... As conversas...

Ent.: ...das reuniões...

Suj.: Sim...

Ent.: Vai mais para além disso? Em alguma outra situação?

Suj.: Fora daqui? [Risos].

Ent.: Não, não... Para além das reuniões, por exemplo, é mais a mãe que se desloca cá ou é mais quando é contactada por si...

Suj.: Não, é mais nas conversas quando a mãe vem trazer o João. Quando surgem dúvidas há sempre uma conversa... Também já surgiu, porque ele está a frequentar a APPC [Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral], eu ir lá uma das vezes fazer a avaliação com a mãe e com as terapeutas.

Ent.: Hum, hum.

Suj.: E pronto, os diálogos são assim neste sentido. Ou eu desloco-me às terapias e fazemos a avaliação, ou aqui com a mãe, ou mesmo com a Mena que também dá aqui um apoio na sala a ele...

Ent.: Então caracteriza a relação entre si e a mãe do João boa?

Suj.: Sim.

Ent.: E com a instituição no geral? Visto que... a Isabel, por exemplo, é coordenadora... deve ter havido mais contacto quando o João entrou no início, não...? Ou, atualmente, existe mais algum contacto entre a mãe...

Suj.: Esse contacto, se calhar, foi mais no início...

Ent.: Sim...

Suj.: ...com a Isabel...

Ent.: Agora, atualmente, é mais consigo...

Suj.: ...agora é mais comigo, sim.

Ent.: Hum, hum. Pronto, a mãe do João tem iniciativa para entrar em contacto com a instituição...

Suj.: Sim, sim...

Ent.: E a que fatores é que acha que se deve essa boa relação?

Suj.: Olha, pois... [Risos]. Eu acho que isso se deve muito também a nós, profissionais, mostrarmos à vontade e disponibilidade para os pais porque, muitas vezes, eles, se calhar, vêm à pressa e nós também estamos atarefadas com os trabalhos que estamos a fazer com as crianças, mas acho que também temos de parar um bocadinho, não é deixar o grupo de lado... mas, se calhar, parar um bocadinho quando cada criança entra na sala, haver um diálogo com a criança, com os pais... mostrarmo-nos abertos e disponíveis para o diálogo e para conversarmos com os pais, porque acho que isso também tem de partir um bocadinho de nós porque, no fundo, a nossa sala é como se fosse a nossa casa...

Ent.: Hum, hum.

Suj.: ...se nós nos fechamos, é claro que os pais também, se calhar, não vão dar o primeiro passo. Acho que o primeiro passo tem que partir de nós, mostrarmo-nos disponíveis e, sempre que haja alguma situação, falarmos com os pais e os pais connosco. Haver uma relação próxima...

Ent.: Claro. Então, se calhar, o facto de sempre se ter mostrado disponível e atenta às necessidades do João, fez com que também a mãe se sentisse...

Suj.: Sim, porque foi sempre... Quando eu soube, para mim foi um choque porque nunca tinha trabalhado com uma criança assim e, até conhecer o João, eu levei a pensar naquilo “e agora? E agora como é que eu vou fazer e como é que vou...?”... Era um conjunto de questões na cabeça, “como é que vou fazer as atividades com ele?”, de expressão motora, de dança e as outras...

Ent.: A maior preocupação era essa...

Suj.: ...“como é que ele se vai deslocar?”, pronto, um conjunto de fatores que... Mas pronto, depois de falar com a mãe e depois de o conhecer, isso acalmou.

Ent.: Claro. E o que é que acha que pode ou deve ser feito para fomentar essa comunicação entre a mãe e você? Ou com a instituição... Acha que falta fazer alguma coisa para fomentar ainda mais essa comunicação que existe, essa relação?

Suj.: Eu acho que, assim de um modo geral, acho que nós... Não é que as famílias não participem e que nós não demos importância à participação das famílias, mas acho que ainda as podíamos envolver mais. Pronto, temos o projeto das histórias, os pais participam, mas acho que devíamos tentar envolvê-los mais, se calhar, com registos mais apelativos, a explicar melhor as atividades que estamos a fazer dentro da sala, como é que foi feito, quando é que foi feito. Acho que aí, se calhar, falhamos um bocadinho e acho que isso é uma forma, também, de os pais virem e...

Ent.: De cativar os pais...

Suj.: ...de cativar e de eles: “olha, fizeram isto e está muito giro”. E, também, com as crianças, fazer esse trabalho com as crianças porque, se nós fazemos o registo ou uma coisa qualquer, “olha, agora digam aos vossos pais para virem à sala....”....

Ent.: Hum, hum.

Suj.: Tentar que sejam as crianças a trazer os pais. Eu sinto que os pais às vezes, alguns ficam...

Ent.: E no caso da mãe do João, ela costuma participar nas atividades que são feitas pela instituição?

Suj.: Sim, pois é o primeiro ano que ela cá está...

Ent.: Sim...

Suj.: ...mas, pronto, temos o projeto das histórias, ela já participou e fez com o João e mostrou-se sempre motivada...

Ent.: Participou e envolveu-se também?

Suj.: Sim, mostrou-se sempre motivada para fazer... E ela é uma pessoa bastante comunicativa e, depois, também é muito preocupada com o filho e isso também ajuda.

Ent.: Hum, hum. Ah, ou seja, ela envolve-se, também, para além de participar...

Suj.: Sim, sim...

Ent.: Considera que a instituição dá resposta a eventuais dúvidas e questões que surjam por parte da mãe do João?

Suj.: Sim.

Ent.: Sente que a instituição, você, lhe dão o apoio necessário que ela precisa?

Suj.: Eu penso que sim. Penso que sim mas... Ah, se calhar... Porque o João precisa de bastante apoio, bastante ajuda e, muitas vezes, eu noto que a mãe parece cansada e é normal pois é ela sozinha. Mas também é a tal coisa, agente entrar no mundo dela... também não me sinto à vontade para. Se calhar poderíamos ajudar mais nesse sentido, mas a nível de dúvidas que ela tem, nós tentamos é que ela se sinta apoiada e que sinta que pode contar connosco no que precisar.

Ent.: Hum, hum. Ah, então de que forma considera que a relação, essa boa relação que há entre a mãe do João e o jardim de infância, tem contribuído para o bem estar e para a inclusão do João?

Suj.: Eu acho que bastante porque acho que isso é meio caminho andado para a criança sentir-se segura, não só o João mas qualquer criança, mas pronto, o João em especial, acho que é meio caminho andado para ele se sentir seguro e sentir que tanto tem o apoio da mãe e o apoio da educadora e auxiliares e do pessoal da instituição... Pronto, transparece ao João segurança e isso também o ajuda no processo de se incluir no grupo, de estar bem integrado, de gostar de vir para a escola, de não ter qualquer problema com os amigos... pronto, de gostar de vir e gostar de participar.

Ent.: E as atitudes da mãe do João, em relação ao jardim de infância, diferenciam-se das atitudes das famílias das outras crianças?

Suj.: Hum...

Ent.: Se pelo facto de o João ter as necessidades que tem, se... sei lá, se se preocupa mais, a mãe, se se mostra mais protetora, se existe alguma diferença entre a atitude dele perante as outras famílias...

Suj.: Ah, se calhar um bocadinho porque como ele tem aquela dificuldade, ela é muito preocupada na forma... por exemplo, aconteceu uma situação na ginástica, em que ela se preocupa sempre se ele se magoou muito no rabinho por se deslocar daquela forma... pronto, eu noto que ela tem uma preocupação acrescida que os outros pais não têm. No espaço exterior, ele desloca-se e depois tem aquela mãozinha que tem que andar sempre com a tala... Noto nessas pequenas coisas que há mais preocupação mas também acho que é normal.

Ent.: Claro. Pelas necessidades dele...

Suj.: Pois claro. Mesmo com os outros, ele muitas vezes anda no chão, claro que as outras crianças e nós temos de ter cuidado: "olha, não o pises"...

Ent.: E ele, então, ainda mais... Ah, relativamente ao processo de inclusão no jardim de infância, qual o processo desenvolvido para incluir o João no jardim de infância? Que tipo de estratégias é que foram usadas junto da comunidade educativa?

Suj.: Não te estás a referir à minha sala?

Ent.: Não, no geral... Quando ele cá chegou, como é que foi o processo de inclusão dele? Se foi necessária alguma conversa com a restante comunidade educativa, desde auxiliares...

Suj.: Sim, houve essa conversa, a Isabel explicou-nos...

Ent.: Primeiro houve uma reunião...

Suj.: Sim, e depois, entretanto, eu com as minhas auxiliares também falei sobre isso, sobre o caso, que era uma criança com necessidades educativas especiais a nível motor, pronto, foi feita uma apresentação, digamos assim, do João. Quando ele vinha já toda a gente sabia a necessidade da criança.

Ent.: Hum, hum. Houve essa preocupação em avisar a comunidade no geral, pronto, que vinha para cá uma criança com necessidades e para preparar...

Suj.: Sim, sim.

Ent.: E quais as principais dificuldades sentidas no processo de inclusão junto das crianças? Tanto pode falar da sua sala como das outras crianças em geral...

Suj.: A minha preocupação era o modo como ele se deslocava, porque a mãe sempre se mostrou... sempre tentou que nós o deixássemos andar livremente no chão, na cadeira, como ele quisesse, e a mim, o que me preocupava, era o facto de ele andar no chão e os outros tinham que se ambientar a isso. Era uma criança nova, diferente, que se deslocava de uma forma diferente, então a minha preocupação foi mais nesse sentido porque a nível cognitivo ele não tem qualquer problema. Ah... o que eu tentei fazer com os da minha sala foi, antes de o João vir para a escola, ter uma conversa com eles, explicar as limitações que ele tinha, que era uma criança diferente deles, deslocava-se de maneira diferente mas que era para o tratarem de igual forma, pronto, aquela conversa inicial.

Ent.: Hum, hum.

Suj.: E foi, também, o receio de eu não conseguir transmitir a eles que ele iria fazer parte do grupo e eu ter receio de o grupo o pôr de lado e não o aceitar. Porque é um grupo que já vem desde bebés, então tive essa preocupação e senti preocupação nesse sentido até o João cá chegar.

Ent.: E junto das restantes famílias?

Suj.: De início, senti que o João era muito olhado, muito...

Ent.: Claro, era novidade...

Suj.: Era novidade. E é uma criança diferente, chama a atenção e, pronto, os pais perguntavam, nós tentávamos explicar assim de uma forma rápida e que ele não sentisse... pronto, sentia-se esse lado... Como é diferente, as pessoas olham...

Ent.: E das auxiliares também sentiu algumas dificuldades ao longo do seu processo de inclusão ou foi tudo muito natural?

Suj.: Não, não... Foi, sim, sim...

Ent.: Também já estavam preparadas para o receber...

Suj.: Sim, sim...

Ent.: E foi necessária alguma alteração nas condições gerais do jardim de infância para a adaptação do João?

Suj.: Não. O que eu tentei na sala é que eles tenham sempre as cadeiras arrumadas junto à mesa para ser fácil ele se deslocar...

Ent.: Hum, hum.

Suj.: ...haver espaço para ele puder percorrer a sala toda. E, pronto, porque a instituição até... tendo em conta a deficiência dele, até está bem adaptada. Não tem assim nada que seja um perigo para ele.

Ent.: Então considera que o jardim de infância corresponde às necessidades do João?

Suj.: Sim.

Ent.: Ah... Mas acha que falta alguma coisa ou que alguma coisa mais poderia ser feita? Ou que o jardim de infância disponibiliza todas as condições necessárias para ele...

Suj.: Opá eu penso que sim... [Risos].

Ent.: Ah... Considera que, atualmente, o João se encontra totalmente incluído neste contexto?

Suj.: Sim.

Ent.: E porquê?

Suj.: Sim. [Risos]. Eu acho que ele está incluído e foi uma criança... porque ele também é muito comunicativo e muito dado. Nunca senti a adaptação dele forçada ou... ele veio para a escola e parecia que já conhecia isto. Eu fiquei surpreendida com ele porque não estava à espera, porque é sempre aquele processo de adaptação que as crianças estranham e depois até entrarem no ritmo... Mas não, ele como é muito comunicativo, muito autónomo, muito brincalhão, muito preguiçoso também... [Risos]. Mas senti que a inclusão dele foi feita e que ele está totalmente incluído, quer na sala, quer adaptado às outras...

Ent.: E, se calhar, adaptou-se melhor à instituição do que a instituição a ele, inicialmente, não?

Suj.: Sim, acho que, eu pelo menos falo por mim, eu, se calhar, senti mais receio e, se calhar, eu é que precisei de me adaptar do que ele.

Ent.: Hum, hum. Ele encara as duas dificuldades de forma super natural...

Suj.: Sim.

Ent.: E essa mesma inclusão deve-se, também, à boa relação que existe entre a família e o jardim de infância...

Suj.: Sim.

Ent.: Ah... Acha que alguma coisa poderia ainda ser feita para complementar essa sua inclusão? A nível de relações ou acha que a inclusão dele está...

Suj.: Eu acho que está, está...

Ent.: Não há nada que falta fazer?

Suj.: [Risos]. Olha, assim que me lembre... Opá, só nós termos mais formação, mas pronto isso também compete a nós procurarmos mas eu acho que, nestes casos de crianças com necessidades educativas especiais, devia haver alguma coisa exterior à instituição, ou a nível de Governo, ou a nível de qualquer coisa que nos apoiasse a nós... porque nós sabemos que ele tem uma deficiência, nós tentamos adaptar as atividades que temos mas, se calhar, há outras formas de fazer e melhor do que aquilo que nós fazemos e nós não temos conhecimento.

Ent.: Claro.

Suj.: Acho que faltava um bocadinho disso a nível... mas pronto, aí seria Governo a se preocupar com essas questões...

Ent.: Mas, se mesmo sem formação, considera que ele está bem incluído, então é porque fez um bom trabalho... [Risos].

Suj.: [Risos]. Mas também temos de ver que a deficiência dele... de início é muito preocupante e eu preocupei-me muito porque, pronto, eu como já disse nunca tinha tido uma criança assim, mas depois, se calhar, é das deficiências mais fáceis...

Ent.: Pois.

Suj.: ...porque aquelas a nível cognitivo, essas é que... pronto, o João é o problema motor, mas nós conseguimos adaptar as atividades e conseguimos chegar a ele. Se fosse outra deficiência, mais profunda, aí, se calhar, ainda mais necessidade eu sentia de ter outro apoio.

Ent.: A nível da sala dos 5 anos, em específico, que é onde ele está inserido, como é que foi o processo de inclusão do João no grupo?

Suj.: O que é que eu fiz, não é?

Ent.: Sim, como é que foi o processo desde o início, como é que as crianças reagiram...

Suj.: Eles foi como eu já te disse anteriormente... fiz, antes de ele chegar, uma conversa com eles a explicar como é que era, como ele se deslocava, que tinha a cadeira de rodas, pronto, para eles ficarem logo... para não ser um choque quando o vissem entrar, porque acho que se o

João chegasse ali e não tivesse havido aquela conversa as crianças ficavam, claro, curiosas. A curiosidade já eles tinham mesmo falando, porque não o tinham visto, mas acho que assim já estavam preparados para. Já sabiam que vinha um menino, vinha na cadeira de rodas e que era diferente deles no modo de se deslocar. Depois, posteriormente, ele veio, nós apresentamo-nos, tivemos várias brincadeiras, jogos de apresentação, contei histórias, “O menino de todas as cores” que fala de... não fala só de deficiências, mas fala que devemos incluir todos porque, para além do João, eu também tive depois a adaptação de uma menina de cor e da B que também tem algumas limitações, então usei essa história também como estratégia para eles os acolherem aos três de igual modo.

Ent.: Hum, hum. Ah... As principais dificuldades sentidas por si, enquanto educadora, já referiu aquelas... Mais alguma que tenha sentido?

Suj.: Não, foram mesmo essas de pensar e refletir “será que sou capaz de lhe tentar transmitir os mesmos conhecimentos que transmito aos outros?” e de ele ser capaz de fazer as coisas e de ele não se sentir excluído das atividades. Porque na expressão motora e na dança, por vezes é difícil nós conseguirmos que ele faça as coisas, mas tentei sempre, nem que fizesse uma coreografia diferente ou, em vez de ele se deslocar daquela forma que não consegue, deslocar-se de outra forma... tentar sempre que ele não fique posto de lado... enquanto uns estão a correr, ele corre à maneira dele mas no chão. Foi essa a minha preocupação no sentido de ele nunca se sentir excluído do que quer que seja, nem das atividades, nem da vida em grupo com os colegas.

Ent.: Claro. E quais foram as principais dificuldades sentidas pelo João ao longo de todo este processo? Se é que sentiu alguma... [Risos].

Suj.: [Risos]. Ele é como já te disse, uma criança muito... é desenrascada. Para a deficiência que ele tem, ele é um miúdo super desenrascado, muito alegre, porque podia ser uma criança que demonstrasse tristeza por ser assim ou revolta, e eu não sinto isso nele. Sinto que ele é um miúdo super alegre, consegue fazer as coisas, muitas vezes nós perguntamos se consegue, pensando que ele não consegue e ele: “não, eu consigo Ana, eu consigo!”, por isso eu não sinto que ele tivesse tido dificuldades...

Ent.: Adaptou-se bastante bem...

Suj.: Sim, depois os colegas também o receberam bastante bem, estão sempre preocupados com ele, ou levam-lhe a cadeira ou trazem-lhe a cadeira, ou João isto, ou João aquilo... O grupo em si também fez com que a adaptação dele também corresse bem e ele se sentisse logo integrado. Dificuldade dele, sinceramente... Porque ele desloca-se, ele pendura-se no espaço exterior nas cordas... bom, aquilo...

Ent.: Ah... E as principais dificuldades sentidas pelo grupo no geral? Foi só o facto de ser algo novo, não?

Suj.: Sim, porque eu também acho que eles... Foi só mais no início... pronto, é a tal curiosidade, tanto em crianças como em adultos, pois ele era diferente, mas eles integraram-no bem e...

Ent.: Não sentiram dificuldades também...

Suj.: Não.

Ent.: E no espaço exterior, brincam com o João? Tudo normalmente?

Suj.: Sim...

Ent.: Que tipos de brincadeiras é que desenvolvem? Não só com as crianças da sua sala mas com as crianças no geral...

Suj.: Ele gosta muito de brincar na terra e estão muitas vezes com ele a brincar na terra, outras vezes andam com ele na cadeira e anda um atrás a empurrá-lo... [Risos]. Também já tenho visto eles a fazerem jogos todos sentaditos ou, por exemplo, o jogo do telefone avariado, o jogo do lencinho da botica e todos sentados à volta...

Ent.: Que não envolvem muitos deslocamentos...

Suj.: Sim, tentar que ele... E com as outras salas eu também vejo que todos brincam com ele, não há assim nada de...

Ent.: Hum, hum. E quem é que costuma tomar mais iniciativa para brincar? É o João ou são as outras crianças?

Suj.: Olha, eu acho que depende.

Ent.: Depende das brincadeiras...

Suj.: Sim, mas o João é muito brincalhão, ele gosta muito de brincar mesmo. Se calhar, avaliando assim, é mais ele a puxar a brincadeira porque, mesmo na sala, se ele tiver trabalhos ele, às vezes, distrai-se e quer é brincar, por isso, se calhar, parte mais do João o brincar. Não quer dizer que os outros não o chamem. Os outros também o chamam para brincar, ele não fica à parte... Quando uns estão a brincar, eles brincam todos juntos.

Ent.: Ok, obrigada. Já está!

Suj.: Já está?! [Risos]

Anexo VII – Protocolo da entrevista à família da criança com NEE

Ent.: Pronto, então é assim... Em primeiro lugar obrigada pela sua participação e pela disponibilidade. Ah...como já expliquei os objetivos deste relatório é saber de que forma é que a inclusão do João foi possível através da relação entre a família e o jardim de infância. As informações são confidenciais, se quiser depois ter acesso às informações, ao relatório, serão disponibilizadas, mas só as informações que serão aqui ditas serão apenas para este fim. Pronto, então... Ah...a entrevista vai-se dividir em quatro... em cinco temas. Ah...que são estes: a inclusão de crianças com necessidades educativas especiais na educação regular; depois outro tema é as razões da escolha desta instituição; a relação família/jardim de infância; o processo de inclusão no jardim de infância e, por fim, o processo de inclusão na sala específica dele que é a sala dos 5 anos. Eu tenho estas perguntas mas a entrevista pode... pronto... podem surgir outras perguntas e vai-se desenrolar normalmente. Portanto, primeira questão: Qual é a sua opinião sobre a inclusão de crianças com necessidades educativas especiais na educação regular e porquê? A educação regular é... por exemplo... o porquê de ter optado por colocar o João, digamos, numa escola de ensino regular e não numa, se calhar, focada para as necessidades educativas especiais.

Suj.: Primeiramente foi muito difícil já a escola regular. Eu, desde o princípio, desde que a criança tinha menos idade, 1 ano ou 2, já nunca encontrei uma instituição que eu aceitasse. Quando consegui uma vaga para a creche ele já tinha 2 anos, só a partir de então é que ele começou a frequentar a creche. Depois não consegui a transferência dele da creche para o jardim de infância, não transitou dentro da mesma instituição. Não fizeram a transição. A única instituição que eu aceitei foi uma instituição, vamos dizer assim, de ensino privado. Eu pagava a mensalidade na totalidade. Foi onde ele esteve 2 anos antes de vir para cá. E agora para inscrever ele aqui também foi muito difícil, quase não o aceitavam. Só depois de muita guerra da família com a escola é que o aceitaram. Mas entretanto foi muito difícil e não, não o queriam aceitar... Não o queriam aceitar...

Ent.: Mas os motivos que disse há pouco da transição dele da creche para o jardim de infância, que não transitou logo, foi porquê?

Suj.: Dentro da mesma instituição havia o regime de creche e jardim de infância...

Ent.: Que era o (...) [instituição anterior] ...

Suj.: Não, é a instituição que ele frequenta agora ...

Ent.: Ah, foi agora?

Suj.: Sim, sim.

Ent.: Ok.

Suj.: Ele já estava [na primeira instituição que frequentou] e não conseguiu transitar para Faro.

Ent.: Ah...

Suj.: Disseram que não havia vagas, que era em lista de espera e, entretanto, 2 anos a seguir também não o chamaram. Foi aí onde eu o coloquei [na anterior instituição]. Para incluir ele na escola, não ficar em casa eu tive de pagar por um ensino, vamos dizer assim, privado, sem participação familiar alguma. E agora neste ano que está a decorrer, só consegui também por muita briga da família. A família teve... eu... eu particularmente como mãe tive que insistir muito, tive que debater, tive que procurar abrigos dentro da lei, tive que procurar muitas coisas para me defender. Porque senão ele não tinha sido integrado no ensino regular...

Ent.: Então quer dizer que o incentivo e a força partiu mais da parte da família, neste caso, do que, propriamente, da instituição...

Suj.: A instituição o chamou porque não sabia da existência de um carácter de necessidades educativas especiais. Porque as outras... No momento da inscrição não há nada no formulário da instituição que questione. Então quando eu fiz a inscrição na instituição *online*, porque eu fiz pela *internet*, não está lá campo nenhum que pergunta se a criança tem necessidades educativas especiais. Então eles chamaram. Só que no momento da matrícula, quando souberam que tinha necessidades educativas especiais, disseram que a instituição não tinha condições de receber a criança. Então eu fui procurar abrigos na lei, vim conhecer a instituição, certifiquei que tem condições, tem espaço e depois de intervir, intervir, falar, falar e falar eu consegui uma vaga.

Ent.: Então considera que as instituições não estão preparadas para receber crianças...

Suj.: Não estão preparadas. Os próprios profissionais têm receio. Alguns admitem ter medo de receber uma criança assim e até que as recebam e se adaptem a elas têm muito medo. Não estão preparadas. Nem um pouquinho.

Ent.: E especificamente no caso de uma criança com necessidades a nível físico e motor, como é o caso do João... Ah...qual é a sua opinião sobre a sua inclusão? Porque como sabemos há vários tipos de... de...

Suj.: ...de necessidades...

Ent.: Sim, isso. E o caso do João é um caso específico, é um caso a nível motor. Como é que acha que deve ser feita esta inclusão? Ou o que é que acha sobre este tipo de necessidades?

Suj.: É justamente... Eles tinham muito receio em recebê-lo, mas nem haviam estado com ele. E justamente por ser uma necessidade apenas motora, uma deficiência ou dificuldade motora, eu acho que já torna mais fácil, porque eu penso que se fosse uma necessidade a nível cognitivo, de repente seria mais difícil. Como ele é uma criança muito autónoma, eu não... não... não cabe na minha cabeça, eu não acho justo colocarem tantas dificuldades. Colocam dificuldades de acessibilidade, das rampas, das portas, colocam dificuldades na casa de banho, dos assentos, da sanita, sendo que mesmo com todas as deficiências físicas e motoras que ele tem, ele consegue usar as instalações. Então parte... eu penso que parte da equipa integrar a criança ao espaço que tem. Também não precisam modificar o espaço por completo. A criança... ela até se adapta melhor do que as outras, penso eu. Porque ela já tem que superar a dificuldade, então quando ela encontra um espaço novo, automaticamente ela já se adapta.

Ent.: E ela própria... Ele próprio tem noção... pronto... das dificuldades que tem e para as dificuldades que tem penso que está bastante adaptado e consciente do que consegue e não consegue fazer. Se calhar melhor do que outras pessoas que estão de fora.

Suj.: Sim, com certeza. Ele mesmo sabe os limites dele, sabe até onde ele pode ir, ele sabe o tipo de brincadeira que ele faz. Se ele acha que não é capaz, ele vai tentar também, mesmo que corra mal, que se magoe, mas ele tenta. E então eu... Ah...falta só um pouquinho de... de... de persistência e de aceitação dos estabelecimentos. De perderem o receio em receber crianças com essas necessidades. E no caso motor, nem sempre a justificativa das instalações é aceitável, porque eles podem adaptar a criança ao espaço que têm. Não têm, necessariamente, que modificar o espaço físico que têm. Vale mais adaptar a criança àquele espaço e fazer ela superar aquela dificuldade, que é mais uma dificuldade que ela vai aprender... Porque a minha casa não é adaptada...

Ent.: Claro.

Suj.: Então ele não tem acessos e adaptações em casa. Ele teve que se adaptar ao ambiente de casa, então acho que parte por aí, as escolas também têm que adaptar a criança ao espaço que ela tem.

Ent.: Ok. E apesar de todas as dificuldades que já referiu anteriormente, que houve... pronto... na sua relação inicial com... com as instituições, acha que esta instituição pratica uma... uma educação inclusiva?

Suj.: Agora sim. Depois que o aceitaram, e que viram que não era tão difícil como pensavam, agora penso que sim. Acho que, a partir do momento que superaram este medo, este receio em receber a criança, integraram muito bem a criança com os amigos. Os amigos o aceitaram muito bem, eu já vi que por parte da educadora... a educadora fez com que a turma o recebesse bem, em preparar a turma, em falar das dificuldades dele com a turma. Eu penso que, a partir do momento em que o aceitaram e superaram essa fase inicial do medo, fizeram, sim, uma boa inclusão e incluíram bem ele na instituição.

Ent.: Hum, hum. E o que é para si uma educação inclusiva?

Suj.: Igualdade... com os amigos, igualdade nas atividades, igualdade nos direitos, nos deveres. Já incluíram ele nas tarefas... também te de fazer as tarefas como os outros fazem... e ele próprio se incluiu. Eu penso que ele próprio, que a criança mesmo, se incluiu. Porque ele mesmo se adapta, ele se inclui. Como ele é muito... muito à vontade com tudo, com os amigos, acho que ele mesmo já fez essa parte de se incluir com os amigos.

Ent.: Então acha que este tipo de educação, esta educação inclusiva, que é importante, neste caso, para a inclusão do... de uma criança com necessidades... Ah...a nível físico e motor?

Suj.: Sim, com certeza...

Ent.: Neste caso a nível do João...

Suj.: Foi por isto que desde o princípio, desde... desde praticamente de bebé, que eu venho à procura de uma instituição que o recebesse, justamente para ele se incluir. Porque quando ele não conseguiu transitar dentro da mesma instituição, eu fui à procura de outras, justamente para ele não ficar em casa, porque eu penso que é em casa que ele não se inclui...a nada. Então ele prendeu-se...

Ent.: ...aqui tem outro estímulo...

Suj.: É, tem outros estímulos, ele aprendeu a relacionar-se com outras crianças... e crianças... crianças ditas normais, sem necessidades como a dele. Então ele aprende com a limitação dele e com as limitações dos amigos. Também ele já teve que enfrentar os preconceitos dos amigos mas, enfim, eu acho que...

Ent.: ...essa fase já está ultrapassada...

Suj.: ...essa fase já está ultrapassada, já.

Ent.: Pronto, então... Ah...passando para outro tema, apesar de já ter mencionado alguns aspetos, sobre as razões da escolha da instituição, antes de o João estar aqui, estive [na anterior instituição].

Suj.: Sim, estive 2 anos [na anterior instituição].

Ent.: Pronto... Ah...e porque é que houve essa mudança...? Ah...

Suj.: De instituição?

Ent.: Sim. Fale só um pouco mais de forma específica porque é que houve esta mudança.

Suj.: Somente por questões financeiras. Porque [a anterior instituição] não tinha participação familiar alguma, então eu tinha que pagar mensalidade na totalidade do valor. É uma instituição privada, dizem que não tem participação familiar, então só mesmo por motivos financeiros, porque a nível de inclusão ele estava muito bem.

Ent.: E aqui já tem essa participação?

Suj.: Aqui há participação familiar, então a mensalidade é reduzida de uma forma bem significativa.

Ent.: Mas procurou outras instituições antes desta?

Suj.: Procurei antes... e procurei em todas as outras que eu tinha conhecimento que eram participadas. Mas, entretanto, nenhuma o chamou. A única que o chamou [foi a atual instituição]. Então, por isso, vim para [a atual instituição] porque também não tinha outra opção. [A atual instituição] foi a única que o chamou.

Ent.: E acha que o facto de as outras instituições não o terem chamado deveu-se a esse tal medo, a esse tal receio que falou?

Suj.: Sim, sim, com certeza. Porque no momento da inscrição, já na ficha de inscrição, quando perguntam se há necessidades educativas especiais, e eu menciono que sim, já fala “Ah, então vai ser um pouco complicado, mãe, porque a instituição não está adaptada”. Ou então “Ah, mãe, nós não temos crianças com esse tipo de necessidades na instituição”. Inclusive, eu inscrevi numa escola privada que tem uma mensalidade muito alta, um valor bem significativo, e eles, mesmo assim, não chamaram.

Ent.: Pois.

Suj.: Então penso que foi por isto, porque mesmo sendo uma instituição paga e com uma mensalidade muito alta, ainda assim não o chamaram. Então eu penso que foi sempre por causa da necessidade educativa especial.

Ent.: Claro.

Suj.: Sempre. Deixaram de o chamar.

Ent.: Falando agora mais aprofundadamente sobre a relação família/jardim de infância. Ah...defende-se, atualmente, a importância de uma boa relação da família com o jardim de infância no processo de inclusão de uma criança. Ah... como é que se processa, ah... essa relação neste caso específico? Ou seja, entre si, família, e o jardim de infância?

Suj.: Correu muito bem. Tem sido muito boa, participo, também, na reunião com os outros pais, às vezes vejo quando mencionam... Ah... aspetos das crianças, dos filhos... Os outros pais também têm um pouco de curiosidade, vamos dizer assim, também se interessam um pouco pela dificuldade dele. E... Mas eu participo normalmente nas atividades com os outros pais e a educadora tem sido bastante presente. Também já estive presente numa reunião com a equipa de reabilitação, que eu acho que foi muito importante ela participar junto com a equipa de reabilitação, conhecer um pouco sobre os problemas e as dificuldades dele, junto comigo que, como família... junto com a mãe e junto com a equipa que intervém com ele na parte dos tratamentos da fisioterapia... Então eu acho que a equipa do jardim de infância também tem que se integrar com a equipa que trata dessas crianças...

Ent.: Claro.

Suj.: ...com a equipa da reabilitação. Também não só com a família... No caso eu estou muito presente na instituição, estou sempre a participar e ele também está sempre incluído em tudo... nesse aspeto não tenho nada, nada a mencionar...

Ent.: Então considera que a vossa relação é boa?

Suj.: É boa, é muito boa a relação com a família e a escola.

Ent.: E ao que é que acha que se deve essa relação?

Suj.: Diálogo. Persistência. Muito diálogo e muita paciência... também compreensão e paciência, muita paciência, porque é uma criança também com dificuldades motoras também igual ao caso dele, têm os horários complicados, têm outras rotinas que os colegas da turma e, então, passa também um pouco pela compreensão.

Ent.: Claro.

Suj.: Compreensão da equipa que está com ele, de perceber as necessidades dele, aceitar e entrarmos num acordo, num consenso com isso.

Ent.: Ah...e de que forma é que acha que essa mesma relação, que pelo que falou é bastante positiva, tem contribuído para o bem-estar e para a própria inclusão do João?

Suj.: Ele se sente mais familiarizado, se sente mais acolhido...

Ent.: A partir do momento que percebe que é uma boa relação?

Suj.: Sim, que é uma boa relação, porque ele conta em casa sobre o que se passa na escola e conta na escola o que se passa em casa, então ele liga... faz muita ligação entre a relação de casa, com a família, com a escola. Eu acho que, automaticamente, ele já faz uma ligação de tudo, ele vê a escola e a família como uma só. Ele não sabe distinguir os assuntos de casa, os assuntos da escola, ele quer incluir tudo. A própria criança já quer fazer ser um todo, ser um só.

Ent.: Ou seja, essa relação demonstra-se e vê-se no comportamento dele...

Suj.: Sim, no comportamento dele em contar, em partilhar, em contar que é os anos da educadora, em contar o que é que se passa com as educadoras, ou se a educadora não está muito bem. Então ele já tem uma preocupação com a equipa e em casa ele já se preocupa, já conta. Ele quer que a equipa faça parte. Ele sempre pergunta se pode contar ou se pode mostrar. Então ele vê a equipa um pouco também como família.

Ent.: E essa é uma forma que demonstra que ele próprio se sente bem e...

Suj.: Sim, sim.

Ent.: ...e se sente integrado aqui. O facto de ele, tal como diz, levar coisas daqui para casa e de casa para aqui, demonstra que ele vive isto e que gosta...

Suj.: Sim, gosta, gosta.

Ent.: ...e que, independentemente das características dele, que... pronto... que se sente bem aqui.

Suj.: Sim, sente-se bem, sente-se integrado, já não há aquela fase de preconceito, ele já não se sente discriminado pelos colegas. Quando surge algo que é menos bom para ele, que ele não considera tão agradável, ele também conta.

Ent.: E alguma vez ele se sentiu discriminado, no início?

Suj.: Já, já teve dificuldades, já. Os amigos questionarem o porquê de ele não andar, o porquê de não correr, o porquê de jogar a bola sentado. Já aconteceu de algum amigo falar “Eu não jogo contigo porque eu jogo de pé”, mas ele também supera porque ele sabe responder bem e ultrapassa. Se um amigo não quer fazer, ele vai fazer com outro.

Ent.: E porque ele próprio também tem bem a noção da... pronto, das dificuldades que tem e dos limites que tem e consegue superar-se...

Suj.: Sim. E supera-se, sempre. [Risos].

Ent.: Claro. Ah...que tipos de estratégias, nomeadamente a nível da comunicação, da comunicação que existe, considera que são utilizadas por parte do jardim de infância, ou seja, do jardim de infância para com a família. De que forma é que o jardim de infância comunica consigo?

Suj.: Sim. Eu penso que podia ser um pouco mais pessoal. Às vezes fazem muito através de bilhetes, de papéis, de recados... Às vezes ao fim do dia entregam um recadinho com a programação do dia a seguir ou uma coisa que vão fazer. Eu acho que podia ser um pouquinho mais de comunicação, conversar, talvez, perguntar se sim, perguntar se não... Porque, às vezes também quando chegam a entregar um recadinho, um papel, a criança já sabe daquele acontecimento... Se o pai também não quisesse que participasse era difícil negar, porque a criança já sabe... Então eu acho só que devia falar um pouco primeiro com os pais, depois transmitir a informação para a criança. Passar primeiro um pouquinho pelos pais, depois transmitir aquilo para a criança.

Ent.: Hum, hum. Ok.

Suj.: Antes de comunicar com a criança, falar com o pai primeiro, se os pais acham que sim ou que não...

Ent.: Ou seja, muitas vezes os tais recados são mandados pelas crianças...

Suj.: Ou não... pelas educadoras, pelas auxiliares... elas nos entregam esses recadinhos, vamos dizer assim, esses papéis, esses comunicados...

Ent.: Não há nada pessoal...

Suj.: Não há um contacto pessoal, só entregam o papel, quando eu entro no carro ou quando eu chego a casa é que eu vou ler e saber do que se trata. Então eu acho que podiam explicar um pouquinho ou quando entregam ou comentar sobre o que vão fazer...

Ent.: Claro.

Suj.: ...antes. Antes de entregar simplesmente um papel, falar um pouquinho mais.

Ent.: E da sua parte, ou seja, da parte da família, quais são as estratégias que utiliza para comunicar com o jardim de infância?

Suj.: Ah, sempre comunicar, sempre falar. Falar, questionar ou informar... Como já aconteceu situações dele com os amigos e eu procurei a educadora e contei o que ele tinha passado em casa, transmiti o que ele...ah...a preocupação dele, transmiti para a educadora o que é que ele estava chateado, quem foram os amigos que o chatearam. Eu tento fazer sempre por aí, falar, procurar diretamente a educadora e a equipa que está com ele diariamente e falar.

Ent.: E quais são as situações mais pertinentes com que costuma contactar com a instituição? Porque existem as reuniões, não é?

Suj.: Sim, sim.

Ent.: As reuniões no final de cada período...

Suj.: Sim...

Ent.: Existem as reuniões mas...e essa se calhar é a parte em que, se calhar, grande parte dos pais tem maior contacto com a educadora... Mas procura sempre ter um contacto diário com a educadora ou com a própria instituição no geral?

Suj.: Sim, sim, procuro ser diariamente. Sempre que acontece qualquer coisa que eu pense que vai interferir no dia dele ou na rotina dele na escola, eu procuro comunicar.

Ent.: E qual é a disponibilidade da educadora, da instituição?

Suj.: Estão sempre...

Ent.: Mostra-se disponível...?

Suj.: Sim, mostra-se, mostra-se. Estão sempre disponíveis e nesse aspeto eu também não tenho nada a queixar, nada a reclamar. Estão sempre bem dispostos a receber informações e a comunicar.

Ent.: Ou seja, sente que há iniciativa da sua parte para procurar a educadora, a instituição? Que há iniciativa por parte da instituição para contactar consigo?

Suj.: Sim, sim. Eu penso que essa é uma relação que já está bem estabelecida. Agente tem uma boa relação...

Ent.: Não acha que há mais iniciativa de uma parte do que de outra?

Suj.: Não, está equilibrado. Chegámos a um ponto de equilíbrio, já.

Ent.: E acha que essa vossa... essa sua colaboração, enquanto família, porque pelo que sei... ah... por exemplo, o seu companheiro...

Suj.: Sim...

Ent.: ...está fora, não é?

Suj.: Está fora, sim. Ele não vive com o pai. Então quem faz esse papel todo sou eu, enquanto mãe, pronto. A avó faz um apoio, pronto, mais indireto que não tem muito a ver com a escola. Então por isso como eu sempre sou eu, eu sempre sei o que foi dito ou não dito, então sempre sou eu que recebo ou que passo as informações. Então é por isso que eu procuro sempre um contacto diário e vou atualizando sempre o que eu acho de importância.

Ent.: Então acha que... que essa sua comunicação diária ou frequente é bastante positiva e que tem contribuído para a própria inclusão do João?

Suj.: Sim, tem, tem. Porque desde o princípio eu já procurei transcrever informações do outro jardim de infância, [da anterior instituição], já tentei trazer informações da rotina dele, anterior, e estabelecer agora uma nova rotina. Ajudar também nesse aspeto para elas superarem as dificuldades que elas tinham no início, os receios, então, por isso, desde o início, eu procurei colaborar ao máximo para facilitar esse processo... para ajudar.

Ent.: E para além dessa... dessa comunicação que existe e que é bastante positiva, costuma participar nas atividades escolares? Alguma atividade escolar, algum tipo de atividades em que participa?

Suj.: Sim, sim. Eu procuro o máximo, nas feirinhas ou nas festinhas ou na dança, quando eles vão apresentar alguma coisa como foi na festa de fim de ano, festa de Natal... Sempre que possível eu venho. Aliás, eu nunca faltei. Em todas as que fizeram, eu estive presente em todas, porque a própria criança sente que eu estou feliz ao lado dele e que eu não tenho vergonha e que eu não falto, porque eu... como os outros amigos... penso que na maior parte deles têm o pai ou a mãe ou os avós, têm uma família mais presente, então eu não deixo essa lacuna, eu não deixo ele sentir essa falta da família.

Ent.: Claro.

Suj.: Então para ele não sentir essa falta da família, eu tento estar presente em tudo.

Ent.: Amanhã há uma feira, não sei se sabe...

Suj.: Há uma feira... [Risos].

Ent.: Ah...pronto...ah...a nível da instituição, novamente, sente que a instituição da respostas a eventuais dúvidas e questões que surgem da sua parte?

Suj.: Sim, no princípio foi muito difícil...

Ent.: Mais no princípio que...

Suj.: ...é, mas agora não. Penso que agora isso tudo...

Ent.: ...no início haviam mais dúvidas, mais questões, mais receios da sua parte...

Suj.: No início existiram conflitos. A relação com a administração da escola foi conflituosa. Com a parte docente não. Foi sempre tudo muito tranquilo, as educadoras, as auxiliares... com essa parte não... mais a parte da administração, da matrícula, da receção...

Ent.: Burocracias...

Suj.: ...com a burocracia. Agora a parte, assim, mais pessoal...

Ent.: ...relacional...

Suj.: ...relacional sempre correu bem.

Ent.: Ah...e alguma vez sentiu dúvidas ou receios relativamente ao desenvolvimento ou à inclusão do João nesta instituição? Alguma vez teve dúvidas que ele realmente se sentisse incluído aqui?

Suj.: Tive. Tive porque ele esteve com o mesmo grupo durante 2 anos, então eu tive receio que começar num grupo novo fosse atrasar o desenvolvimento dele, fosse criar dificuldades para ele... tive bastante receio no princípio e justamente porque ele estava habituado já a um grupo, já tem laços de amizade com outras crianças... o novo assusta ele um pouco...

Ent.: Claro.

Suj.: Porque ele sabe que sempre que há uma situação nova vão vir novos questionamentos. As crianças vão questionar, as crianças vão perguntar, então essa fase inicial gera muita dúvida...

Ent.: Era como voltar ao início...

Suj.: Sim, era como voltar à primeira turma da creche...

Ent.: Porquê, porquê...

Suj.: Porquês, porquês, porquês... E os preconceitos, e os amiguinhos que não interagem muito bem, e os amiguinhos que não aceitam logo ao princípio... então no princípio sim, foi muita dúvida, muita preocupação... a cabeça da família e da mãe andava mesmo muito preocupada...

Ent.: Claro, porque depois isso acaba por afetar não só a criança como a própria família... as inseguranças, os medos...

Suj.: Sim, com certeza. [Risos]. Afeta a todos, a todos.

Ent.: Claro. Ah...já estamos quase no final. Mais concretamente sobre a sua inclusão aqui, sente que o João se encontra incluído na instituição...

Suj.: Completamente.

Ent.: Como já referimos, não é?

Suj.: Sim, completamente.

Ent.: Devido a todos... ah...pronto, a todos os fatores que já referiu, desde a comunicação até ao facto de ter conseguido ultrapassar todas as dificuldades que foram sentidas no início, tudo isso fez com que, hoje, ele se sinta incluído...

Suj.: Sim, hoje ele se sente completamente incluído.

Ent.: Pronto, as principais dificuldades e facilidades sentidas ao longo de todo este processo também já referiu, que no início foram aquelas burocracias todas...

Suj.: Sim, os receios da instituição, das instalações, mais por parte do pessoal, não da família.

Ent.: Claro.

Suj.: A família nunca teve dúvida de que a criança fosse capaz de se adaptar. Mais a instituição...

Ent.: ...adaptar-se à criança...

Suj.: Sim. Nem a criança tem receio, nem a família tem receio, mas as instituições têm.

Ent.: Claro. Ah...o que considera que poderia ter sido feito para complementar a sua inclusão? Ou o que mais falta fazer, na sua opinião? Se sente que falta algo para... para...

Suj.: Falta por parte de todas as instituições por que eu passei. Exceto [a anterior instituição], todas as outras faltam... falta iniciativa, falta boa vontade, em todas... todas elas no princípio é sempre muito difícil, desde a inscrição, desde o chamar a família, desde o aceitar a criança, desde o princípio é tudo muito difícil. Só foi superado porque...o corpo docente, os profissionais foram maravilhosos e porque a criança tem muita força de vontade.

Ent.: Está-se a referir [à atual instituição]?

Suj.: [À atual], sim, sim... Mas falta o impulso inicial, falta boa vontade, penso eu, de receber estas crianças.

Ent.: Mas atualmente, apesar de ele já se encontrar incluído, acha que falta ainda algo ou que todo o processo já está finalizado e que...

Suj.: Não, agora já está todo o processo finalizado.

Ent.: Acha que não falta nada para complementar essa inclusão?

Suj.: Não, não. Eu penso que não. Já fizeram muito, eu acho que ao longo já do ano que está correndo já fizeram bastantes coisas. Já superaram, penso eu, tudo o que tinha para ser superado.

Ent.: Se calhar era a principal lacuna...que era o preconceito...

Suj.: Sim, era o preconceito. O medo do desconhecido, o medo da dificuldade, o medo das limitações dele... eu penso que era só isso que eles já superaram muito bem, já não há nada mais que eles precisem se esforçar, não.

Ent.: Agora por fim, a nível da sala em específico, da sala dos 5 anos onde o João está, como é que foi a inclusão dele no grupo? No seu grupo em específico?

Suj.: Logo de princípio ele fez uma grande amizade com uma menina da sala, então ele já se afeiçoou logo a essa menina. Automaticamente ele já foi se ligando aos outros e uma coisa que eu acho que foi interessante e também criou alguns conflitos na sala, foi o facto de eles trazerem brinquedos de casa. É uma coisa simples mas que o ajudou a integrar.

Ent.: Hum, hum.

Suj.: Porque o trazer brinquedos e partilhar o brinquedo com os amigos já fez ele se aproximar com o grupo e fez com que as crianças aceitassem ele. Partilhar os mesmos gostos, os mesmos brinquedos... então...eu acho que o grupo aceitou bem ele. Fizeram questionamentos, claro, como é normal, mas eu acho que a sala já estava bem preparada para o receber.

Ent.: Então acha que foram utilizadas estratégias prévias...

Suj.: Prévias, sim, sim. Pelo que eu fui informada, por parte da educadora, ela conversou com as crianças antes, disse que ele viria, disse que ele tinha outras necessidades, disse que ele usava cadeirinha de rodas, então eu acho que a educadora consciencializar a turma antes de ele chegar foi positivo.

Ent.: Hum, hum.

Suj.: Antes de ele vir, os amigos já estavam mais ou menos à espera.

Ent.: Até mesmo para evitar certas perguntas, tantos porquês...

Suj.: Sim... tantos constrangimentos...

Ent.: ...estavam mais informadas...

Suj.: ...e a própria criança, porque agora ele já aprendeu a responder, ele já aprendeu a explicar o que ele tem, já aprendeu a se defender. Mas a educadora ter preparado a turma antes foi muito positivo... foi um facto muito positivo.

Ent.: Ah...ele está com este grupo e com esta educadora há quanto tempo?

Suj.: Desde o início deste ano letivo...

Ent.: Ah... Ok.

Suj.: Somente este ano letivo.

Ent.: Ok. Então sente que o João, atualmente, está bem integrado no grupo...

Suj.: Sim, sim...

Ent.: No grupo dos 5 anos...

Suj.: ...no grupo dos 5 anos, inclusive vou tentar que para o próximo ano letivo ele mantenha-se próximo, na mesma escola que os amigos que ele tem tido agora...

Ent.: Pois porque no próximo ano ele vai transitar para o primeiro ano...

Suj.: Para o primeiro ano, para o ensino regular.

Ent.: ...para a primária...

Suj.: ...para a primária, sim, sim... Vou tentar que ele vá para a escola primária com alguns amigos deste grupo. Para ele já seguir sem aquela preocupação inicial de não conhecer nenhuma criança...

Ent.: Hum, hum.

Suj.: ...de não ter nenhum amigo...

Ent.: Para não voltar à estaca zero...

Suj.: ...para não voltar à estaca zero...

Ent.: Mas está com receio?

Suj.: Tenho algum receio... da nova escola...

Ent.: ...algo completamente diferente...

Suj.: ...novos preconceitos, novas dificuldades nas matrículas, nas inscrições, vai começar todo o processo agora novamente.

Ent.: É algo completamente diferente...

Suj.: É tudo diferente, os horários, os almoços, as independências da criança, a criança já tem de ser muito mais autónoma... mas, como ele está bem integrado no grupo, vou tentar que ele transite com algumas crianças para o primeiro ciclo... que ele vá com algumas crianças já conhecidas.

Ent.: Mas, independentemente de tudo, apesar de sentir esses receios e esses medos que é normal...

Suj.: Sim, é normal... [Risos].

Ent.: ...ah...tem a certeza de que ele vai se integrar bem...

Suj.: Sim, ele vai se integrar...

Ent.: ...e que, mais uma vez, é mais a instituição adaptar-se a ele do que ele à instituição.

Suj.: Justamente.

Ent.: Do pouco que eu conheço dele, porque não tenho tanto contacto diário como as minhas colegas têm, vejo que é uma criança que se adapta facilmente a qualquer meio, a qualquer contexto e...

Suj.: Sim.

Ent.: ...tenho a certeza que ele se vai adaptar bastante bem.

Suj.: Também eu. [Risos]. Muito obrigada.

Ent.: Pronto, então obrigada pela sua colaboração, parabéns pelo filho que tem...

Suj.: Muito obrigada! [Risos].

Ent.: ...que é muito especial em vários sentidos. [Risos]. E se depois quiser estas informações, estes dados, poderão ser-lhe disponibilizados.

Suj.: Sim, também me disponho se precisar de mais alguma informação, de mais algum dado, eu também estou disposta a colaborar. [Risos].

Ent.: Obrigada. [Risos].

Suj.: Obrigada. [Risos].

Anexo VIII – Pré-categorização da entrevista à coordenadora pedagógica

Tema	Respostas
<p>Inclusão de crianças com NEE na educação regular</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>depende da deficiência (...)</i> • (...) <i>eu acho que existem deficiências que podem, perfeitamente, (...) ser inclusas (...) num ensino normal (...)</i> • (...) <i>há outras deficiências que são um pouco mais difíceis de as incluirmos num processo de educação normalizado (...)</i> • (...) <i>há outras deficiências que podem e devem estar com as outras crianças, é bom para ambos (...)</i> • (...) <i>pode estar no meio das outras e fazer aprendizagens com a ajuda das outras. É bom para as outras crianças, também, habituarem-se às diferenças, saberem lidar com elas (...)</i> • (...) <i>se a educadora, as pessoas responsáveis na sala, tiverem uma atitude positiva de entreaajuda, podem levar o grupo a ajudar essa mesma criança e isso, portanto, é bom para ambas (...)</i> • (...) <i>não há qualquer problema (...)</i> • (...) <i>está a fazer com que eles aprendam a lidar com estas diferenças (...)</i> • (...) <i>no mundo somos todos diferentes, às vezes necessitamos de ser todos um pouco mais parecidos uns com os outros (...)</i> • (...) <i>uma educação inclusiva é uma educação em que há respeito pelas diferenças (...)</i> • (...) <i>Cada criança é um mundo, somos todos iguais mas no fundo não somos (...)</i> • (...) <i>existem comportamentos porque vêm de meios diferentes, principalmente numa instituição como esta que é uma IPSS, em que há crianças que vêm de vários meios (...)</i>

	<ul style="list-style-type: none"> • (...) as pessoas têm que se habituar, também, a lidar com crianças que são de outras raças, que são de outros meios, de outras culturas (...) • (...) eu acho que uma educação inclusiva é enriquecedora quer para um lado, quer para outro, quer para uma criança diferente das outras todas, da maioria, quer para as crianças que estão em maioria, mais ou menos iguais ou parecidas (...) • (...) acho que é sempre vantajoso para ambas as partes (...) • (...) Nós nunca rejeitámos (...) • (...) são crianças e acho que todas elas devem estar em contacto umas com as outras (...) • (...) começa aqui a educação, a socialização das crianças para puderem um dia serem uns adultos diferentes, saberem olhar para o lado e darem a mão a quem precisa (...) • (...) Não pode ser uma a estar disponível e a remar a favor, e estar o resto do pessoal todo a implicar e a não querer e a não gostar e a fazer guerra contra essa criança (...) • (...) é a falta de pessoal, às vezes, para dar resposta a uma criança que tenha um comportamento um pouco mais agitado (...)
<p>Relação Família/JI</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) a família teve uma grande importância (...) • (...) foi (...) a mãe, que explicou como é que era o João, quais eram as suas necessidades, o que é que nós tínhamos de fazer (...) para que a integração do João fosse, também, de uma forma suave e boa, para que ele se sentisse bem na instituição (...) • (...) a primeira abordagem foi logo saber quais eram as necessidades que o João tinha (...) • (...) um contacto diário que se vai questionando (...)

- (...) *a própria mãe vai-nos questionando (...)*
- (...) *se nós temos alguma dúvida também perguntamos à mãe (...)*
- (...) *isso é quase diário (...)*
- (...) *não quer dizer que tenhamos sempre que fazer reuniões específicas com esta mãe, acho que nem sequer existe essa necessidade (...)*
- (...) *Boa [comunicação] (...)*
- (...) *Sim, toma [iniciativa] (...)*
- (...) *a comunicação tem sido muito fácil com esta mãe, porque é uma mãe que aceita o que agente lhe diz (...)*
- (...) *é uma mãe que confia em nós, é uma mãe que não levanta problemas, que não é desconfiada (...)*
- (...) *só esse facto já é uma mais-valia (...)*
- (...) *No caso do João tem sido muito fácil (...)*
- (...) *É participativa (...)*
- (...) *Que se envolve (...)*
- (...) *Se agente a chamar ela envolve-se nas atividades (...)*
- (...) *pelo que eu conheço da mãe não há grandes estratégias para se utilizar com ela porque ela é uma pessoa que se envolve rapidamente (...)*
- (...) *não a vejo a rejeitar (...)*

	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>é de contacto muito fácil (...)</i> • (...) <i>ela pareceu-me satisfeita com as respostas que se lhe deu (...)</i> • (...) <i>Não me lembro de ter havido alguma questão que não lhe tenha sido respondida de maneira a que ela, realmente, ficasse na dúvida (...)</i> • (...) <i>[A comunicação] Tem sido a base de tudo o resto (...)</i> • (...) <i>nunca levantou questões que nos levassem a pensar que ela estaria com uma atitude desconfiada (...)</i> • (...) <i>ela confia (...)</i> • (...) <i>pode-se diferenciar pelo lado positivo (...)</i> • (...) <i>é uma mãe que, a partir do momento que confiou, entregou (...)</i> • (...) <i>Tem uma atitude normalíssima (...)</i> • (...) <i>Numa instituição onde há 75 crianças é natural que haja sempre uma mãe ou um pai que tenha uma atitude mais desconfiada, mais desconfortável (...)</i>
<p>Processo de inclusão no JI</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>As outras crianças são muito carinhosas para ele, ajudam a sair da cadeira de rodas de for necessário, a pô-lo na cadeira de rodas, ajudam-no a ir à casa de banho (...)</i> • (...) <i>prestam uma série de ajudas ao adulto, neste caso, às pessoas da sala, e, ao mesmo tempo, àquela criança que necessita, às vezes, de alguma ajuda (...)</i> • (...) <i>nós passámos a informação umas às outras de como é que tínhamos de o pôr na sanita, que tipo de ajuda é que tínhamos que dar caso ele necessitasse de alguma de nós, o que é que tínhamos que fazer (...)</i> • (...) <i>fomos passando a informação umas para as outras à medida que a mãe nos foi passando (...)</i>

- (...) *foi de uma forma muito natural (...)*
- (...) *A educadora da sala é que tem tido um papel mais preponderante (...)*
- (...) *nunca houve assim uma estratégia, foi sempre tudo muito, muito fácil (...)*
- (...) *eles aceitaram muito bem (...)*
- (...) *As crianças não fizeram nenhuma diferença, aceitaram muito bem (...)*
- (...) *o resto das crianças aqui das outras duas salas, acho que, por imitação das crianças do grupo em que o João pertencia, acabaram (...) por aceitar (...)*
- (...) *acabaram por aceitar tudo isto de uma forma natural (...)*
- (...) *Quando o João pede ajuda, todo o mundo vai e ajuda (...)*
- (...) *nunca vi ninguém que das outras famílias (...) pusesse alguma questão ou que olhasse de uma forma diferente para o João (...)*
- (...) *estava tudo devidamente adaptado. A casa de banho já tem uma sanita própria (...)*
- (...) *Ele anda perfeitamente bem na cadeirinha de rodas (...)*
- (...) *quem estiver por perto ajuda-o a pendurar-se para poder fazer e ele fica todo contente (...)*
- (...) *Ninguém rejeita ajudá-lo (...)*
- (...) *Acho que ele tem lidado bem com isto (...)*
- (...) *a casa de banho está adaptada para ele (...)*

- (...) *Eu acho que ele está perfeitamente incluído (...)*
- (...) *essa criança dos 3 anos vem-nos chamar para irmos ajudar o João a fazer aquilo que ele está a pedir (...)*
- (...) *para eles é perfeitamente normal vir-nos pedir a ajuda, porque eles não conseguem porque são pequeninos e, então, vêm pedir a ajuda de um adulto para ajudar uma outra criança (...)*
- (...) *fazem isto de uma forma muito natural, como se a criança fosse da sala deles e eles têm a noção perfeita de que a criança necessita dessa ajuda, então fá-lo (...)*
- (...) *foi-lhes comunicado que tínhamos uma criança diferente que andava numa cadeirinha de rodas (...)*
- (...) *eles puseram a questão porque é que ele estava numa cadeirinha de rodas, foi-lhes explicado que ele nasceu assim sem perninhas, que às vezes acontece, que as perninhas dele estão muito fraquinhas e, por isso, precisam do apoio de uma cadeira de rodas (...)*
- (...) *sempre que ele necessitasse de ajuda, eles deveriam ajudar porque era um amigo novo dentro da instituição (...)*
- (...) *aceitaram-no muito bem (...)*
- (...) *Foi-lhes explicado e, pronto, foi tudo muito natural (...)*
- (...) *No fundo é educá-los para viverem em sociedade, para a socialização (...)*
- (...) *às vezes é necessário haver essa comunicação, essa conversa prévia com as crianças para elas perceberem e aceitarem as coisas de uma forma natural (...)*
- (...) *não é a criança que é maldosa, às vezes é o próprio adulto que tem atitudes menos favoráveis (...)*
- (...) *eu acho que é obrigação do jardim de infância, obrigação de nós, profissionais da educação, fazermos*

	<p><i>essa abordagem e passarmos essas noções às crianças, acho que faz parte do nosso papel (...)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>Nunca vi assim nenhuma a ter uma atitude mais negativa para com o João (...)</i> • (...) <i>a mãe não se importa que ele se arraste pelo chão, não tem que estar sempre sentado na cadeirinha de rodas (...)</i> • (...) <i>Ele sai da cadeira de rodas e vai para o chão às vezes jogar à bola, em vez de jogar com os pés joga com as mãos (...)</i> • (...) <i>Faz tudo normalmente como outra criança qualquer (...)</i> • (...) <i>Um das vezes é o João que toma iniciativa para brincar, outras vezes são as outras crianças que pedem, que o chamam para brincar com eles (...)</i> • (...) <i>É muito importante que toda a gente, a comunidade educativa, de uma instituição esteja atenta a estas questões (...)</i> • (...) <i>Qualquer um de nós tem que saber lidar com as diferenças, tem que estar disponível para essas diferenças (...)</i> • (...) <i>No caso do João não vejo nenhuma dificuldade (...)</i>
<p>Papel do coordenador pedagógico na inclusão de uma criança com NEE</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>Eu, como diretora, nunca rejeitei crianças com deficiência ou crianças que vêm de meios (...) baixos (...)</i> • (...) <i>Nunca rejeitei crianças de outras raças, de outras culturas (...)</i> • (...) <i>eu confio nas pessoas, eu confio na equipa (...)</i> • (...) <i>elas sabem o que é que eu penso acerca deste assunto, sabem que eu não gosto que se faça diferenças nas pessoas e muito menos nas crianças (...)</i>

- (...) sabendo o que eu penso sobre este assunto, eu penso que não se atrevem a fazer diferenças (...)
- (...) nós temos reuniões mensais, todos os meses há uma reunião onde vem o pessoal todo, não só pessoal do jardim de infância, mas também o pessoal da creche (...)
- (...) eu lembro-me que quando o João entrou, eu voltei a falar da importância do tratamento normalizado (...)
- (...) nestas reuniões é abordada esta questão das diferenças (...)
- (...) é um dos assuntos sobre o qual nós costumamos falar (...)
- (...) Enquanto coordenadora eu não podia, nunca, admitir que uma criança como o João, ou uma criança que seja diferente, fosse rejeitada seja por quem fosse (...)
- (...) Nunca me passaria pela cabeça fingir que não via (...)
- (...) Era, por um lado trabalhar com a família, dar apoio e levar a família a uma maior comunicação e, por outro lado, levar as pessoas da instituição a aceitarem como trabalhar com a criança, aceitarem aquela criança diferente (...)

Anexo IX – Pré-categorização da entrevista à educadora da criança com NEE

Tema	Respostas
<p>Inclusão de crianças com NEE na educação regular</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) concordo deste que seja feita com a segurança para a criança e que a criança tenha algum apoio específico (...) • (...) acho que depende da necessidade da criança (...) • (...) Há necessidades educativas especiais de várias ordens e, se calhar, crianças com mais dificuldades a nível cognitivo, aí já requerem outro tipo de atenção (...) • (...) Acho que devemos ver isso de inclusiva não só para crianças com necessidades educativas especiais mas, também, para com as outras crianças (...) • (...) todas têm necessidades diferentes e acho que agente pensa muito na inclusão quando se trata de crianças deficientes e temos de ter essa preocupação. Mas acho que, depois, devemos olhar, também, o grupo com as suas características individuais e tentar sempre que todos se sintam integrados no grupo (...) • (...) eu acho que, nestes casos de crianças com necessidades educativas especiais, devia haver alguma coisa exterior à instituição (...) • (...) a nível de qualquer coisa que nos apoiasse a nós (...) • (...) nós sabemos que ele tem uma deficiência, nós tentamos adaptar as atividades que temos mas, se calhar, há outras formas de fazer e melhor do que aquilo que nós fazemos e nós não temos conhecimento (...)
<p>Relação Família/JI</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) é, basicamente, através de diálogos (...) • (...) no início nós tivemos logo uma conversa sobre como é que iria ser a adaptação dele, as limitações que ele tinha (...)

- (...) temos também falado sobre as terapias que ele frequenta e sempre que há alguma questão a mãe fala comigo e eu com ela (...)
- (...) Quando surgem dúvidas há sempre uma conversa (...)
- (...) Também já surgiu, porque ele está a frequentar a APPC, eu ir lá uma das vezes fazer a avaliação com a mãe e com as terapeutas (...)
- (...) eu desloco-me às terapias e fazemos a avaliação (...)
- (...) Eu acho que isso se deve muito também a nós, profissionais, mostrarmos à vontade e disponibilidade (...)
- (...) mostrarmo-nos abertos e disponíveis para o diálogo e para conversarmos (...)
- (...) Acho que o primeiro passo tem que partir de nós, mostrarmo-nos disponíveis (...)
- (...) acho que ainda as podíamos envolver mais [as famílias] (...)
- (...) temos o projeto das histórias, ela já participou e fez com o João e mostrou-se sempre motivada (...)
- (...) ela é uma pessoa bastante comunicativa e, depois, também é muito preocupada com o filho e isso também ajuda (...)
- (...) o João precisa de bastante apoio, bastante ajuda e, muitas vezes, eu noto que a mãe parece cansada e é normal pois é ela sozinha (...)
- (...) Mas também é a tal coisa, agente entrar no mundo dela...também não me sinto à vontade para (...)
- (...) nós tentamos é que ela se sinta apoiada e que sinta que pode contar connosco no que precisar (...)
- (...) acho que isso é meio caminho andado para a criança sentir-se segura, não só o João mas qualquer criança (...)

	<ul style="list-style-type: none"> • (...) acho que é meio caminho andado para ele se sentir seguro e sentir que tanto tem o apoio da mãe e o apoio da educadora e auxiliares e do pessoal da instituição (...) • (...) transparece ao João segurança e isso também o ajuda no processo de se incluir no grupo, de estar bem integrado, de gostar de vir para a escola, de não ter qualquer problema com os amigos (...) • (...) como ele tem aquela dificuldade, ela é muito preocupada (...) • (...) ela se preocupa sempre se ele se magoou muito no rabinho por se deslocar daquela forma (...) • (...) eu noto que ela tem uma preocupação acrescida que os outros pais não têm (...) • (...) Noto nessas pequenas coisas que há mais preocupação mas também acho que é normal (...)
<p>Processo de inclusão no JI</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) logo quando agente ouviu falar assustamo-nos, mas depois é uma criança que consegue fazer tudo (...) • (...) os acessos estão perfeitos para ele (...) • (...) ele consegue deslocar-se com autonomia e não precisa de grande auxílio nesse sentido, visto que a deficiência dele é a nível motor (...) • (...) toda a gente o ajuda, toda a gente o conhece, mesmo os amigos das outras salas são preocupados por ele (...) • (...) as colegas, também, quando nós não podemos ou estamos com outra tarefa também se mostram interessadas e empenhadas em o ajudar (...) • (...) acho que temos uma equipa que se preocupa (...) • (...) agente pode sempre melhorar (...)

- (...) *houve essa conversa, a Isabel explicou-nos (...)*
- (...) *entretanto, eu com as minhas auxiliares também falei sobre isso (...) que era uma criança com necessidades educativas especiais a nível motor (...) foi feita uma apresentação (...) do João (...)*
- (...) *Quando ele vinha já toda a gente sabia a necessidade da criança (...)*
- (...) *a mãe sempre (...) tentou que nós o deixássemos andar livremente no chão, na cadeira, como ele quisesse, e a mim, o que me preocupava, era o facto de ele andar no chão e os outros tinham que se ambientar a isso (...)*
- (...) *é uma criança diferente, chama a atenção e, pronto, os pais perguntavam, nós tentávamos explicar assim de uma forma rápida (...)*
- (...) *a instituição até... tendo em conta a deficiência dele, até está bem adaptada. Não tem assim nada que seja um perigo para ele (...)*
- (...) *Eu acho que ele está incluído (...)*
- (...) *ele também é muito comunicativo e muito dado (...)*
- (...) *Nunca senti a adaptação dele forçada (...)*
- (...) *ele veio para a escola e parecia que já conhecia isto (...)*
- (...) *senti que a inclusão dele foi feita e que ele está totalmente incluído, quer na sala, quer adaptado às outras (...)*
- (...) *eu, se calhar, senti mais receio e, se calhar, eu é que precisei de me adaptar do que ele (...)*
- (...) *se calhar, é das deficiências mais fáceis (...)*

Processo de inclusão na sala de atividades	<ul style="list-style-type: none">• (...) <i>se calhar sinto mais essa dificuldade a nível motor (...)</i>• (...) <i>Quando de faz as danças ou a expressão motora, a motricidade (...)</i>• (...) <i>eu tenho que adaptar um bocadinho consoante aquilo que eu acho que o vai ajudar (...)</i>• (...) <i>não é que não sinta apoio das minhas colegas e sinto, mas claro que cada uma está centrada no seu grupo e tem as suas preocupações, mas (...) poderíamos ainda comunicar mais também para me ajudar a mim (...)</i>• (...) <i>Quando eu soube, para mim foi um choque porque nunca tinha trabalhado com uma criança assim (...)</i>• (...) <i>Era um conjunto de questões na cabeça (...)</i>• (...) <i>depois de falar com a mãe e depois de o conhecer, isso acalmou (...)</i>• (...) <i>A minha preocupação era o modo como ele se deslocava (...)</i>• (...) <i>Era uma criança nova, diferente, que se deslocava de uma forma diferente, então a minha preocupação foi mais nesse sentido porque a nível cognitivo ele não tem qualquer problema (...)</i>• (...) <i>o que eu tentei fazer com os da minha sala foi (...) ter uma conversa com eles, explicar as limitações que ele tinha, que era uma criança diferente deles, deslocava-se de maneira diferente mas que era para o tratarem de igual forma (...) aquela conversa inicial (...)</i>• (...) <i>ter receio de o grupo o pôr de lado e não o aceitar (...)</i>• (...) <i>De início, senti que o João era muito olhado (...)</i>• (...) <i>O que eu tentei na sala é que eles tenham sempre as cadeiras arrumadas junto à mesa para ser fácil ele se deslocar (...)</i>
---	---

- (...) *Eu fiquei surpreendida com ele porque não estava à espera (...)*
- (...) *de início é muito preocupante e eu preocupei-me muito (...)*
- (...) *nós conseguimos adaptar as atividades e conseguimos chegar a ele (...)*
- (...) *Se fosse outra deficiência, mais profunda, aí, se calhar, ainda mais necessidade eu sentia de ter outro apoio (...)*
- (...) *acho que se o João chegasse ali e não tivesse havido aquela conversa as crianças ficavam, claro, curiosas (...)*
- (...) *A curiosidade já eles tinham mesmo falando, porque não o tinham visto, mas acho que assim já estavam preparados para (...)*
- (...) *Já sabiam que vinha um menino, vinha na cadeira de rodas e que era diferente deles no modo de se deslocar (...)*
- (...) *ele veio, nós apresentamo-nos, tivemos várias brincadeiras, jogos de apresentação, contei histórias, “O menino de todas as cores” (...)*
- (...) *então usei essa história também como estratégia (...)*
- (...) *na expressão motora e na dança, por vezes é difícil nós conseguirmos que ele faça as coisas, mas tentei sempre, nem que fizesse uma coreografia diferente ou, em vez de ele se deslocar daquela forma que não consegue, deslocar-se de outra forma (...)*
- (...) *tentar sempre que ele não fique posto de lado (...)*
- (...) *enquanto uns estão a correr, ele corre à maneira dele mas no chão (...)*
- (...) *Foi essa a minha preocupação no sentido de ele nunca se sentir excluído do que quer que seja, nem das*

atividades, nem da vida em grupo com os colegas (...)

- *(...) Para a deficiência que ele tem, ele é um miúdo super desenrascado, muito alegre (...)*
- *(...) Sinto que ele é um miúdo super alegre, consegue fazer as coisas, muitas vezes nós perguntamos se consegue, pensando que ele não consegue (...)*
- *(...) eu não sinto que ele tivesse tido dificuldades (...)*
- *(...) os colegas também o receberam bastante bem, estão sempre preocupados com ele, ou levam-lhe a cadeira ou trazem-lhe a cadeira (...)*
- *(...) O grupo em si também fez com que a adaptação dele também corresse bem e ele se sentisse logo integrado (...)*
- *(...) eles integraram-no bem (...)*
- *(...) Ele gosta muito de brincar na terra (...)*
- *(...) estão muitas vezes com ele a brincar na terra, outras vezes andam com ele na cadeira e anda um atrás a empurrá-lo (...)*
- *(...) E com as outras salas eu também vejo que todos brincam com ele (...)*
- *(...) o João é muito brincalhão, ele gosta muito de brincar (...)*
- *(...) Se calhar, avaliando assim, é mais ele a puxar a brincadeira (...)*
- *(...) parte mais do João o brincar (...)*
- *(...) Os outros também o chamam para brincar, ele não fica à parte (...)*
- *(...) eles brincam todos juntos (...)*

Anexo X – Pré-categorização da entrevista à família da criança com NEE

Tema	Respostas
<p>Inclusão de crianças com NEE na educação regular</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>No momento da inscrição não há nada no formulário da instituição que questione (...)</i> • (...) <i>não está lá campo nenhum que pergunta se a criança tem necessidades educativas especiais (...)</i> • (...) <i>não estão preparadas (...)</i> • (...) <i>Os próprios profissionais têm receio (...)</i> • (...) <i>Alguns admitem ter medo de receber uma criança assim e até que as recebam e se adaptem a elas têm muito medo (...)</i> • (...) <i>eu não acho justo colocarem tantas dificuldades (...)</i> • (...) <i>Colocam dificuldades de acessibilidade, das rampas, das portas, colocam dificuldades na casa de banho, dos assentos, da sanita, sendo que, mesmo com todas as deficiências físicas e motoras que ele tem, ele consegue usar as instalações (...)</i> • (...) <i>eu penso que parte da equipa integrar a criança ao espaço que tem (...)</i> • (...) <i>A criança... ela até se adapta melhor do que as outras, penso eu (...)</i> • (...) <i>falta só um pouquinho de... de... de persistência e de aceitação dos estabelecimentos (...)</i> • (...) <i>De perderem o receio em receber crianças com essas necessidades (...)</i> • (...) <i>Vale mais adaptar a criança àquele espaço e fazer ela superar aquela dificuldade (...)</i> • (...) <i>as escolas também têm que adaptar a criança ao espaço que ela tem (...)</i>

	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>Igualdade (...)</i> • (...) <i>com os amigos, igualdade nas atividades, igualdade nos direitos, nos deveres (...)</i> • (...) <i>ele aprendeu a relacionar-se com outras crianças (...)</i>
<p>Razões da escolha da instituição</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>desde que a criança tinha menos idade, 1 ano ou 2, nunca encontrei uma instituição que eu aceitasse (...)</i> • (...) <i>Quando consegui uma vaga para a creche ele já tinha 2 anos (...)</i> • (...) <i>Depois não consegui a transferência dele da creche para o jardim de infância, não transitou dentro da mesma instituição (...)</i> • (...) <i>A única instituição que eu aceitei foi uma instituição, vamos dizer assim, de ensino privado (...)</i> • (...) <i>Eu pagava a mensalidade na totalidade (...)</i> • (...) <i>Foi onde ele esteve 2 anos antes de vir para cá (...)</i> • (...) <i>Dentro da mesma instituição havia o regime de creche e jardim de infância (...)</i> • (...) <i>Ele já estava [na primeira instituição que frequentou] e não conseguiu transitar para Faro (...)</i> • (...) <i>Disseram que não havia vagas (...)</i> • (...) <i>Foi aí onde eu o coloquei [na anterior instituição] (...)</i> • (...) <i>sem participação familiar alguma (...)</i> • (...) <i>eu fui à procura de outras, justamente para ele não ficar em casa, porque eu penso que é em casa que ele não se inclui (...)</i>

	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>Somente por questões financeiras (...)</i> • (...) <i>Porque [a anterior instituição] não tinha participação familiar alguma, então eu tinha que pagar mensalidade na totalidade do valor (...)</i> • (...) <i>a nível de inclusão ele estava muito bem (...)</i> • (...) <i>Aqui há participação familiar, então a mensalidade é reduzida de uma forma bem significativa (...)</i> • (...) <i>procurei em todas as outras que eu tinha conhecimento que eram participadas. Mas, entretanto, nenhuma o chamou (...)</i> • (...) <i>A única que o chamou [foi a atual instituição] (...)</i> • (...) <i>vim para [a atual instituição] porque também não tinha outra opção (...)</i> • (...) <i>eu penso que foi sempre por causa da necessidade educativa especial (...)</i> • (...) <i>Deixaram de o chamar (...)</i>
<p>Relação Família/JI</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>Correu muito bem (...)</i> • (...) <i>Tem sido muito boa (...)</i> • (...) <i>participo, também, na reunião com os outros pais (...)</i> • (...) <i>Os outros pais também têm um pouco de curiosidade (...)</i> • (...) <i>também se interessam um pouco pela dificuldade dele (...)</i> • (...) <i>Mas eu participo normalmente nas atividades com os outros pais e a educadora tem sido bastante presente (...)</i>

- (...) Também já estive presente numa reunião com a equipa de reabilitação (...)
- (...) eu acho que foi muito importante ela participar junto com a equipa de reabilitação, conhecer um pouco sobre os problemas e as dificuldades dele (...)
- (...) eu acho que a equipa do jardim de infância também tem que se integrar com a equipa que trata dessas crianças (...)
- (...) estou muito presente na instituição, estou sempre a participar e ele também está sempre incluído em tudo (...)
- (...) nesse aspeto não tenho nada, nada a mencionar (...)
- (...) É boa, é muito boa a relação com a família e a escola (...)
- (...) Diálogo (...)
- (...) Persistência (...)
- (...) Muito diálogo e muita paciência (...)
- (...) compreensão (...)
- (...) Compreensão da equipa que está com ele (...)
- (...) entrarmos num acordo, num consenso (...)
- (...) Ele se sente mais familiarizado, se sente mais acolhido (...)
- (...) ele conta em casa sobre o que se passa na escola e conta na escola o que se passa em casa (...)
- (...) faz muita ligação entre a relação de casa, com a família, com a escola (...)

- (...) *automaticamente, ele já faz uma ligação de tudo, ele vê a escola e a família como uma só (...)*
- (...) *ele quer incluir tudo (...)*
- (...) *A própria criança já quer fazer ser um todo, ser um só (...)*
- (...) *Então ele já tem uma preocupação com a equipa e em casa ele já se preocupa (...)*
- (...) *Ele quer que a equipa faça parte (...)*
- (...) *ele vê a equipa um pouco também como família (...)*
- (...) *penso que podia ser um pouco mais pessoal (...)*
- (...) *Às vezes fazem muito através de bilhetes, de papéis, de recados (...)*
- (...) *Eu acho que podia haver um pouquinho mais de comunicação, conversar, talvez, perguntar se sim, perguntar se não (...)*
- (...) *eu acho só que devia falar um pouco primeiro com os pais, depois transmitir a informação para a criança (...)*
- (...) *Passar primeiro um pouquinho pelos pais, depois transmitir aquilo para a criança (...)*
- (...) *Não há um contacto pessoal (...)*
- (...) *sempre comunicar, sempre falar (...)*
- (...) *Falar, questionar ou informar (...)*
- (...) *Eu tento fazer sempre por aí, falar, procurar diretamente a educadora e a equipa que está com ele diariamente e falar (...)*

- (...) *diariamente* (...)
- (...) *Sempre que acontece qualquer coisa que eu pense que vai interferir no dia dele ou na rotina dele na escola, eu procuro comunicar* (...)
- (...) *Estão sempre disponíveis e nesse aspeto eu também não tenho nada a queixar, nada a reclamar* (...)
- (...) *Estão sempre bem dispostos a receber informações e a comunicar* (...)
- (...) *essa é uma relação que já está bem estabelecida* (...)
- (...) *Agente tem uma boa relação* (...)
- (...) *está equilibrado* (...)
- (...) *Chegámos a um ponto de equilíbrio* (...)
- (...) *eu procuro sempre um contacto diário e vou atualizando sempre o que eu acho de importância* (...)
- (...) *eu procurei colaborar ao máximo para facilitar esse processo* (...)
- (...) *nas feirinhas ou nas festinhas ou na dança, quando eles vão apresentar alguma coisa como foi na festa de fim de ano, festa de Natal* (...)
- (...) *Sempre que possível eu venho* (...)
- (...) *eu nunca faltei* (...)
- (...) *Em todas as que fizeram, eu estive presente* (...)
- (...) *porque a própria criança sente que eu estou feliz ao lado dele e que eu não tenho vergonha e que eu não falto* (...)

	<ul style="list-style-type: none"> • (...) eu não deixo essa lacuna, eu não deixo ele sentir essa falta da família (...) • (...) eu tento estar presente em tudo (...) • (...) no princípio foi muito difícil (...) • (...) mas agora não (...) • (...) No início existiram conflitos (...) • (...) A relação com a administração da escola foi conflituosa (...) • (...) Com a parte docente não (...) • (...) mais a parte da administração, da matrícula, da recepção (...) • (...) com a burocracia (...) • (...) relacional sempre correu bem (...) • (...) os receios da instituição, das instalações, mais por parte do pessoal, não da família (...) • (...) A família nunca teve dúvida de que a criança fosse capaz de se adaptar. Mais a instituição (...) • (...) Nem a criança tem receio, nem a família tem receio, mas as instituições têm (...)
<p>Processo de inclusão no JI</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) E agora para inscrever ele aqui também foi muito difícil, quase não o aceitavam (...) • (...) Só depois de muita guerra da família com a escola é que o aceitaram (...) • (...) entretanto, foi muito difícil e não, não o queriam aceitar (...) • (...) neste ano que está a decorrer, só conseguiu também por muita briga da família (...)

- (...) eu particularmente como mãe tive que insistir muito, tive que debater, tive que procurar abrigos dentro da lei, tive que procurar muitas coisas para me defender. Porque senão ele não tinha sido integrado no ensino regular (...)
- (...) A instituição o chamou porque não sabia da existência de um carácter de necessidades educativas especiais (...)
- (...) eles chamaram (...)
- (...) no momento da matrícula, quando souberam que tinha necessidades educativas especiais, disseram que a instituição não tinha condições de receber a criança (...)
- (...) eu fui procurar abrigos na lei, vim conhecer a instituição, certifiquei que tem condições, tem espaço e depois de intervir, intervir, falar, falar e falar eu consegui uma vaga (...)
- (...) Eles tinham muito receio em recebê-lo, mas nem haviam estado com ele (...)
- (...) eu penso que se fosse uma necessidade a nível cognitivo, de repente seria mais difícil (...)
- (...) ele é uma criança muito autónoma (...)
- (...) não precisam modificar o espaço por completo (...)
- (...) ela [a criança] já tem que superar a dificuldade, então quando ela encontra um espaço novo, automaticamente ela já se adapta (...)
- (...) Ele mesmo sabe os limites dele (...)
- (...) a partir do momento que superaram este medo, este receio em receber a criança, integraram muito bem a criança com os amigos (...)
- (...) a partir do momento em que o aceitaram e superaram essa fase inicial do medo, fizeram, sim, uma boa

inclusão e incluíram bem ele na instituição (...)

- (...) *ele próprio se incluiu (...)*
- (...) *Porque ele mesmo se adapta, ele se inclui (...)*
- (...) *tem outros estímulos (...)*
- (...) *ele aprendeu a relacionar-se com outras crianças (...)*
- (...) *ele aprende com a limitação dele e com as limitações dos amigos (...)*
- (...) *ele já teve que enfrentar os preconceitos dos amigos (...)*
- (...) *essa fase já está ultrapassada (...)*
- (...) *sente-se bem, sente-se integrado, já não há aquela fase de preconceito, ele já não se sente discriminado pelos colegas (...)*
- (...) *Quando surge algo que é menos bom para ele, que ele não considera tão agradável, ele também conta (...)*
- (...) *já teve dificuldades (...)*
- (...) *Os amigos questionarem o porquê de ele não andar, o porquê de não correr, o porquê de jogar a bola sentado (...)*
- (...) *Já aconteceu de algum amigo falar “Eu não jogo contigo porque eu jogo de pé” (...)*
- (...) *ele também supera porque ele sabe responder bem e ultrapassa (...)*
- (...) *supera-se, sempre (...)*

- (...) *ele esteve com o mesmo grupo durante 2 anos, então eu tive receio que começar num grupo novo fosse atrasar o desenvolvimento dele, fosse criar dificuldades para ele (...)*
- (...) *tive bastante receio no princípio (...)*
- (...) *ele estava habituado já a um grupo (...)*
- (...) *o novo assusta ele um pouco (...)*
- (...) *ele sabe que sempre que há uma situação nova vão vir novos questionamentos (...)*
- (...) *As crianças vão questionar, as crianças vão perguntar, então essa fase inicial gera muita dúvida (...)*
- (...) *era como voltar à primeira turma da creche (...)*
- (...) *Porquês, porquês, porquês (...)*
- (...) *os preconceitos (...)*
- (...) *foi muita dúvida, muita preocupação (...)*
- (...) *a cabeça da família e da mãe andava mesmo muito preocupada (...)*
- (...) *Afeta a todos, a todos (...)*
- (...) *Completamente (...)*
- (...) *hoje ele se sente completamente incluído (...)*
- (...) *no princípio é sempre muito difícil, desde a inscrição, desde o chamar a família, desde o aceitar a criança (...)*
- (...) *Só foi superado porque...o corpo docente, os profissionais foram maravilhosos e porque a criança tem*

	<p><i>muita força de vontade (...)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>falta o impulso inicial, falta boa vontade, penso eu, de receber estas crianças (...)</i> • (...) <i>agora já está todo o processo finalizado (...)</i> • (...) <i>Já fizeram muito (...)</i> • (...) <i>Já superaram, penso eu, tudo o que tinha para ser superado (...)</i> • (...) <i>era o preconceito (...)</i> • (...) <i>O medo do desconhecido, o medo da dificuldade, o medo das limitações dele (...)</i> • (...) <i>já não há nada mais que eles precisem se esforçar (...)</i> • (...) <i>Tenho algum receio... da nova escola (...)</i> • (...) <i>novos preconceitos, novas dificuldades nas matrículas, nas inscrições, vai começar todo o processo agora novamente (...)</i>
<p>Processo de inclusão na sala de atividades</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>Os amigos o aceitaram muito bem (...)</i> • (...) <i>a educadora fez com que a turma o recebesse bem, em preparar a turma, em falar das dificuldades dele com a turma (...)</i> • (...) <i>Já incluíram ele nas tarefas (...)</i> • (...) <i>Se um amigo não quer fazer, ele vai fazer com outro (...)</i> • (...) <i>Logo de princípio ele fez uma grande amizade com uma menina da sala, então ele já se afeiçoou logo a essa menina (...)</i>

- (...) *uma coisa que eu acho que foi interessante e também criou alguns conflitos na sala, foi o facto de eles trazerem brinquedos de casa. É uma coisa simples mas que o ajudou a integrar (...)*
- (...) *o trazer brinquedos e partilhar o brinquedo com os amigos já fez ele se aproximar com o grupo e fez com que as crianças aceitassem ele (...)*
- (...) *Partilhar os mesmos gostos, os mesmos brinquedos (...)*
- (...) *o grupo aceitou bem ele (...)*
- (...) *Fizeram questionamentos (...)*
- (...) *a sala já estava bem preparada para o receber (...)*
- (...) *por parte da educadora, ela conversou com as crianças antes, disse que ele viria, disse que ele tinha outras necessidades, disse que ele usava cadeirinha de rodas (...)*
- (...) *Antes de ele vir, os amigos já estavam mais ou menos à espera (...)*
- (...) *ele já aprendeu a responder, ele já aprendeu a explicar o que ele tem, já aprendeu a se defender (...)*
- (...) *a educadora ter preparado a turma antes foi muito positivo... foi um facto muito positivo (...)*
- (...) *vou tentar que para o próximo ano letivo ele mantenha-se próximo, na mesma escola que os amigos que ele tem tido agora (...)*
- (...) *Vou tentar que ele vá para a escola primária com alguns amigos deste grupo (...)*
- (...) *Para ele já seguir sem aquela preocupação inicial de não conhecer nenhuma criança (...)*
- (...) *como ele está bem integrado no grupo, vou tentar que ele transite com algumas crianças para o primeiro ciclo... que ele vá com algumas crianças já conhecidas (...)*

Anexo XI – Categorização da entrevista à coordenadora pedagógica

EDUCAÇÃO INCLUSIVA		
SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Significado de educação inclusiva	Saber viver em sociedade	<p>(...) começa aqui a educação, a socialização das crianças para puderm um dia serem uns adultos diferentes, saberem olhar para o lado e darem a mão a quem precisa (...)</p> <p>(...) No fundo é educá-los para viverem em sociedade, para a socialização (...)</p>
	Respeito pela diferença	<p>(...) as pessoas têm que se habituar, também, a lidar com crianças que são de outras raças, que são de outros meios, de outras culturas (...)</p> <p>(...) eu acho que uma educação inclusiva é enriquecedora quer para um lado, quer para outro, quer para uma criança diferente das outras todas, da maioria, quer para as crianças que estão em maioria, mais ou menos iguais ou parecidas (...)</p> <p>(...) É bom para as outras crianças, também, habituarem-se às diferenças, saberem lidar com elas (...)</p> <p>(...) está a fazer com que eles aprendam a lidar com estas diferenças (...)</p> <p>(...) no mundo somos todos diferentes, às vezes necessitamos de ser todos um pouco mais parecidos uns com os outros (...)</p> <p>(...) uma educação inclusiva é uma educação em que há respeito pelas diferenças (...)</p> <p>(...) Cada criança é um mundo, somos todos iguais mas no fundo não</p>

		<i>somos (...)</i>
Inclusão de crianças com NEE no ensino regular	Depende das deficiências	<i>(...) eu acho que existem deficiências que podem, perfeitamente, (...) ser inclusas (...) num ensino normal (...)</i> <i>(...) há outras deficiências que podem e devem estar com as outras crianças, é bom para ambos (...)</i>
IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO JI		
SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Trabalhar as representações sociais	Combater atitudes de exclusão	<i>(...) existem comportamentos porque vêm de meios diferentes, principalmente numa instituição como esta que é uma IPSS, em que há crianças que vêm de vários meios (...)</i> <i>(...) não é a criança que é maldosa, às vezes é o próprio adulto que tem atitudes menos favoráveis (...)</i>
Positivo para todas as crianças	Vantajoso para ambas as partes	<i>(...) acho que é sempre vantajoso para ambas as partes (...)</i> <i>(...) pode-se diferenciar pelo lado positivo (...)</i>
Positivas para a criança com NEE	Contacto com as outras crianças	<i>(...) pode estar no meio das outras (...)</i> <i>(...) são crianças e acho que todas elas devem estar em contacto umas com as outras (...)</i>
	Fazer aprendizagens	<i>(...) e fazer aprendizagens com a ajuda das outras (...)</i>
RELAÇÃO FAMÍLIA/JI		
SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Envolvimento ativo	Mãe participante	<i>(...) É participativa (...)</i> <i>(...) Que se envolve (...)</i> <i>(...) é de contacto muito fácil (...)</i>

		<p>(...) <i>Se agente a chamar ela envolve-se nas atividades (...)</i></p> <p>(...) <i>pelo que eu conheço da mãe não há grandes estratégias para se utilizar com ela porque ela é uma pessoa que se envolve rapidamente (...)</i></p> <p>(...) <i>não a vejo a rejeitar (...)</i></p>
Relação de confianças	Mãe confia	<p>(...) <i>é uma mãe que confia em nós, é uma mãe que não levanta problemas, que não é desconfiada (...)</i></p> <p>(...) <i>ela confia (...)</i></p> <p>(...) <i>é uma mãe que, a partir do momento que confiou, entregou (...)</i></p> <p>(...) <i>a mãe não se importa que ele se arraste pelo chão, não tem que estar sempre sentado na cadeirinha de rodas (...)</i></p>
Boa comunicação entre família e JI	Diálogo permanente com o JI	<p>(...) <i>um contacto diário que se vai questionando (...)</i></p> <p>(...) <i>a própria mãe vai-nos questionando (...)</i></p> <p>(...) <i>se nós temos alguma dúvida também perguntamos à mãe (...)</i></p> <p>(...) <i>isso é quase diário (...)</i></p> <p>(...) <i>não quer dizer que tenhamos sempre que fazer reuniões específicas com esta mãe, acho que nem sequer existe essa necessidade (...)</i></p>
PROCESSO DE INCLUSÃO DA CRIANÇA NO JI		
SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Processo de inclusão positivo	Sem rejeição	<p>(...) <i>Nós nunca rejeitámos (...)</i></p> <p>(...) <i>Não pode ser uma a estar disponível e a remar a favor, e estar o resto do pessoal todo a implicar e a não querer e a não gostar e a</i></p>

		<p><i>fazer guerra contra essa criança (...)</i></p> <p><i>(...) Ninguém rejeita ajudá-lo (...)</i></p> <p><i>(...) É muito importante que toda a gente, a comunidade educativa, de uma instituição esteja atenta a estas questões (...)</i></p>
Dificuldades na inclusão de uma criança com NEE	Falta de pessoal	<p><i>(...) é a falta de pessoal, às vezes, para dar resposta a uma criança que tenha um comportamento um pouco mais agitado (...)</i></p>
Identificação das necessidades da criança	Conhecer as necessidades do João	<p><i>(...) a primeira abordagem foi logo saber quais eram as necessidades que o João tinha (...)</i></p> <p><i>(...) foi (...) a mãe, que explicou como é que era o João, quais eram as suas necessidades, o que é que nós tínhamos de fazer (...) para que a integração do João fosse, também, de uma forma suave e boa, para que ele se sentisse bem na instituição (...)</i></p>
Espaço físico	Adaptado	<p><i>(...) estava tudo devidamente adaptado. A casa de banho já tem uma sanita própria (...)</i></p> <p><i>(...) a casa de banho está adaptada para ele (...)</i></p>
Processo sem dificuldades	Processo fácil	<p><i>(...) No caso do João tem sido muito fácil (...)</i></p>
Diálogo com a família	Atitude normal	<p><i>(...) a família teve uma grande importância (...)</i></p> <p><i>(...) Sim, toma [iniciativa] (...)</i></p> <p><i>(...) Tem uma atitude normalíssima (...)</i></p>
	Comunicação boa e fácil	<p><i>(...) Boa [comunicação] (...)</i></p> <p><i>(...) a comunicação tem sido muito fácil com esta mãe, porque é uma mãe que aceita o que agente lhe diz (...)</i></p>

		<p>(...) <i>[A comunicação] Tem sido a base de tudo o resto (...)</i></p> <p>(...) <i>ela pareceu-me satisfeita com as respostas que se lhe deu (...)</i></p> <p>(...) <i>Não me lembro de ter havido alguma questão que não lhe tenha sido respondida de maneira a que ela, realmente, ficasse na dúvida (...)</i></p> <p>(...) <i>nunca levantou questões que nos levassem a pensar que ela estaria com uma atitude desconfiada (...)</i></p>
	Respostas dadas à família	
Preparar as restantes crianças	Falar com as crianças	<p>(...) <i>eu acho que é obrigação do jardim de infância, obrigação de nós, profissionais da educação, fazermos essa abordagem e passarmos essas noções às crianças, acho que faz parte do nosso papel (...)</i></p> <p>(...) <i>foi-lhes comunicado que tínhamos uma criança diferente que andava numa cadeirinha de rodas (...)</i></p> <p>(...) <i>Foi-lhes explicado e, pronto, foi tudo muito natural (...)</i></p> <p>(...) <i>às vezes é necessário haver essa comunicação, essa conversa prévia com as crianças para elas perceberem e aceitarem as coisas de uma forma natural (...)</i></p> <p>(...) <i>sempre que ele necessitasse de ajuda, eles deveriam ajudar porque era um amigo novo dentro da instituição (...)</i></p>
Preparar toda a equipa profissional	Através de reuniões	<p>(...) <i>nós passámos a informação umas às outras de como é que tínhamos de o pôr na sanita, que tipo de ajuda é que tínhamos que dar caso ele necessitasse de alguma de nós, o que é que tínhamos que fazer (...)</i></p> <p>(...) <i>nós temos reuniões mensais, todos os meses há uma reunião onde vem o pessoal todo, não só pessoal do jardim de infância, mas também o pessoal da creche (...)</i></p>

		<p>(...) nestas reuniões é abordada esta questão das diferenças (...)</p> <p>(...) é um dos assuntos sobre o qual nós costumamos falar (...)</p>
	Informalmente	<p>(...) fomos passando a informação umas para as outras à medida que a mãe nos foi passando (...)</p> <p>(...) foi de uma forma muito natural (...)</p>
Bom acolhimento por parte das crianças do JI	Aceitação sem problemas	<p>(...) aceitaram-no muito bem (...)</p> <p>(...) Nunca vi assim nenhuma a ter uma atitude mais negativa para com o João (...)</p> <p>(...) o resto das crianças aqui das outras duas salas, acho que, por imitação das crianças do grupo em que o João pertencia, acabaram (...) por aceitar (...)</p> <p>(...) essa criança dos 3 anos vem-nos chamar para irmos ajudar o João a fazer aquilo que ele está a pedir (...)</p>
Bom acolhimento por parte das crianças da sala	Boa aceitação	<p>(...) eles aceitaram muito bem (...)</p> <p>(...) As crianças não fizeram nenhuma diferença, aceitaram muito bem (...)</p> <p>(...) acabaram por aceitar tudo isto de uma forma natural (...)</p>
Aceitação por parte das famílias	Há sempre alguém com uma atitude mais desconfiada	(...) Numa instituição onde há 75 crianças é natural que haja sempre uma mãe ou um pai que tenha uma atitude mais desconfiada, mais desconfortável (...)
	Houve aceitação	(...) nunca vi ninguém que das outras famílias (...) pusesse alguma questão ou que olhasse de uma forma diferente para o João (...)
INCLUSÃO NA SALA DE ATIVIDADES		
SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
		(...) , ajudam a sair da cadeira de rodas de for necessário, a pô-lo na

Interação com outras crianças	Ajuda à criança	<p><i>cadeira de rodas, ajudam-no a ir à casa de banho (...)</i></p> <p><i>(...) Quando o João pede ajuda, todo o mundo vai e ajuda (...)</i></p> <p><i>(...) quem estiver por perto ajuda-o a pendurar-se para poder fazer e ele fica todo contente (...)</i></p> <p><i>(...) para eles é perfeitamente normal vir-nos pedir a ajuda, porque eles não conseguem porque são pequeninos e, então, vêm pedir a ajuda de um adulto para ajudar uma outra criança (...)</i></p> <p><i>(...) fazem isto de uma forma muito natural, como se a criança fosse da sala deles e eles têm a noção perfeita de que a criança necessita dessa ajuda, então fá-lo (...)</i></p>
	Ajuda aos adultos da sala	<i>(...) prestam uma série de ajudas ao adulto, neste caso, às pessoas da sala, e, ao mesmo tempo, àquela criança que necessita, às vezes, de alguma ajuda (...)</i>
	Expressão de afeto	<i>(...) As outras crianças são muito carinhosas para ele (...)</i>
	Participação em brincadeiras	<p><i>(...) Ele sai da cadeira de rodas e vai para o chão às vezes jogar à bola, em vez de jogar com os pés joga com as mãos (...)</i></p> <p><i>(...) Uma vez é o João que toma iniciativa para brincar, outras vezes são as outras crianças que pedem, que o chamam para brincar com eles (...)</i></p>
Postura positiva da educadora	O importante papel da educadora	<p><i>(...) se a educadora, as pessoas responsáveis na sala, tiverem uma atitude positiva de entreaajuda, podem levar o grupo a ajudar essa mesma criança e isso, portanto, é bom para ambas (...)</i></p> <p><i>(...) A educadora da sala é que tem tido um papel mais preponderante</i></p>

		(...)
	Diálogo com o restante grupo	(...) eles puseram a questão porque é que ele estava numa cadeirinha de rodas, foi-lhes explicado que ele nasceu assim sem perninhas, que às vezes acontece, que as perninhas dele estão muito fraquinhas e, por isso, precisam do apoio de uma cadeira de rodas (...) (...) nunca houve assim uma estratégia, foi sempre tudo muito, muito fácil (...)
Boa inclusão da criança	Sem dificuldades	(...) Ele anda perfeitamente bem na cadeirinha de rodas (...) (...) Acho que ele tem lidado bem com isto (...) (...) Eu acho que ele está perfeitamente incluído (...) (...) Faz tudo normalmente como outra criança qualquer (...) (...) No caso do João não vejo nenhuma dificuldade (...)
PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO		
SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Na preparação dos profissionais	A importância do tratamento normalizado	(...) eu lembro-me que quando o João entrou, eu voltei a falar da importância do tratamento normalizado (...)
Posição assertiva junto da equipa de profissionais	Exigir um comportamento inclusivo	(...) elas sabem o que é que eu penso acerca deste assunto, sabem que eu não gosto que se faça diferenças nas pessoas e muito menos nas crianças (...) (...) sabendo o que eu penso sobre este assunto, eu penso que não se atrevem a fazer diferenças (...) (...) Eu, como diretora, nunca rejeitei crianças com deficiência ou crianças que vêm de meios (...) baixos (...)

		<p>(...) <i>Nunca rejeitei crianças de outras raças, de outras culturas (...)</i></p> <p>(...) <i>Enquanto coordenadora eu não podia, nunca, admitir que uma criança como o João, ou uma criança que seja diferente, fosse rejeitada seja por quem fosse (...)</i></p> <p>(...) <i>Nunca me passaria pela cabeça fingir que não via (...)</i></p>
	Contribuir para a aceitação da criança	(...) <i>por outro lado, levar as pessoas da instituição a aceitarem como trabalhar com a criança, aceitarem aquela criança diferente (...)</i>
Criar ambiente de confiança	Confiança	(...) <i>eu confio nas pessoas, eu confio na equipa (...)</i>
Assegurar a comunicação entre JI/Família	Comunicar com a família	(...) <i>Era, por um lado trabalhar com a família, dar apoio e levar a família a uma maior comunicação (...)</i>

Anexo XII – Categorização da entrevista à educadora da criança com NEE

EDUCAÇÃO INCLUSIVA		
SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Significado de educação inclusiva	Ter em atenção as necessidades de todas as crianças	(...) <i>Acho que devemos ver isso de inclusiva não só para crianças com necessidades educativas especiais mas, também, para com as outras crianças (...)</i>
		(...) <i>todas têm necessidades diferentes e acho que agente pensa muito na inclusão quando se trata de crianças deficientes e temos de ter essa preocupação. Mas acho que, depois, devemos olhar, também, o grupo com as suas características individuais e tentar sempre que todos se sintam integrados no grupo (...)</i>
Inclusão de crianças com NEE no ensino regular	Depende da deficiência	(...) <i>acho que depende da necessidade da criança (...)</i> (...) <i>Há necessidades educativas especiais de várias ordens e, se calhar, crianças com mais dificuldades a nível cognitivo, aí já requerem outro tipo de atenção (...)</i>
	A segurança da criança	(...) <i>concordo deste que seja feita com a segurança para a criança e que a criança tenha algum apoio específico (...)</i>
Formação dos educadores	Falta de formação exterior à instituição	(...) <i>eu acho que, nestes casos de crianças com necessidades educativas especiais, devia haver alguma coisa exterior à instituição (...)</i> (...) <i>nós sabemos que ele tem uma deficiência, nós tentamos adaptar as atividades que temos mas, se calhar, há outras formas de fazer e melhor do que aquilo que nós fazemos e nós não temos conhecimento (...)</i>
	Apoios necessários	(...) <i>a nível de qualquer coisa que nos apoiasse a nós (...)</i>
RELAÇÃO FAMÍLIA/JI		

SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Comunicação entre família e o JI	Diálogo permanente com o JI	<p>(...) <i>é, basicamente, através de diálogos (...)</i></p> <p>(...) <i>Quando surgem dúvidas há sempre uma conversa (...)</i></p>
	Disponibilidade do JI	<p>(...) <i>Eu acho que isso se deve muito também a nós, profissionais, mostrarmos à vontade e disponibilidade (...)</i></p> <p>(...) <i>mostrarmo-nos abertos e disponíveis para o diálogo e para conversarmos (...)</i></p> <p>(...) <i>Acho que o primeiro passo tem que partir de nós, mostrarmo-nos disponíveis (...)</i></p>
Identificação das necessidades da criança	Conversa inicial sobre as limitações da criança	<p>(...) <i>no início nós tivemos logo uma conversa sobre como é que iria ser a adaptação dele, as limitações que ele tinha (...)</i></p>
Apoios exteriores à instituição	Terapias e acompanhamento por parte da educadora	<p>(...) <i>temos também falado sobre as terapias que ele frequenta e sempre que há alguma questão a mãe fala comigo e eu com ela (...)</i></p> <p>(...) <i>Também já surgiu, porque ele está a frequentar a APPC, eu ir lá uma das vezes fazer a avaliação com a mãe e com as terapeutas (...)</i></p> <p>(...) <i>eu desloco-me às terapias e fazemos a avaliação (...)</i></p>
Envolvimento ativo	Mãe participante	<p>(...) <i>temos o projeto das histórias, ela já participou e fez com o João e mostrou-se sempre motivada (...)</i></p> <p>(...) <i>ela é uma pessoa bastante comunicativa e, depois, também é muito preocupada com o filho e isso também ajuda (...)</i></p>
Receios por parte da família	Preocupações existentes	<p>(...) <i>como ele tem aquela dificuldade, ela é muito preocupada (...)</i></p> <p>(...) <i>ela se preocupa sempre se ele se magoou muito no rabinho por se deslocar daquela forma (...)</i></p>

	Cansaço sentido	<i>(...) o João precisa de bastante apoio, bastante ajuda e, muitas vezes, eu noto que a mãe parece cansada e é normal pois é ela sozinha (...)</i>
Obstáculos no envolvimento com as famílias	Pouca envolvimento com as famílias	<i>(...) acho que ainda as podíamos envolver mais [as famílias] (...)</i>
	Pouco à vontade para...	<i>(...) Mas também é a tal coisa, agente entrar no mundo dela...também não me sinto à vontade para (...)</i>
Cooperação entre a família e o JI	Transmitir segurança e apoio à criança	<i>(...) acho que isso é meio caminho andado para a criança sentir-se segura, não só o João mas qualquer criança (...)</i> <i>(...) acho que é meio caminho andado para ele se sentir seguro e sentir que tanto tem o apoio da mãe e o apoio da educadora e auxiliares e do pessoal da instituição (...)</i> <i>(...) transparece ao João segurança e isso também o ajuda no processo de se incluir no grupo, de estar bem integrado, de gostar de vir para a escola, de não ter qualquer problema com os amigos (...)</i>
	Transmitir apoio à família	<i>(...) nós tentamos é que ela se sinta apoiada e que sinta que pode contar connosco no que precisar (...)</i>
Diferenciação comportamental por parte da família da criança com NEE	Preocupação acrescida	<i>(...) eu noto que ela tem uma preocupação acrescida que os outros pais não têm (...)</i> <i>(...) Noto nessas pequenas coisas que há mais preocupação mas também acho que é normal (...)</i>
PROCESSO DE INCLUSÃO DA CRIANÇA NO JI		
SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
	Susto inicial	<i>(...) logo quando agente ouviu falar assustamo-nos, mas depois é uma criança que consegue fazer tudo (...)</i> <i>(...) Quando eu soube, para mim foi um choque porque nunca tinha trabalhado com uma criança assim (...)</i>

<p>Reação à inclusão da criança no JI</p>	<p>Receios da educadora</p>	<p>(...) <i>eu, se calhar, senti mais receio e, se calhar, eu é que precisei de me adaptar do que ele (...)</i></p> <p>(...) <i>Era um conjunto de questões na cabeça (...)</i></p> <p>(...) <i>depois de falar com a mãe e depois de o conhecer, isso acalmou (...)</i></p> <p>(...) <i>A minha preocupação era o modo como ele se deslocava (...)</i></p> <p>(...) <i>Era uma criança nova, diferente, que se deslocava de uma forma diferente, então a minha preocupação foi mais nesse sentido porque a nível cognitivo ele não tem qualquer problema (...)</i></p> <p>(...) <i>ter receio de o grupo o pôr de lado e não o aceitar (...)</i></p> <p>(...) <i>De início, senti que o João era muito olhado (...)</i></p> <p>(...) <i>de início é muito preocupante e eu preocupei-me muito (...)</i></p> <p>(...) <i>Foi essa a minha preocupação no sentido de ele nunca se sentir excluído do que quer que seja, nem das atividades, nem da vida em grupo com os colegas (...)</i></p>
<p>A influência da deficiência</p>	<p>Especificidades da deficiência</p>	<p>(...) <i>ele consegue deslocar-se com autonomia e não precisa de grande auxílio nesse sentido, visto que a deficiência dele é a nível motor (...)</i></p> <p>(...) <i>se calhar, é das deficiências mais fáceis (...)</i></p> <p>(...) <i>Se fosse outra deficiência, mais profunda, aí, se calhar, ainda mais necessidade eu sentia de ter outro apoio (...)</i></p>

A influência da família	Posicionamento da família	<i>(...) a mãe sempre (...) tentou que nós o deixássemos andar livremente no chão, na cadeira, como ele quisesse, e a mim, o que me preocupava, era o facto de ele andar no chão e os outros tinham que se ambientar a isso (...)</i>
Espaço Físico	Adaptado	<i>(...) os acessos estão perfeitos para ele (...) (...) a instituição até... tendo em conta a deficiência dele, até está bem adaptada. Não tem assim nada que seja um perigo para ele (...)</i>
O papel da restante equipa	Interesse e empenho por parte das restantes educadoras	<i>(...) as colegas, também, quando nós não podemos ou estamos com outra tarefa também se mostram interessadas e empenhadas em o ajudar (...) (...) acho que temos uma equipa que se preocupa (...)</i>
	Falta de algum apoio	<i>(...) não é que não sinta apoio das minhas colegas e sinto, mas claro que cada uma está centrada no seu grupo e tem as suas preocupações, mas (...) poderíamos ainda comunicar mais também para me ajudar a mim (...)</i>
Preparar toda a equipa profissional	Apresentação da criança	<i>(...) entretanto, eu com as minhas auxiliares também falei sobre isso (...) (...) que era uma criança com necessidades educativas especiais a nível motor (...) foi feita uma apresentação (...) do João (...) (...) Quando ele vinha já toda a gente sabia a necessidade da criança (...)</i>
	Conversa prévia por parte da coordenadora pedagógica	<i>(...) houve essa conversa, a Isabel explicou-nos (...)</i>
	Tudo pode ser melhorado	<i>(...) agente pode sempre melhorar (...)</i>
Bom acolhimento		<i>(...) toda a gente o ajuda, toda a gente o conhece, mesmo os amigos</i>

por parte das crianças do JI	Aceitação sem problemas	<i>das outras salas são preocupados por ele (...)</i>
Aceitação por parte das famílias	Questionamentos	<i>(...) é uma criança diferente, chama a atenção e, pronto, os pais perguntavam, nós tentávamos explicar assim de uma forma rápida (...)</i>
Boa inclusão da criança	Sem grandes dificuldades	<i>(...) Eu acho que ele está incluído (...)</i> <i>(...) Nunca senti a adaptação dele forçada (...)</i> <i>(...) ele veio para a escola e parecia que já conhecia isto (...)</i> <i>(...) senti que a inclusão dele foi feita e que ele está totalmente incluído, quer na sala, quer adaptado às outras (...)</i>
	Características da criança	<i>(...) ele também é muito comunicativo e muito dado (...)</i> <i>(...) Para a deficiência que ele tem, ele é um miúdo super desenrascado, muito alegre (...)</i> <i>(...) Sinto que ele é um miúdo super alegre, consegue fazer as coisas, muitas vezes nós perguntamos se consegue, pensando que ele não consegue (...)</i>
INCLUSÃO NA SALA DE ATIVIDADES		
SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Interação com outras crianças	Ajuda à criança	<i>(...) os colegas também o receberam bastante bem, estão sempre preocupados com ele, ou levam-lhe a cadeira ou trazem-lhe a cadeira (...)</i>
	Curiosidade das restantes crianças	<i>(...) A curiosidade já eles tinham mesmo falando, porque não o tinham visto, mas acho que assim já estavam preparados para (...)</i>

		<p>(...) <i>Já sabiam que vinha um menino, vinha na cadeira de rodas e que era diferente deles no modo de se deslocar (...)</i></p>
	<p>Participação em brincadeiras</p>	<p>(...) <i>Ele gosta muito de brincar na terra (...)</i></p> <p>(...) <i>estão muitas vezes com ele a brincar na terra, outras vezes andam com ele na cadeira e anda um atrás a empurrá-lo (...)</i></p> <p>(...) <i>E com as outras salas eu também vejo que todos brincam com ele (...)</i></p> <p>(...) <i>o João é muito brincalhão, ele gosta muito de brincar (...)</i></p> <p>(...) <i>Se calhar, avaliando assim, é mais ele a puxar a brincadeira (...)</i></p> <p>(...) <i>parte mais do João o brincar (...)</i></p> <p>(...) <i>Os outros também o chamam para brincar, ele não fica à parte (...)</i></p> <p>(...) <i>eles brincam todos juntos (...)</i></p>
<p>Postura positiva da educadora</p>	<p>Estratégias utilizadas</p>	<p>(...) <i>o que eu tentei fazer com os da minha sala foi (...) ter uma conversa com eles, explicar as limitações que ele tinha, que era uma criança diferente deles, deslocava-se de maneira diferente mas que era para o tratarem de igual forma (...) aquela conversa inicial (...)</i></p> <p>(...) <i>O que eu tentei na sala é que eles tenham sempre as cadeiras arrumadas junto à mesa para ser fácil ele se deslocar (...)</i></p> <p>(...) <i>ele veio, nós apresentamo-nos, tivemos várias brincadeiras, jogos de apresentação, contei histórias, “O menino de todas as cores” (...)</i></p> <p>(...) <i>então usei essa história também como estratégia (...)</i></p>

		<p>(...) <i>na expressão motora e na dança, por vezes é difícil nós conseguirmos que ele faça as coisas, mas tentei sempre, nem que fizesse uma coreografia diferente ou, em vez de ele se deslocar daquela forma que não consegue, deslocar-se de outra forma (...)</i></p> <p>(...) <i>tentar sempre que ele não fique posto de lado (...)</i></p> <p>(...) <i>enquanto uns estão a correr, ele corre à maneira dele mas no chão (...)</i></p>
	A importância das estratégias utilizadas	(...) <i>acho que se o João chegasse ali e não tivesse havido aquela conversa as crianças ficavam, claro, curiosas (...)</i>
Dificuldades sentidas pela educadora	Adaptar as sessões das expressões	<p>(...) <i>se calhar sinto mais essa dificuldade a nível motor (...)</i></p> <p>(...) <i>Quando de faz as danças ou a expressão motora, a motricidade (...)</i></p> <p>(...) <i>eu tenho que adaptar um bocadinho consoante aquilo que eu acho que o vai ajudar (...)</i></p>
Sentimento positivo por parte da educadora	Surpresa por parte da educadora	(...) <i>Eu fiquei surpreendida com ele porque não estava à espera (...)</i>
Boa inclusão da criança	Sem dificuldades	<p>(...) <i>eu não sinto que ele tivesse tido dificuldades (...)</i></p> <p>(...) <i>nós conseguimos adaptar as atividades e conseguimos chegar a ele (...)</i></p> <p>(...) <i>O grupo em si também fez com que a adaptação dele também corresse bem e ele se sentisse logo integrado (...)</i></p> <p>(...) <i>eles integraram-no bem (...)</i></p>

Anexo XIII – Categorização da entrevista à família da criança com NEE

EDUCAÇÃO INCLUSIVA		
SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Significado de educação inclusiva	Igualdade	(...) <i>Igualdade (...)</i> (...) <i>com os amigos, igualdade nas atividades, igualdade nos direitos, nos deveres (...)</i>
Dificuldades na inclusão de crianças com NEE no ensino regular	Falta de preparação dos profissionais	(...) <i>não estão preparadas (...)</i>
	Receio dos profissionais	(...) <i>Os próprios profissionais têm receio (...)</i>
	Medo mas aceitaram	(...) <i>Alguns admitem ter medo de receber uma criança assim e até que as recebam e se adaptem a elas têm muito medo (...)</i>
	Falta de boa vontade	(...) <i>falta o impulso inicial, falta boa vontade, penso eu, de receber estas crianças (...)</i>
	Dificuldades de acessibilidades	(...) <i>eu não acho justo colocarem tantas dificuldades (...)</i> (...) <i>Colocam dificuldades de acessibilidade, das rampas, das portas, colocam dificuldades na casa de banho, dos assentos, da sanita, sendo que, mesmo com todas as deficiências físicas e motoras que ele tem, ele consegue usar as instalações (...)</i>
	Falta de persistência e aceitação	(...) <i>falta só um pouquinho de... de... de persistência e de aceitação dos estabelecimentos (...)</i> (...) <i>De perderem o receio em receber crianças com essas necessidades (...)</i>
IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO JI		
SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO

O papel da equipa	Deve partir da equipa	(...) <i>eu penso que parte da equipa integrar a criança ao espaço que tem (...)</i>
Trabalhar a adaptação da criança com NEE	Adaptação da criança ao espaço	(...) <i>Vale mais adaptar a criança àquele espaço e fazer ela superar aquela dificuldade (...)</i> (...) <i>as escolas também têm que adaptar a criança ao espaço que ela tem (...)</i>
Positivo para todas as crianças	Aprendizagens	(...) <i>ele aprende com a limitação dele e com as limitações dos amigos (...)</i>
Positivo para a criança com NEE	Aprender a relacionar-se	(...) <i>ele aprendeu a relacionar-se com outras crianças (...)</i>
	Fácil adaptação	(...) <i>A criança... ela até se adapta melhor do que as outras, penso eu (...)</i>
	Aprendizagens	(...) <i>ele já aprendeu a responder, ele já aprendeu a explicar o que ele tem, já aprendeu a se defender (...)</i>
RAZÕES DA ESCOLHA DA INSTITUIÇÃO		
SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Dificuldades na procura de instituições	Exigências por parte da família	(...) <i>desde que a criança tinha menos idade, 1 ano ou 2, nunca encontrei uma instituição que eu aceitasse (...)</i>
	Ter NEE foi fator de rejeição nas instituições	(...) <i>eu penso que foi sempre por causa da necessidade educativa especial (...)</i> (...) <i>Deixaram de o chamar (...)</i>
Percurso escolar da criança	Frequentou a creche noutra instituição	(...) <i>Quando consegui uma vaga para a creche ele já tinha 2 anos (...)</i>
	Falha na transição da creche para o JI	(...) <i>Depois não consegui a transferência dele da creche para o jardim de infância, não transitou dentro da mesma instituição (...)</i> (...) <i>Ele já estava [na primeira instituição que frequentou] e não</i>

		<p><i>conseguiu transitar para Faro (...)</i></p> <p><i>(...) Disseram que não havia vagas (...)</i></p> <p><i>(...) Foi aí onde eu o coloquei [na anterior instituição] (...)</i></p>
	Mudança para a instituição [para a anterior]	<p><i>(...) Foi onde ele esteve 2 anos antes de vir para cá (...)</i></p> <p><i>(...) Dentro da mesma instituição havia o regime de creche e jardim de infância (...)</i></p>
A escolha da atual instituição	Questões financeiras	<p><i>(...) Somente por questões financeiras (...)</i></p> <p><i>(...) Eu pagava a mensalidade na totalidade (...)</i></p> <p><i>(...) sem participação familiar alguma (...)</i></p> <p><i>(...) Porque o Arco-Íris não tinha participação familiar alguma, então eu tinha que pagar mensalidade na totalidade do valor (...)</i></p> <p><i>(...) Aqui há participação familiar, então a mensalidade é reduzida de uma forma bem significativa (...)</i></p> <p><i>(...) procurei em todas as outras que eu tinha conhecimento que eram participadas. Mas, entretanto, nenhuma o chamou (...)</i></p>
	Como a criança se sentia na anterior instituição	<i>(...) a nível de inclusão ele estava muito bem (...)</i>
	Foi a única instituição que aceitou a criança	<p><i>(...) A única que o chamou [foi a atual instituição] (...)</i></p> <p><i>(...) vim para [a atual instituição] porque também não tinha outra opção (...)</i></p>

RELAÇÃO FAMÍLIA/JI		
SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Envolvimento ativo	Mãe participante	<p>(...) participo, também, na reunião com os outros pais (...)</p> <p>(...) Mas eu participo normalmente nas atividades com os outros pais e a educadora tem sido bastante presente (...)</p> <p>(...) estou muito presente na instituição, estou sempre a participar e ele também está sempre incluído em tudo (...)</p> <p>(...) Sempre que possível eu venho (...)</p> <p>(...) eu nunca faltei (...)</p> <p>(...) Em todas as que fizeram, eu estive presente (...)</p> <p>(...) eu tento estar presente em tudo (...)</p>
	Colaboração nas atividades	<p>(...) eu procurei colaborar ao máximo para facilitar esse processo (...)</p> <p>(...) nas feirinhas ou nas festinhas ou na dança, quando eles vão apresentar alguma coisa como foi na festa de fim de ano, festa de Natal (...)</p>
Reflexo do envolvimento ativo na criança com NEE	Não deixar que a própria criança sinta falta do papel da família	<p>(...) porque a própria criança sente que eu estou feliz ao lado dele e que eu não tenho vergonha e que eu não falto (...)</p> <p>(...) eu não deixo essa lacuna, eu não deixo ele sentir essa falta da família (...)</p>
	Podia ser mais pessoal	<p>(...) penso que podia ser um pouco mais pessoal (...)</p> <p>(...) Às vezes fazem muito através de bilhetes, de papéis, de recados (...)</p>

Comunicação entre família e JI		<p>(...) <i>Eu acho que podia haver um pouquinho mais de comunicação, conversar, talvez, perguntar se sim, perguntar se não (...)</i></p> <p>(...) <i>Não há um contacto pessoal (...)</i></p> <p>(...) <i>eu acho só que devia falar um pouco primeiro com os pais, depois transmitir a informação para a criança (...)</i></p> <p>(...) <i>Passar primeiro um pouquinho pelos pais, depois transmitir aquilo para a criança (...)</i></p>
	Diálogo permanente com o JI	<p>(...) <i>sempre comunicar, sempre falar (...)</i></p> <p>(...) <i>Falar, questionar ou informar (...)</i></p> <p>(...) <i>Eu tento fazer sempre por aí, falar, procurar diretamente a educadora e a equipa que está com ele diariamente e falar (...)</i></p> <p>(...) <i>diariamente (...)</i></p> <p>(...) <i>Sempre que acontece qualquer coisa que eu pense que vai interferir no dia dele ou na rotina dele na escola, eu procuro comunicar (...)</i></p> <p>(...) <i>eu procuro sempre um contacto diário e vou atualizando sempre o que eu acho de importância (...)</i></p> <p>(...) <i>Estão sempre bem dispostos a receber informações e a comunicar (...)</i></p>
	Positiva	<p>(...) <i>Tem sido muito boa (...)</i></p> <p>(...) <i>nesse aspeto não tenho nada, nada a mencionar (...)</i></p>

A importância da relação entre os dois contextos		(...) <i>É boa, é muito boa a relação com a família e a escola (...)</i> (...) <i>essa é uma relação que já está bem estabelecida (...)</i> (...) <i>Agente tem uma boa relação (...)</i> (...) <i>relacional sempre correu bem (...)</i>
	A base dessa relação	(...) <i>Diálogo (...)</i> (...) <i>Persistência (...)</i> (...) <i>Muito diálogo e muita paciência (...)</i> (...) <i>compreensão (...)</i> (...) <i>Compreensão da equipa que está com ele (...)</i> (...) <i>entrarmos num acordo, num consenso (...)</i>
	Ponto de equilíbrio	(...) <i>está equilibrado (...)</i> (...) <i>Chegámos a um ponto de equilíbrio (...)</i>
	Disponibilidade da instituição	(...) <i>Estão sempre disponíveis e nesse aspeto eu também não tenho nada a queixar, nada a reclamar (...)</i>
	Mais familiarizado e acolhido	(...) <i>Ele se sente mais familiarizado, se sente mais acolhido (...)</i>
Reflexo dessa boa relação na criança com NEE		(...) <i>ele conta em casa sobre o que se passa na escola e conta na escola o que se passa em casa (...)</i> (...) <i>faz muita ligação entre a relação de casa, com a família, com a escola (...)</i>
	Escola e casa como um só	

		<p>(...) <i>automaticamente, ele já faz uma ligação de tudo, ele vê a escola e a família como uma só (...)</i></p> <p>(...) <i>ele quer incluir tudo (...)</i></p> <p>(...) <i>A própria criança já quer fazer ser um todo, ser um só (...)</i></p> <p>(...) <i>Quando surge algo que é menos bom para ele, que ele não considera tão agradável, ele também conta (...)</i></p>
PROCESSO DE INCLUSÃO DA CRIANÇA NO JI		
SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Dificuldades no processo de inscrição	Ausência de informações sobre NEE específicas da criança	<p>(...) <i>No momento da inscrição não há nada no formulário da instituição que questione (...)</i></p> <p>(...) <i>não está lá campo nenhum que pergunta se a criança tem necessidades educativas especiais (...)</i></p>
	Não queriam aceitar a criança devido às NEE	<p>(...) <i>E agora para inscrever ele aqui também foi muito difícil, quase não o aceitavam (...)</i></p> <p>(...) <i>no princípio foi muito difícil (...)</i></p> <p>(...) <i>mas agora não (...)</i></p> <p>(...) <i>no momento da matrícula, quando souberam que tinha necessidades educativas especiais, disseram que a instituição não tinha condições de receber a criança (...)</i></p> <p>(...) <i>A instituição o chamou porque não sabia da existência de um carácter de necessidades educativas especiais (...)</i></p>
	Existiram conflitos apenas com a	<p>(...) <i>No início existiram conflitos (...)</i></p> <p>(...) <i>A relação com a administração da escola foi conflituosa (...)</i></p>

	administração	(...) <i>Com a parte docente não (...)</i>
	Questões burocráticas	(...) <i>mais a parte da administração, da matrícula, da recepção (...)</i> (...) <i>com a burocracia (...)</i> (...) <i>no princípio é sempre muito difícil, desde a inscrição, desde o chamar a família, desde o aceitar a criança (...)</i>
Dificuldades na inclusão de uma criança com NEE	Receios por parte da instituição	(...) <i>os receios da instituição, das instalações, mais por parte do pessoal, não da família (...)</i> (...) <i>A família nunca teve dúvida de que a criança fosse capaz de se adaptar. Mais a instituição (...)</i> (...) <i>Nem a criança tem receio, nem a família tem receio, mas as instituições têm (...)</i> (...) <i>Eles tinham muito receio em recebê-lo, mas nem haviam estado com ele (...)</i>
	Receios por parte da família	(...) <i>ele esteve com o mesmo grupo durante 2 anos, então eu tive receio que começar num grupo novo fosse atrasar o desenvolvimento dele, fosse criar dificuldades para ele (...)</i> (...) <i>tive bastante receio no princípio (...)</i> (...) <i>foi muita dúvida, muita preocupação (...)</i> (...) <i>a cabeça da família e da mãe andava mesmo muito preocupada (...)</i> (...) <i>Afeta a todos, a todos (...)</i> (...) <i>era o preconceito (...)</i>

		<p>(...) <i>O medo do desconhecido, o medo da dificuldade, o medo das limitações dele (...)</i></p> <p>(...) <i>As crianças vão questionar, as crianças vão perguntar, então essa fase inicial gera muita dúvida (...)</i></p> <p>(...) <i>era como voltar à primeira turma da creche (...)</i></p> <p>(...) <i>Porquês, porquês, porquês (...)</i></p> <p>(...) <i>os preconceitos (...)</i></p>
	A persistência da família	<p>(...) <i>Só depois de muita guerra da família com a escola é que o aceitaram (...)</i></p> <p>(...) <i>entretanto, foi muito difícil e não, não o queriam aceitar (...)</i></p> <p>(...) <i>neste ano que está a decorrer, só conseguiu também por muita briga da família (...)</i></p>
	Abrigos na lei	<p>(...) <i>eu particularmente como mãe tive que insistir muito, tive que debater, tive que procurar abrigos dentro da lei, tive que procurar muitas coisas para me defender. Porque senão ele não tinha sido integrado no ensino regular (...)</i></p> <p>(...) <i>eu fui procurar abrigos na lei, vim conhecer a instituição, certifiquei que tem condições, tem espaço e depois de intervir, intervir, falar, falar e falar eu consegui uma vaga (...)</i></p>
	O medo de algo novo	<p>(...) <i>ele estava habituado já a um grupo (...)</i></p> <p>(...) <i>o novo assusta ele um pouco (...)</i></p> <p>(...) <i>ele sabe que sempre que há uma situação nova vão vir novos questionamentos (...)</i></p>
A influência da deficiência	A nível cognitivo seria mais difícil	<p>(...) <i>eu penso que se fosse uma necessidade a nível cognitivo, de repente seria mais difícil (...)</i></p>

A ação do JI após a aceitação da criança com NEE	Integraram após superar o medo	<p>(...) <i>eles chamaram (...)</i></p> <p>(...) <i>a partir do momento que superaram este medo, este receio em receber a criança, integraram muito bem a criança com os amigos (...)</i></p> <p>(...) <i>a partir do momento em que o aceitaram e superaram essa fase inicial do medo, fizeram, sim, uma boa inclusão e incluíram bem ele na instituição (...)</i></p>
Espaço físico	Adaptado	(...) <i>não precisam modificar o espaço por completo (...)</i>
O papel da restante equipa	Foram maravilhosos	(...) <i>Só foi superado porque...o corpo docente, os profissionais foram maravilhosos e porque a criança tem muita força de vontade (...)</i>
	Superaram as necessidades da criança	(...) <i>Já superaram, penso eu, tudo o que tinha para ser superado (...)</i>
	Já fizeram muito	<p>(...) <i>Já fizeram muito (...)</i></p> <p>(...) <i>já não há nada mais que eles precisem se esforçar (...)</i></p>
Reação inicial por parte das crianças do JI	Preconceitos	(...) <i>ele já teve que enfrentar os preconceitos dos amigos (...)</i>
	Questionamentos	(...) <i>Os amigos questionarem o porquê de ele não andar, o porquê de não correr, o porquê de jogar a bola sentado (...)</i>
	Discriminação	<p>(...) <i>Já aconteceu de algum amigo falar “Eu não jogo contigo porque eu jogo de pé” (...)</i></p> <p>(...) <i>já teve dificuldades (...)</i></p>
Boa inclusão da criança	Características da criança	<p>(...) <i>ele é uma criança muito autónoma (...)</i></p> <p>(...) <i>Ele mesmo sabe os limites dele (...)</i></p>
	Outros estímulos	(...) <i>tem outros estímulos (...)</i>

	Fácil adaptação	(...) <i>ela [a criança] já tem que superar a dificuldade, então quando ela encontra um espaço novo, automaticamente ela já se adapta (...)</i> (...) <i>Porque ele mesmo se adapta, ele se inclui (...)</i> (...) <i>ele próprio se incluiu (...)</i>
	Superação das dificuldades	(...) <i>ele também supera porque ele sabe responder bem e ultrapassa (...)</i> (...) <i>supera-se, sempre (...)</i>
	Sente-se integrado	(...) <i>sente-se bem, sente-se integrado, já não há aquela fase de preconceito, ele já não se sente discriminado pelos colegas (...)</i>
	Completamente incluído	(...) <i>Completamente (...)</i> (...) <i>hoje ele se sente completamente incluído (...)</i>
	Processo finalizado	(...) <i>agora já está todo o processo finalizado (...)</i> (...) <i>essa fase já está ultrapassada (...)</i>
Aceitação por parte das famílias	Curiosidade por parte dos outros pais	(...) <i>Os outros pais também têm um pouco de curiosidade (...)</i> (...) <i>também se interessam um pouco pela dificuldade dele (...)</i>
INCLUSÃO NA SALA DE ATIVIDADES		
SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Interação com outras crianças	Inclusão nas tarefas	(...) <i>Já incluíram ele nas tarefas (...)</i>
	Expressão de afeto	(...) <i>Logo de princípio ele fez uma grande amizade com uma menina da sala, então ele já se afeiçãoou logo a essa menina (...)</i>
	Questionamentos	(...) <i>Fizeram questionamentos (...)</i>
	Partilha de brinquedos	(...) <i>uma coisa que eu acho que foi interessante e também criou alguns conflitos na sala, foi o facto de eles trazerem brinquedos de casa. É uma coisa simples mas que o ajudou a integrar (...)</i>

		<p>(...) o trazer brinquedos e partilhar o brinquedo com os amigos já fez ele se aproximar com o grupo e fez com que as crianças aceitassem ele (...)</p> <p>(...) Partilhar os mesmos gostos, os mesmos brinquedos (...)</p> <p>(...) Se um amigo não quer fazer, ele vai fazer com outro (...)</p>
Postura positiva da educadora	Acompanhamento exterior à instituição	<p>(...) Também já estive presente numa reunião com a equipa de reabilitação (...)</p> <p>(...) eu acho que foi muito importante ela participar junto com a equipa de reabilitação, conhecer um pouco sobre os problemas e as dificuldades dele (...)</p>
	Diálogo com as crianças	<p>(...) a educadora fez com que a turma o recebesse bem, em preparar a turma, em falar das dificuldades dele com a turma (...)</p> <p>(...) por parte da educadora, ela conversou com as crianças antes, disse que ele viria, disse que ele tinha outras necessidades, disse que ele usava cadeirinha de rodas (...)</p> <p>(...) a educadora ter preparado a turma antes foi muito positivo... foi um facto muito positivo (...)</p>
	Preparação prévia da sala	(...) a sala já estava bem preparada para o receber (...)
Boa inclusão da criança	Aceitaram bem	<p>(...) Os amigos o aceitaram muito bem (...)</p> <p>(...) o grupo aceitou bem ele (...)</p>
	Já estavam preparados	(...) Antes de ele vir, os amigos já estavam mais ou menos à espera (...)

Anexo XIV – Diário de campo (10 de dezembro de 2013)

Diário de Campo

Jaro, 10 de dezembro de 2013

Localização : Instituição

Observações : observei que na casa de banho existe uma sanita adaptada para o João, com alguns apoios de lado para a criança se segurar. Contudo, todas as crianças podem utilizar essa sanita. Sempre que o João entra na casa de banho, as restantes crianças já sabem que o João tem prioridade e não utilizam a sanita, colocando-a à disposição do amigo.

Conclusões : Concluí que as restantes crianças já interiorizaram a ideia de que aquela sanita se destina ao João e que este tem prioridade na sua utilização. As crianças não rejeitam essa ideia, aceitando-a bastante bem.

Anexo XV - Diário de campo (6 de janeiro de 2014)

Diário de Campo

Foro, 6 de janeiro de 2014

Sociação: Instituição (espaço interior)

Hoje fiz questão de falar pessoalmente com a educadora do João, com o objetivo de conhecer alguns pormenores sobre as suas limitações e da sua inclusão no JI. A educadora destacou o facto de o João se tratar de uma criança que conhece bastante bem as suas limitações e de isso ser uma mais-valia para a sua inclusão no grupo e na instituição em geral.

Referiu que o João frequenta fisioterapia exterior à instituição e que já o acompanhou em algumas situações. Foi muito importante para conhecer todo o processo e para conhecer a forma como o João é acompanhado e seguido. A relação entre a família e a educadora é positiva e assenta no diálogo e na comunicação diária.

Anexo XVI – Diário de campo (21 de janeiro de 2014)

Diário de Campo	
Faro, 21 de janeiro de 2014	
(localização: espaço exterior da instituição (recreio))	
Descrição do momento	Conclusões / reflexões
<p>Hoje observei o João a brincar com as restantes crianças no recreio. As crianças empurravam-me a cadeira de rodas e incluíam-no em todas as brincadeiras.</p>	<p>Concluí que as restantes crianças não têm qualquer problema em brincar com o João, estando habituadas e demonstrando grande à vontade com a cadeira de rodas. Parece não existir quaisquer problemas no que respeita às brincadeiras no espaço exterior.</p>

Anexo XVII – Diário de campo (19 de fevereiro de 2014)

Diário de campo

Jão, 19 de fevereiro de 2014

Localização: Espaço exterior da instituição (recreio)

Observações: Observei o Jão a brincar com outras crianças de outras salas. O Jão não se focou apenas nas crianças do seu grupo e percebi que as restantes crianças encontram-se super familiarizadas e habituadas ao Jão, não notando ou dando destaque às suas limitações.

Observei-os a jogar à bola. O Jão sentado e a outra criança chuta-lhe a bola. O Jão fazia de guarda-redes e detinha a sua "baliza". Algo adaptado e simples que permitiu a inclusão do Jão na brincadeira.

Conclusões: Concluí que todas as crianças aceitam e incluem o Jão, respeitando as suas necessidades e limitações. Penso que se trata de algo bastante importante para o Jão e para todas as crianças no geral.

Anexo XVIII – Diário de campo (10 de março de 2014)

Diário de Campo

Faro, 10 de março de 2014

Localização: Instituto (espaço interior)

Hoje observei as crianças do grupo do João a transportá-lo do espaço exterior para a sala de atividades.

As crianças formaram um círculo e, no fim deste, uma menina empurrou, de forma super natural, a cadeira de rodas.

Ambas as crianças estavam felizes e com uma atitude natural e normal. Pelo que já tive oportunidade de observar, é algo que costuma ser habitual e que faz parte da rotina das crianças.